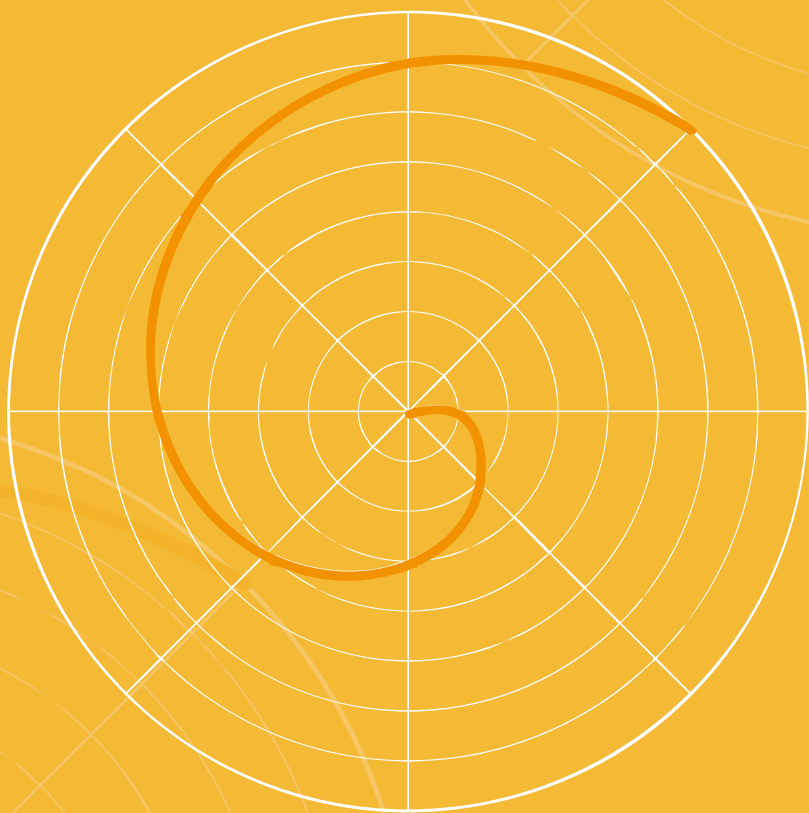


Isael da Silva Sousa

# O FUNCIONAMENTO DINÂMICO DA UNIDADE LINGÜÍSTICA *NOVO*

um estudo da significação sob o ponto de vista dos  
processos enunciativos



CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S725f

O funcionamento dinâmico de unidade linguística *novo*: um estudo da significação sob o ponto de vista dos processos enunciativos / Isael da Silva Souza. – Cáceres: Editora UNEMAT, 2024. 201 p.

ISBN: 978-85-7911-278-2

DOI: 10.30681/978-85-7911-278-2

1. Linguística. 2. Semântica. 3. Letras. I. O funcionamento dinâmico da unidade linguística *novo*. II. Isael da Silva Souza.

CDU 821

Israel da Silva Sousa

# **O FUNCIONAMENTO DINÂMICO DA UNIDADE LINGUÍSTICA *NOVO***

um estudo da significação sob o ponto  
de vista dos processos enunciativos



Cáceres - MT

2024

## **CONSELHO EDITORIAL**

Portaria nº 1629/2023

## **PRESIDENTE**

Maristela Cury Sarian

### **TITULARES**

**Josemir Almeida Barros**

*Universidade Federal de Rondônia - Unir*

**Lais Braga Caneppele**

*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

**Fabrcio Schwanz da Silva**

*Universidade Federal do Paraná - UFPR*

**Gustavo Rodrigues Canale**

*Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT*

**Greciely Cristina da Costa**

*Universidade Estadual de Campinas - Unicamp*

**Edson Pereira Barbosa**

*Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT*

**Rodolfo Benedito Zattar da Silva**

*Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT*

**Cácia Régia de Paula**

*Universidade Federal de Jataí - UFJ*

**Nilce Vieira Campos Ferreira**

*Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT*

**Marcos Antonio de Menezes**

*Universidade Federal de Jataí - UFJ*

**Flávio Bezerra Barros**

*Universidade Federal do Pará - UFPA*

**Luanna Tomaz de Souza**

*Universidade Federal do Pará - UFPA*

### **SUPLENTES**

**Judite de Azevedo do Carmo**

*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

**Rose Kelly dos Santos Martinez Fernandes**

*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

**Maria Aparecida Pereira Pierangeli**

*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

**Célia Regina Araújo Soares**

*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

**Nilce Maria da Silva**

*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

**Rebeca Caitano Moreira**

*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

**Jussara de Araújo Gonçalves**

*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

**Patrícia Santos de Oliveira**

*Universidade Federal de Viçosa - UFV*

**PRODUÇÃO EDITORIAL**  
**EDITORA UNEMAT 2024**

Copyright © Isael da Silva Souza, 2024.

A reprodução não autorizada desta publicação,  
por qualquer meio, seja total ou parcial,  
constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Esta obra foi submetida à avaliação  
e revisada por pares.

---

**Reitora:** Vera Lucia da Rocha Maquêa

**Vice-reitor:** Alexandre Gonçalves Porto

**Assessora de Gestão da Editora e das Bibliotecas:** Maristela Cury Sarian

**Imagens da capa:** Leytor - Wikipedia

**Capa:** Potira Manoela de Moraes

**Diagramação:** Potira Manoela de Moraes

**Revisão:** Francineli Cezarina Lara

---



**ABEU**  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
Carlos Alberto Reyes Maldonado



**EDITORA UNEMAT**  
Av. Tancredo Neves, 1095, Cavallhada III  
Cáceres - MT | CEP 78217-900  
Fone: (65) 3221-0023  
editora@unemat.br | www.unemat.br

*Para resumir: não há linguística sem observações profundamente detalhadas; não há observações sem teoria dos observáveis; não há observáveis sem problemática; não há problemática sem a busca por soluções; não há soluções sem raciocínio; não há raciocínio sem um sistema de representação metalinguística; não há sistema de representação metalinguística sem operações, em particular sem categorização; não há categorização sem transcategorialidade*

(Culioli, 1999b, p. 66)

Dedico,

Para Deus, meu alto refúgio e fortaleza, por seu amor e cuidado contínuos. Por me permitir sentir o seu abraço diariamente! O seu lugar em meu coração é eterno!

Para Albano Dalla Pria, meu querido orientador e grande amigo, pelas incontáveis lições de vida para dentro e fora da academia. Pela força nos dias difíceis, pelos risos compartilhados nos dias felizes e, principalmente, por me fazer olhar para o meu interior, o eu que também sou eu. O seu lugar em meu coração é eterno!

Para Maria Auxiliadora Ferreira Lima, minha preciosa e grande amiga, pela força, amizade e carinho constantes. Por estar sempre ao meu lado e por me fazer sentir infinito! O seu lugar em meu coração é eterno!

[...] Como é grande o meu amor por vocês!

# SUMÁRIO

Apresentação.....	11
-------------------	----

## Capítulo 1

<b>O estudo da significação linguística sob diferentes olhares .....</b>	<b>23</b>
1.1. As investigações semânticas do significado cristalizado .....	24
1.1.1. A abordagem referencial da significação linguística .....	25
1.1.2. A abordagem mentalista da significação linguística .....	28
1.1.2. A abordagem pragmática da significação linguística .....	31
1.2. “Não há ciência sem teoria”: a semântica-operatória de Antoine Culioli.....	35
1.2.1. O diálogo .....	40
1.2.2. A noção e o domínio nocional .....	44
1.3. Síntese conclusiva .....	54

## Capítulo 2

<b>Significação das unidades linguísticas sob dois pontos de vista acerca do aparato enunciativo.....</b>	<b>56</b>
2.1. A significação das unidades linguísticas sob o ponto de vista dos processos enunciativos.....	57
2.1.1. A semântica operatória de FALSO e FIEL .....	58
2.1.2. O funcionamento enunciativo de <i>GRAND</i> e <i>GRANDE</i> .....	66



2.1.3. A construção de significação em ocorrências da unidade linguística BOM.....	73
2.1.4. A análise da unidade linguística DOUX (DOCE).....	76
2.1.5. O funcionamento semântico-enunciativo da unidade linguística LEGAL.....	79
2.1.6. O funcionamento enunciativo de <i>NEUF</i> e <i>NOUVEAU</i> e a posição das unidades linguísticas nos enunciados .....	83
2.2. A significação das unidades linguísticas sob o ponto de vista que desconhece o aparato enunciativo .....	87
2.2.1. O tratamento dos “adjetivos” nos estudos da tradição lógico-gramatical.....	87
2.2.2. Os estudos dos adjetivos no quadro da teoria Gerativa .....	95
2.2.3. O estudo dos adjetivos e a sua posição na abordagem funcional de Neves .....	101
2.5. Síntese conclusiva.....	108

### Capítulo 3

#### **Elementos para um tratamento enunciativo da determinação da linguagem..... 110**

3.1. Enunciação, enunciado e sujeito enunciativo: de Benveniste a Culioli.....	111
3.2. A determinação para a TOPE.....	114
3.2.1. A operação de quantificação (QNT).....	115
3.2.1.1. A Extração.....	120
3.2.1.2. A Flechagem .....	122
3.2.1.3. A Varredura (Parcours).....	123

3.3.1. A Qualificação .....	125
3.4. Processo de construção do enunciado .....	129
3.5. A modalidade e o aspecto .....	133
3.6. Síntese conclusiva .....	136
<b>Capítulo 4</b>	
<b>(In)determinação semântica da unidade linguística <i>NOVO</i>.....</b>	<b>139</b>
4.1. O modelo metodológico de Antoine Culioli: o observável e o dado linguístico.....	140
4.2. Processos enunciativos de funcionamento da unidade linguística <i>NOVO</i> em posição atributiva: uma análise.....	144
4.3. Síntese conclusiva: <i>NOVO</i> e o movimento do empírico ao formal .....	180
<b>Considerações finais .....</b>	<b>184</b>
<b>Referências.....</b>	<b>188</b>
<b>Sobre o autor .....</b>	<b>201</b>

# APRESENTAÇÃO

[...] *Não queiras marcar a tua passagem.  
Ela prossegue:  
É a passagem que se continua.  
É a tua eternidade.  
És tu<sup>1</sup>.*

(Cecília Meireles)

Este livro é resultado da nossa pesquisa de doutoramento em Linguística (quadriênio 2019-2023), orientada pelo Prof. Dr. **Albano Dalla Pria**, na área de concentração *Estudo de Processos Linguísticos*, na linha de pesquisa *Estudo de Processos de Significação* do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT).

Esta obra reflete, em primeiro lugar, as nossas inquietações em relação à atividade de linguagem e ao nosso “ser linguista”. Ela representa por assim dizer, o nosso esforço ao longo da nossa formação acadêmica em desenvolver um olhar linguístico culioliano, isto é, a passagem, o movimento que buscamos realizar, desde o nosso primeiro contato com a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) em 2013, de um tratamento “estático” para um tratamento dinâmico da

---

1 Disponível em: [http://www.releituras.com/cmeireles\\_doiscanticos.asp](http://www.releituras.com/cmeireles_doiscanticos.asp). Acesso em: 28 de jul. de 2020.

linguagem em nossas análises. Este livro reproduz, sobretudo, a nossa aspiração em nos tornar um sujeito que se apropria dos pressupostos teóricos do programa de trabalho culioliano mediante o exercício de manipulação e de formalização de enunciados.

Essa busca nos coloca em conflito com diversas questões que nos trouxeram a esta pesquisa, sustentada pelos pressupostos teóricos da TOPE, e a tomar como objeto de análise a unidade linguística NOVO. Antes de explicitar os nossos questionamentos é necessário ressaltar que o caminho que nos conduziu até aqui também está diretamente relacionado ao fato de que em pesquisas anteriores (Lima; Sousa, 2014; Sousa, 2016; Sousa, 2019) trabalhamos com as unidades linguísticas FINO, GROSSO, NOVO e VELHO, que são categorizadas como “adjetivos” pela tradição lógico-gramatical<sup>2</sup>.

Para essa tradição, o “adjetivo” é compreendido como uma classe de palavras ou classe gramatical que “reúne todas as palavras que fazem referência ao substantivo com intuito de indicar-lhe uma qualidade, isto é, o 'adjetivo' é compreendido como toda palavra que modifica a compreensão do 'substantivo' afetado quanto a ideia, a substância da coisa” (Almeida, 1997, p. 37, grifo nosso).

---

2 Neste livro, estamos considerando “tradição gramatical” os estudos que hoje estão presentes em gramáticas escolares.

Essa concepção de “adjetivo” supracitada também é utilizada pela Linguística. Observemos que, embora a linguística teórica tenha refutada diversos dos pressupostos da tradição lógico-gramatical, “parece não ter demonstrado resistência para incorporar as classes das palavras às suas bases de reflexão” (Pria, 2009, p. 13), visto que

a abordagem tradicional da gramática de uma língua e a maioria das sistematizações oferecidas pelos estudos linguísticos convencionais descrevem sempre valores prototípicos, aqueles que realçam como os picos e as montanhas de um relevo (Rezende, 2002, p. 112).

As unidades linguísticas em geral são observadas e descritas pela tradição lógico-gramatical a partir da estabilização de valores decorrentes de uma situação enunciativa específica, já dada. Esses valores são tomados como uma espécie de fio condutor ou como parte integrante da essência de uma dada unidade. Com base nesses valores são organizadas as classes gramaticais como, por exemplo, os “adjetivos”.

Desse modo, para tradição lógico-gramatical a unidade linguística NOVO já é dotada de um valor que se soma aos valores das demais unidades compondo o valor do todo. Para essa perspectiva o valor da unidade linguística NOVO está determinado culturalmente. Assim, por exemplo, o dicionário vai dizer que NOVO, entre diversas acepções, significa “algo que revela originalidade e novidade” (Michaelis, *online*). Mas, observemos o exemplo a seguir:

01. O celular novo do José é ultrapassado.

Em 01, para a tradição gramatical, NOVO é o “adjetivo” que modifica a compreensão de <celular>. Assim, celular + NOVO seria igual uma celular que denota uma novidade. No entanto, podemos perceber que em 01, não temos unicamente a ocorrência de uma <novidade>, uma vez que <celular> é NOVO para José e não para Y (coenunciador). Y não atribui a <celular> as propriedades de <ser NOVO>. Nessa situação, do ponto de vista semântico-operatório, NOVO está localizado em relação ao sujeito enunciador (SE) que, por sua, localiza a ocorrência de /celular/ no tempo – espaço, isto é, em uma situação enunciativa singular.

Logo, o problema da tradição lógico-gramatical é, por tomar NOVO como uma unidade linguística possuidora de um sentido próprio, emprega uma metodologia de análise que observa forma isolada. Até consideram as variações que são próprias de NOVO, mas as tomam para definir um valor estável como essencial a essa unidade linguística. Assim, ignora-se que o valor de NOVO se transforma quando colocado em relação com outras unidades em um dado enunciado.

Isso posto, questionamo-nos: como a unidade linguística NOVO estabiliza um determinado valor? E, principalmente, qual é a natureza desse valor? Para a teoria da gramática<sup>3</sup>, no que lhe concerne, embora não se ignore que o valor de NOVO se transforme quando colocado em relação com outras unidades, como faz a tradição gramatical, ignora-se que esse valor possa

---

3 Estamos tomando como “teoria da gramática” os estudos linguísticos, sobretudo estruturalista, que se ocupam em discutir questões de ordem gramaticais.

ser um obstáculo para a determinação do sentido do todo. Para essa perspectiva, é a sintaxe (posição) que vai determinar o valor do todo e, em última instância, o valor de cada unidade em um enunciado. Vejamos os exemplos a seguir:

02. É um novo livro de Cecília Meireles!

03. É o livro novo de Cecília Meireles.

04. Não é o livro novo de Cecília Meireles.

05. É o livro novo de Cecília Meireles?

Para a teoria da gramática, a mudança de significado entre o exemplo 02 e o exemplo 03 é atrelada à posição que a unidade linguística NOVO ocupa (NOVO+LIVRO ou LIVRO+NOVO). Por esse ponto de vista, “a variação do significado de sintagmas da forma N+Adj e Adj+N é função das propriedades semânticas dos nomes e dos adjetivos que permitem este fenómeno” (Amaro, 2002, p. 07). Observemos que esse posicionamento deixa de levar em consideração a articulação entre as unidades e, principalmente, as marcas de asserção, que situam a articulação entre unidades linguísticas no tempo-espço e em relação a sujeitos variáveis.

É inegável que nos exemplos de 02 a 05, tem-se variação de NOVO. Mas, tanto a tradição lógico-gramatical como a teoria linguística atribuem essa variação à sintaxe. É importante ressaltarmos que não é esse tipo de variação que a semântica culioliana busca explicar.

Do ponto de vista da TOPE, consideremos os exemplos 02, 03, 04 e 05: em 02 e 03, a asserção positiva marca uma assunção positiva sobre a relação <alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de livro para alguém>; em 02, NOVO situa a ocorrência de livro no tempo-espço de uma situação enunciativa singular. O termo um marca a passagem de <nenhuma ocorrência de livro (0) para <uma ocorrência localizada de livro (1) em relação ao sujeito enunciador; em 04, não marca uma assunção negativa sobre a relação <alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de livro para alguém>, o que explicita as experiências singulares do sujeito enunciador em tempos-espços com a ocorrência da noção / livro/; em 05, a interrogação marca que o sujeito enunciador atribui ao seu coenunciador a responsabilidade de assumir um valor positivo (Sim, é o livro novo de Cecília Meireles), negativo (Não é o livro novo de Cecília Meireles) ou de incerteza (Talvez seja o livro novo de Cecília Meireles) para a relação <alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de livro para alguém>.

Assim, chegamos à questão norteadora da nossa pesquisa: a categorização contribui para a compreensão de como a variação experiencial dos sujeitos fundamenta a determinação dos sentidos da unidade linguística NOVO? Partimos da hipótese de que a categorização não contribui para a compreensão de como a variação experiencial dos sujeitos fundamenta a determinação dos sentidos da unidade linguística NOVO.



Isso posto, o nosso objetivo geral nesta pesquisa consiste em empreender um estudo, por meio da construção de protocolos experimentais que nos permitam relacionar um conjunto de enunciados, da unidade linguística NOVO em posição atributiva com uma simulação de diálogo entre sujeitos.

A variação das unidades linguísticas explicita a deformabilidade intrínseca das línguas. Não temos uma relação direta entre uma unidade e um sentido. “São os índices de uma situação de enunciação, que servem como coordenadas de referência, são os que tornam possível o cálculo dos valores da pessoa, do tempo e aspecto, modalidade” (Fuchs, 2002). Ainda sobre a variação, tal como a compreendemos neste livro e, podemos dizer que,

A variação diz respeito aos modos de perceber e representar o mundo por sistemas transindividuais não homogêneos (a instabilidade experiencial é fundamental) que, em princípio, não dialogam, senão em razão do trabalho dos sujeitos para se entender (quadro psicológico) e para se fazer entender (quadro sociológico) (Pria; Cumpri; Karim, 2019, p. 6).

Advogamos, a partir das palavras de Pria, Cumpri e Karim (2019), que os sujeitos enunciadorees estão constantemente envolvidos em um trabalho de relacionar as unidades umas com outras em um contexto enunciativo singular, de fazê-las interagir e determiná-las. É esse trabalho que possibilita o diálogo entre o mundo e língua, isto é, entre sujeito e objeto. É atividade de representação realizada pelo sujeito que permite a aproximação entre o mundo físico e mental. As operações

realizadas pelo sujeito na atividade de linguagem são as responsáveis pelo processo de constituição de categorias gramaticais e das unidades linguísticas.

Dessa maneira, o que nos interessa, de fato, em nossas análises são as operações e esquemas abstratos que sustentam a trajetória (do nível cognitivo para a língua) que o sujeito faz ao atribuir valor a unidade linguística NOVO. É importante frisarmos que há consequências nessa trajetória, ou seja, a passagem de uma situação enunciativa eventual para uma situação enunciativa particular não é sem consequência.

São essas consequências, ou seja, os modos de funcionamento que caracterizam a identidade semântica de NOVO, que procuramos flagrar por meio das nossas análises dos enunciados com ocorrências da unidade linguística NOVO em posição atributiva. Logo, não vamos aqui definir um valor específico da unidade linguística NOVO como fazem a tradição lógico-gramatical e a teoria da linguística, pois: 1) defendemos a tese culioliana de que não há valor dado, senão, uma construção; e 2) o que vamos fazer é caracterizar a natureza esquemática/operatória de base que regula o funcionamento de NOVO, uma vez que ela é o que caracteriza a sua identidade semântica.

Buscamos explicitar em nossas análises de enunciados com ocorrências da unidade linguística NOVO em posição atributiva, através de uma articulação do léxico com a gramática, a tensão existente na variação entre a percepção do sujeito e a realidade representada. Essa realidade percebida

pelo sujeito é sempre subjetiva. Portanto, compreendemos que a experiência dos sujeitos com as noções semânticas é o que sustenta as representações enquanto objetos simbólicos. É a experiência do sujeito enunciador que ancora a maneira como o sentido da unidade linguística NOVO é determinado.

Salientamos que o sujeito do qual tratamos aqui é reintroduzido na análise linguística por meio da asserção. Pois, “a asserção é a marca do homem na língua” (Rezende, 2000, p. 182). A asserção é, na realidade, um

ato de linguagem através do qual, em sentido amplo, toda pessoa que fala ou escreve, enuncia uma proposição (que pode ser afirmativa ou negativa, interrogativa ou imperativa). Toda asserção supõe um enunciador e um enunciado; mas ela também implica que o enunciador revista o enunciado de uma modalidade (certeza, dúvida, injunção etc.) (Culioli, 1968, p. 463)<sup>4</sup>.

A partir das palavras de Culioli, podemos afirmar que as posições dos termos em um determinado enunciado refletem em certa medida as posições dos sujeitos no espaço referencial. É importante frisarmos que quando usamos o termo sujeito não nos reportamos ao velho debate sobre o estatuto do sujeito gramatical. Tratamos, na realidade, do sujeito que é traçado na atividade de linguagem por meio das formas linguísticas.

---

4 No original: "Acte de langage par lequel, au sens large, toute personne qui parle ou écrit fait une proposition (qui peut être affirmative ou négative, interrogative ou impérative). Toute assertion suppose un énonciateur et un énoncé; mais cela implique aussi que l'énonciateur revioie l'énoncé d'une modalité (certitude, doute, injonction, etc.)" (Culioli, 1968, p. 463).

Para alcançarmos o nosso objetivo, dividimos este livro em 04 (quatro) capítulos, além desta introdução e das considerações finais, são eles:

No primeiro capítulo, intitulado **Semânticas: o estudo da significação linguística sob diferentes olhares**, discorremos sobre o que se entende por “Semântica” e “significação linguística” partindo dos pressupostos das abordagens referencialista, mentalista e pragmática até chegarmos na semântica-operatória de Antoine Culioli. Essa escolha argumentativa deve-se ao fato de objetivarmos explicitar o caráter discordante da voz culioliana nos estudos da significação linguística.

No segundo capítulo, intitulado **A significação das unidades linguísticas sob dois pontos de vista acerca do aparato enunciativo**, discorremos, em um primeiro momento, acerca da significação das unidades linguísticas sob o ponto de vista dos processos enunciativos. Apresentamos, desse modo, os estudos cujas análises atestam a viabilidade de se desenvolver uma pesquisa cujo objetivo seja o que propomos nesta livro. Em um segundo momento, dissertamos sobre a significação das unidades linguísticas sob o ponto de vista que desconhece o aparato enunciativo, em que presentamos estudos cujas análises, ainda que corretas do ponto de vista em que foram elaboradas, tornam-se inviáveis de se desenvolver quando se propõe uma pesquisa cujo objetivo seja aquele definido por nós neste livro.

No terceiro capítulo, intitulado **Elementos para um tratamento enunciativo da determinação da linguagem**, apresentamos alguns dos princípios fundamentais da TOPE que contribuem para refletirmos acerca do processo de determinação da linguagem, pois compreendemos que os sentidos das unidades linguísticas são construídos através de uma dinâmica de interação no interior dos enunciados. Portanto, este capítulo nos ajudará a explicitar o que tomamos como determinação de linguagem, bem conjunto de operações que a fundamenta.

No quarto capítulo, intitulado **A (in)determinação semântica da unidade linguística novo**, em primeiro momento, discorremos sobre o modelo teórico-metodológico de Antoine Culioli, explicitamos a construção do nosso problema de pesquisa, bem como apresentamos os enunciados com os quais trabalharemos em nossas análises; em seguida, apresentamos, de fato, as nossas análises de enunciados com ocorrência da unidade linguística NOVO; e, por fim, elaboramos uma síntese conclusiva do capítulo em que fazemos algumas generalizações dos resultados obtidos com as análises do enunciados com ocorrência da unidade linguística NOVO, ou seja, apresentamos quais as consequências da nossa pesquisa de doutoramento para o estudo da determinação e para a compreensão do funcionamento das unidade linguística NOVO.

Por último, apresentamos as nossas **considerações finais**, é o lugar em que retomamos os nossos objetivos propostos, os caminhos percorridos para atingi-los, bem como os resultados alcançados na busca por chegarmos aos objetivos propostos em nossa pesquisa e apresentados neste livro.

# O ESTUDO DA SIGNIFICAÇÃO LINGUÍSTICA SOB DIFERENTES OLHARES

A semântica precisava ser estabelecida como ciência 'de verdade', com objeto, objetivo e método. Muitos estudiosos consideravam o significado algo tão 'impalpável' e difícil de definir que não poderia funcionar como objeto de estudos científicos (Ferrarezi JR., p. 20, 2019).

Como é construída a significação linguística? Como os sujeitos enunciadorez produzem e reconhecem enunciados? O que se compreende por “semântica”? Iniciamos este capítulo com essas questões para explicitar que o nosso objetivo aqui consiste em pontuar e apresentar, de modo não exaustivo, o que se entende por “semântica” e significação linguística. Para tanto, em um movimento retórico que converge com o objetivo geral deste livro, partimos da apresentação das investigações que tomam o sentido das unidades linguísticas como um já previsto, na seção 1.1, e encerramos discorrendo, na seção 1.2, sobre os pressupostos de uma perspectiva semântica-operatória da significação linguística, que é a TOPE.

Vejamos, na sequência, a seção 1.1.

## 1.1. AS INVESTIGAÇÕES SEMÂNTICAS DO SIGNIFICADO CRISTALIZADO

Embora não seja tarefa fácil definir o objeto de estudos da Semântica, afirma-se classicamente que seu objeto é o 'significado' das palavras e das sentenças. Abordagens mais recentes entendem que seu objetivo é descrever a capacidade que um falante tem para interpretar qualquer sentença de sua língua (Oliveira, 2012, p. 23).

Quem forjou o termo “semântica” foi Michel Bréal<sup>5</sup>, linguista francês. Tradicionalmente, a Semântica é definida, como explicita a epígrafe que introduz esta seção, como uma área da Linguística cujo objeto de estudo é o significado. Mas, o que se compreende por significado? Qualquer semanticista como, por exemplo, Lyons (1977, p. 11), Palmer (1976, p. 11), Tamba (2006, p. 10), irá pontuar que definir o que é significado não consiste em uma tarefa simples.

De antemão, o que podemos dizer é que o estudo do significado em Linguística não é realizado de maneira homogênea, por essa razão existem diversas “semânticas”. O que essas teorias semânticas fazem “é um recorte do objeto de estudo de maneiras diferentes, priorizando o estudo de alguns aspectos que circundam a análise do significado” (Müller; Viotti, 2019, p. 138).

---

5 Michel Bréal inaugura a utilização do termo “semântica” como a nova ciência das significações, em seu artigo “Les lois intellectuelles du langage: fragmente de sémantique. Annuaire de l’Association pour l’encouragement des études grecques en France, 1883, XVII, 132-142”.



Ressalte-se que o nosso interesse nesta seção não é apresentar cada teoria semântica existente de maneira isolada e, muito menos, apresentar os seus pressupostos de maneira minuciosa. Em contrapartida, objetivamos pontuar as correntes teóricas a partir dos tipos de abordagens usados para a investigação do significado que colaboram para a nossa discussão sobre a determinação da linguagem e o funcionamento semântico-enunciativo da unidade linguística NOVO. Discorreremos acerca das seguintes perspectivas: as abordagens referencial, mentalista e pragmática.

### 1.1.1. A abordagem referencial da significação linguística

A abordagem referencial trabalha a relação entre a referência no mundo e as palavras. Uma das principais teorias semânticas que compõe essa perspectiva é a Semântica Formal<sup>6</sup>. O estudo dessa teoria está enraizado na Lógica e na Filosofia. Como resultado, uma das suas características basilares é o foco nos aspectos de condição de verdade do significado. Fornecer significado de uma sentença é o mesmo que dizer em que condições essa sentença seria verdadeira. Vejamos o seguinte exemplo:

01. O gato da Maria é preto.

---

6 Para uma compreensão mais aprofunda dos princípios da Semântica formal, sugerimos a leitura dos seguintes textos: Tarski (1974), Lyons (1977) e Davidson (1982).

A partir da sentença dada, o procedimento, nesta perspectiva, é o de questionar em que condições essa sentença é verdadeira ou falsa. A sentença só será verdadeira se, e somente se, Maria tiver um gato e esse gato for preto. Será falsa se, e somente se, Maria não tiver um gato ou se Maria tiver um gato e ele não for preto. Portanto, o raciocínio que fundamenta a semântica formal argumenta que o significado da sentença está diretamente relacionado às suas condições de verdade, e não a verdade ou falsidade da sentença (Tarski, 1974).

A semântica formal pode ser ainda caracterizada por, primeiro, sua predileção por construção de modelos em semântica. O que isso significa? Os semanticistas formais propõem modelos simples, representações em forma de esquema de um sistema complexo, com intuito de interpretar, por meio deles, o maior número possível de sentenças das línguas naturais<sup>7</sup> (Cançado, 2008, p. 141); e, segundo, pela centralidade metodológica do princípio da composicionalidade, que defende que “o significado de um todo é a fusão do significado de suas partes e da combinação sintática dessas partes” (Frege, 1982). Portanto, para construirmos e interpretarmos uma infinidade de novas sentenças, bem como para podermos explicar por qual razão determinadas interpretações não são possíveis, é necessário sabermos o significado das unidades e as regras de associação para a geração de unidades mais complexas.

---

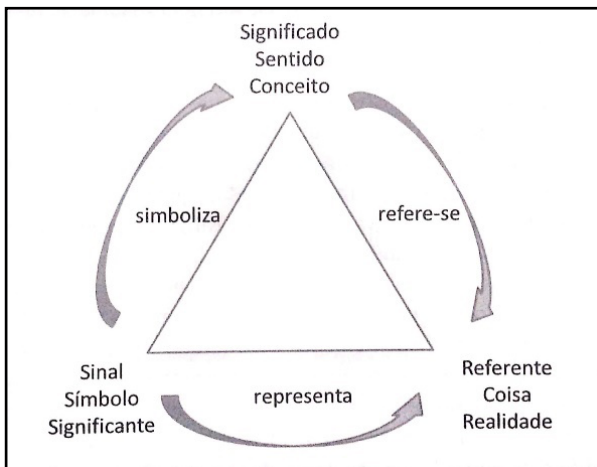
7 Uma língua natural consiste em uma língua utilizada por uma comunidade de falantes que não é “construída” de maneira artificial.

Em resumo, para uma abordagem referencial, “o significado de um sinal (por exemplo, de uma palavra) é o próprio referente representado pela palavra em um mundo dado” (Ferrarezi JR., 2019, p. 51), uma vez que:

A referência trata da relação entre os elementos linguísticos, palavras, frases, etc., e o mundo da experiência extra-linguístico. O sentido está relacionado com o complexo sistema de relações que os próprios elementos linguísticos (sobretudo as palavras) estabelecem entre si; diz apenas respeito às relações internas da língua (Palmer, 1976, p. 42).

Notemos que, em uma abordagem referencial, a semântica se reduz à lógica porque o significado é a referência associada ao sentido (sistema de relação interna dos elementos linguísticos – sintaxe). Vejamos a figura a seguir:

Figura 1: O processo de significação linguística



Fonte: Elaborado por Ferrarezi Jr. (2019, p. 45).

Como visto através do esquema anterior, a significação linguística nesta perspectiva é proveniente de uma referência que é resultante de uma relação direta entre uma porção cognitiva e simbolicamente determinada do mundo real e expressões linguísticas.

### 1.1.2. A abordagem mentalista da significação linguística

A abordagem mentalista, por sua vez, propõe que o significado acontece no nível das representações mentais, que é um nível intermediário entre o mundo e as palavras. Para representar essa perspectiva, trazemos à baila os fundamentos da Semântica Cognitiva<sup>8</sup>.

A Semântica Cognitiva<sup>9</sup>, resultante de um movimento de oposição à semântica formal, argumenta que “o pensamento é estruturado por esquemas de imagens, mapeando domínios conceituais distintos” (Cançado, 2008, p. 143). Dessa maneira, busca combater a ideia de que a linguagem está ligada diretamente com o mundo.

Para esta perspectiva, a significação linguística surge das nossas significações corpóreas, dito de outra forma, a significação é fruto dos movimentos de nossos corpos em

---

8 Para uma compreensão mais aprofunda dos princípios da Semântica formal, sugerimos a leitura dos seguintes textos: Jackendoff (1985, 1990, 1992), Fodor (1983), Katz e Fodor (1963) e Lakoff (1982, 1987).

9 A publicação da obra “*Metaphors we live by*”, em 1980, de George Lakoff e Mark Johnson, é considerada um dos marcos inaugurais da Semântica Cognitiva.

interação com o meio que nos cerca. Como consequência, o significado, enquanto corpóreo, é compreendido com algo que não é exclusivamente linguístico.

Por exemplo, no processo de aquisição de linguagem, uma criança, ao se movimentar de um ponto **A** para um ponto **B**, vai construído o que Lakoff (1987) denomina de “esquemas imagéticos cinestésicos”, isto é, são memórias de movimento. O significado não é, então, arbitrário. Ele surge de dentro (cognitivo) para fora (mundo) motivado por nossas experiências sensório-motoras.

O esquema de movimento é chamado de CAMINHO<sup>10</sup>. Já o esquema de estar dentro e fora de determinado lugar é chamado de RECIPIENTE. Posto isso, vejamos os exemplos a seguir:

02. Fui da escola para casa.

03. Vim de Cáceres.

04. Estou na UNEMAT.

05. Pedro nasceu na Itália.

Observe-se que, para a Semântica Cognitiva, o que fornece significado para os exemplos 02 e 03 não diz respeito a uma relação direta com o mundo, nem mesmo a uma situação de diálogo, mas a presença do esquema imagético CAMINHO

---

10 É importante destacar que em Semântica Cognitiva os conceitos e esquemas são sempre apresentados em caixa alta.

(Alguém foi de algum lugar para outro). Em 02, escola é o ponto inicial do movimento e casa o ponto final e, em 03, o ponto inicial é Cáceres, mas qual seria o ponto final? Mais adiante retomaremos esta questão.

Já, em 04 e 05, o esquema que fornece o significado é o RECIPIENTE. Em 04, UNEMAT é o lugar onde se está e, em 05, Itália é o lugar onde Pedro nasceu. Se posicionar dessa maneira faz com que a linguagem seja compreendida como a manifestação superficial da nossa estrutura cognitiva. Voltando-nos para o questionamento que fizemos anteriormente é notório que a Semântica Cognitiva desconsidera os seguintes aspectos para a construção de significação: quem enuncia; o que se enuncia; para quem se enuncia.

Consideremos mais um exemplo:

06. Maria gastou seu tempo fazendo bolo.

O tempo, no exemplo 06, é tomando como algo que se gasta. Os conceitos de tempo e espaço são extensionados para outros campos semânticos através de uma relação metafórica. Isso ocorre porque a metáfora é assumida pela Semântica Cognitiva como um processo cognitivo que permite o mapeamento dos esquemas imagéticos apreendidos pelo corpo em domínios abstratos, de experimentação realizada de forma indireta. No caso de 06, o conceito de tempo se estrutura a partir do esquema espacial de CAMINHO.

Além dos esquemas de movimentos, a Semântica Cognitiva postula a existência de categorias de nível básico. As categorias são estruturadas mediante protótipos que são relacionados por via de semelhanças com outros do mesmo tipo. Por exemplo, uma águia pode ser um membro central na categoria PASSÁRO, considerado como principal característica a sua capacidade de voar. Uma galinha, por sua vez, ocupa uma posição periférica, justamente por, apesar de ser PASSÁRO, não voar.

### 1.1.2. A abordagem pragmática da significação linguística

A abordagem pragmática estuda os usos situados da língua, ou seja, reconhece o uso da língua e a maneira como ela é empregada no processo de interação verbal, sem estabelecer uma dicotomia entre o que é interno e externo à língua. Ela pode ser definida como “o estudo da dêixis (pelo menos em parte) da implicatura, da pressuposição, dos atos de fala e dos aspectos da estrutura discursiva” (Levinson, 2007, p. 32).

Para a Pragmática, o contexto é uma abstração que leva em consideração diversos fatores situacionais, psicológicos, crenças e propósitos que são intrínsecos para a produção de significação entre os interlocutores. Assim,

a ideia de contexto é a de tudo aquilo que circunda os interlocutores, mas estes limites são plásticos. Portanto, este ambiente é dinâmico e estende-se para esta ou aquela direção de acordo com o que é dado ou escolhido a cada momento pelos participantes da interação. Em si, o contexto

é uma abstração, e os indivíduos estarão focalizando a sua atenção e levando em conta os fatores situacionais (rituais próprios da interação, fatores sociais e culturais), psicológicos, crenças e propósitos (Oliveira, 2000, p. 229).

Nessa perspectiva, a fronteira entre semântica e pragmática é normalmente realizada pela noção de contexto. A significação contextual é o campo de estudos da pragmática. Entre os estudos realizados em uma perspectiva pragmática, a título de exemplo, têm-se: as implicaturas conversacionais, a teoria dos atos de fala, a teoria da polidez e a análise da conversação<sup>11</sup>.

Dentre os estudos supracitados, os trabalhos que tratam das implicaturas conversacionais exerceram uma influência decisiva para o desenvolvimento da Pragmática. Grice (1979), filósofo americano, distingue dois tipos de implicaturas: as convencionais e as conversacionais. As primeiras são as implicaturas cuja significação é gerada no interior do sistema linguístico. As conversacionais estão relacionadas ao contexto extralinguístico. A partir dessa segunda implicatura, Grice criou os princípios de cooperação e as máximas conversacionais.

O princípio da cooperação tem como fórmula geral a compreensão de que cada participante de uma situação de conversação deva fazer sua contribuição e atender ao que é solicitado no momento exigido, objetivando os

---

11 Como o nosso objetivo aqui não é fazer uma descrição do que trata cada um desses estudos, recomendamos a leitura das seguintes obras: Austin (1990), Armengaud (2006), Grice (1979), Levinson (2007) e Searle (1984).



propósitos comuns e imediatos em relação ao compromissos conversacionais estabelecidos. Como consequência, Grice postula quatro máximas: 1) Máxima da quantidade, 2) Máxima da qualidade, 3) Máxima da relação e 4) Máxima do modo. Consideremos o exemplo a seguir:

#### 07. Prezados senhores:

Eu, João de Deus, proprietário do apartamento 1004, situado à das flores, venho através da presente solicitar a V. Sas. que vistorie e conserte a pia da cozinha. O serviço de vedação ao redor da cuba já foi feito há algum tempo atrás, mas já está saindo tudo.

Certos de vossas atenções, subscrevo-me.

Minha área está provocando uma infiltração do apartamento 904 há mais de 2 meses. Eles já fizeram reclamação por escrito<sup>12</sup>.

A máxima da quantidade orienta que se diga somente o necessário de forma objetiva e informativa. Em 07, para fazer a reclamação sobre a pia da cozinha, o dono do apartamento, respeitando esta máxima, limitou-se a uma curta solicitação: “Eu, João de Deus, venho através da presente solicitar a V. Sas. que vistorie e conserte a pia da cozinha”. A máxima da qualidade orienta que não se diga nada que seja considerado falso ou do que não se tenha evidências. No exemplo dado, o proprietário também respeitou a essa máxima.

O linguista pragmático ainda pode dizer que, em 07, o remetente evitou ambiguidades e digressões, obedecendo à

<sup>12</sup> Exemplo adaptado de Wilson (2013).

máxima do modo: “O serviço de vedação ao redor da cuba já foi feito há algum tempo atrás, mas já está saindo tudo”. Por fim, no trecho “Minha área está provocando uma infiltração do apartamento 904 há mais de 2 meses. Eles já fizeram reclamação por escrito”, o proprietário atendeu à máxima da relação e da qualidade. Ele só descreveu o que pudesse ser comprovado.

Quando se trata do processo de determinação do sentido das unidades linguísticas, o grande problema do princípio de cooperação consiste em, por um lado, na defesa de uma interpretação idealizada das interações sociais, não prevendo os desencontros e/ou alteridades, os conflitos e, por outro lado, as máximas têm os seus princípios baseados no valor de verdade das preposições.

As três abordagens listadas no decorrer desta seção assumem a significação linguística como um já dado, em outros termos, o significado das unidades linguísticas é um conteúdo previamente estabelecido em uma sentença. O papel do linguista é, então, realizar análises partindo desse valor, mas não apresenta qual é a natureza desse valor. Logo, não explicita a passagem de um valor para outro, o movimento das operações de linguagem que se deixam observar enquanto rastros na superfície dos enunciados, do nível de representação cognitivo para o nível de representação linguístico e enxergar tudo o que ocorre em seu interior.

A perspectiva construtivista dos estudos da significação da linguagem contempla a passagem, a trajetória de um valor

para outro. Assim, apresentamos, na seção seguinte, os fundamentos da semântica-operatória de Antoine Culioli.

## **1.2. “NÃO HÁ CIÊNCIA SEM TEORIA”: A SEMÂNTICA-OPERATÓRIA DE ANTOINE CULIOLI**

Antoine Culioli é decididamente uma dessas vozes que discordam da maioria, e, diga-se de passagem, voz das mais eloquentes. Para esse linguista, a significação encontra-se no coração da língua (Romero, 2000, p. 41).

Culioli, como uma voz discordante que é, redefiniu o objeto de estudo da Linguística, que passa para a “atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais e na diversidade dos textos orais e escritos” (Culioli, 1990, p. 14). Como consequência, neste quadro teórico, compreendemos a Semântica como a “análise das representações mentais desencadeadas e apreendidas por meio do material verbal que lhes dá corpo” (Franckel, 2011, p. 16).

A linguagem é, por sua vez, compreendida como uma atividade de representação de significação que é acessível somente por meio de seqüências textuais, que são traços de operações. Quando afirmamos que a linguagem é uma atividade de representação, queremos dizer que ela se constitui por meio de mecanismos enunciativos responsáveis por organizar um espaço, distanciando e aproximando pontos ou lugares, uma vez que ela é um sistema de mediação entre

nós e os outros, nós e o real ou a realidade objetiva. “O real é aquilo que nos escapa e do qual não conseguimos escapar. O que nos separa do real é a própria linguagem, pois o próprio da representação é não ser jamais aquilo que ela representa”<sup>13</sup>.

A linguagem é por natureza indeterminada, o que conduz a uma plasticidade ao trabalho no construção de representação feito pelos sujeitos. Os sujeitos também são indeterminados. “É na e pela linguagem que o homem define a si mesmo e, conseqüentemente, define o outro” (Rezende, 2018, p. 184). Dessa forma,

As conseqüências da linguagem ser indeterminada são que, quando falamos e escrevemos, ou quando escutamos ou lemos, nos determinamos (nos definimos) e definimos o outro; o processo de equilíbrio é de natureza psicossociológica, e estamos sempre nos regulando, fazendo modulações e ajustamentos; a variação é radical (intersujeito, intrassujeito e, conseqüentemente, intralingua e interlingua) (Rezende, 2018, p. 186).

Podemos salientar, tomando como referência as palavras de Rezende, que a linguagem não é um reflexo de um sentido que preexiste. É a própria linguagem que constrói significação. A estabilidade é, por sua vez, uma conquista e “a compreensão é um caso particular do mal-

---

13 Construção feita com base em notas tomadas no curso “Atividade de linguagem, diversidade e singularidade das línguas em Antoine Culioli”, ministrado pelo Prof. Dr. Jean-Jacques Franckel, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Saúde na Infância e Adolescência, da Universidade Federal de São Paulo (PPGES/UNIFESP), no 2º semestre do ano letivo de 2020.

entendido”<sup>14</sup> (Culioli, 1990, p. 39). A linguagem, enquanto uma atividade de representação, contempla três níveis: o nível das representações mentais, o nível das representações linguísticas e o nível das representações metalinguísticas.

O nível 1 é aquele das representações mentais (de ordem cognitiva e afetiva). Esse é o nível nocional, ao qual não temos acesso diretamente, mas cuja existência deve ser integrada à elaboração teórica em linguística, em outras palavras,

o nível 1 é um nível de representação no qual a representação se refere à representação mental (trata-se de cognição: quando eu falo de cognição, eu entendo o termo no sentido amplo. O afeto faz parte da cognição; não há de um lado o cognitivo que seria do domínio da racionalidade explícita, e o afetivo que seria o lugar dos sentimentos e da imaginação desenfreada...) trata-se, nesse nível, de representações que organizam experiências que nós elaboramos desde nossa mais tenra infância, que nós construímos a partir de nossas relações com o mundo, com os objetos, com os outros, de nosso pertencimento a uma cultura, do interdiscurso no qual nos inserimos (Culioli, 1990, p. 21)<sup>15</sup>.

---

14 No original: La compréhension est un cas particulier du malentendu (Culioli, 1990, p. 39).

15 No original: Le niveau I est un niveau de représentation, où représentation renvoie à la représentation mentale (Il s’agit de cognition: quand jê partie de cognition, j’entends le terme au sens large. L’affect fait partie de cognition; il n’y a pas d’un côté le cognitive qui serait du domaine de la rationalité explicite, et l’affectif qui serait le lieu des sentiments et de l’imagination débridée...). Il s’agit donc, à ce niveau, de représentations qui organisent des expériences que nous avons élaborées depuis notre plus jeune enfance, que nous construisons à partir de nos relations au monde, aux objets. À autrui, de notre appartenance à une culture, de l’interdiscours dans lequel nous baignons (Culioli, 1990, p. 21).

O nível 1, então, corresponde à organização cognitiva das nossas representações mentais que são oriundas da nossa experiência com o mundo desde a infância. O acesso ao nível 1 só é possível através do nível 2, aquele das representações linguísticas, considerado por Culioli como representação do nível 1.

Assim, o nível 2 é constituído pelos traços da atividade de representação do nível 1. As operações entre esses dois níveis não correspondem a um jogo fixo, em que cada termo equivale a um determinado valor ou operação. As formas linguísticas não são etiquetas lexicais ou sintáticas, trata-se, na verdade, de traços de operações cognitivas, uma vez que,

no nível 2, temos representações que eu chamarei de linguísticas e que são os traços da atividade de representação do nível 1. Temos, portanto, representantes em segundo grau e agenciamentos de representantes, mas não há relação termo a termo entre as representações de nível 1 e as representações de nível 2 (Culioli, 1990, p. 22)<sup>16</sup>.

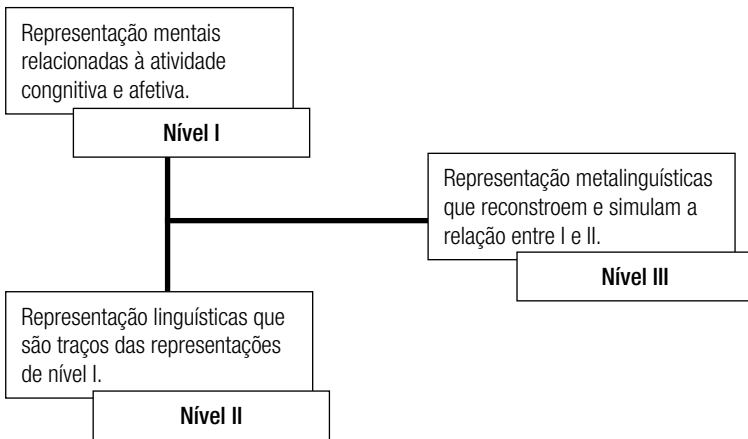
O nível 2 é, portanto, concebido como o objeto de análise do linguista culioliano. Conforme vimos na citação anterior, para Culioli não há relação termo a termo entre as representações do nível 1 e as representações do nível 2, isto é, para o linguista não temos uma relação biunívoca entre as representações mentais (nível 1) e as representações linguísticas (nível 2).

---

16 No original: "Au niveau II, nous avons des représentations que j'appellerai linguistiques, et qui sont la trace de l'activité de représentation de niveau I. On a donc des représentants au second degré et des agencements de représentations, mais il n'y a pas relation terme à terme entre les représentations de niveau I et les représentations de niveau II" (Culioli, 1990, p. 22).

Por último, o nível 3 é o da construção explícita das representações metalinguísticas, ou seja, é o nível da atividade do linguista na análise das línguas naturais, de procedimentos de teorização e formalização cujo intuito é descrever fenômenos e investigar as invariâncias das línguas naturais. Em suma, é no nível 3 que se torna possível determinar de uma certa forma o que ocorre entre os níveis 1 e 2 e, dessa maneira, construir uma simulação das operações do nível 1. No entanto, é importante salientarmos que não há uma relação unívoca entre cada nível. Vejamos a figura a seguir:

Figura 2: Articulação entre os níveis da atividade de representação



Fonte: Romero (2019).

Ressalte-se que “os três níveis da atividade de representação não correspondem a um sistema modular de processamento mental. Eles estão, na realidade, em uma relação de intersecção” (Pria, 2009, p. 30). A atividade de representação

pode ser descrita como o modo que o sujeito absorve tudo que vivencia no mundo e transforma em ocorrências.

Uma língua, no que lhe concerne, é a manifestação singular da atividade de linguagem, dito de outra forma, cada língua é uma realização da atividade de linguagem por um sistema que lhe é próprio. A língua, nesta perspectiva, não pode ser entendida como um sistema inteiramente distinto dos seus enunciadores, visto que “o sistema linguístico não é um espaço homogêneo, mas um espaço que é, ele mesmo, recortado pela oposição entre estável e instável é, na verdade, um lugar de ajustamentos e desvios” (Fuchs, 1984, p. 78). Nesse prisma, as línguas naturais, no plural, como pontua Culioli (1990, p. 14), são sistemas simbólicos de representação de sentidos que possuem variações no tempo, no espaço, de uma cultura para outra, entre falantes e intrafalantes.

Vejamos, a seguir, a assunção culioliana de diálogo.

### 1.2.1. O diálogo

Do ponto de vista cognitivo, o diálogo é um programa de adaptação e de equilibração evolutiva que orienta tanto a exigência de adequação ao mesmo (igual) quanto a emergência do outro (diferente) que podem se realizar em *P*. Na atividade de linguagem, o diálogo regula operações de determinação (em direção ao mesmo) e de indeterminação (em direção ao diferente) constitutivas da produção e do reconhecimento de enunciados (Pria, 2013, p. 39).



Estamos a todo momento fazendo ajustamentos e regulações, e é, justamente, nesse processo de equilibração que o diálogo emerge. Ele é a função reguladora de caráter intrassubjetivo e intersubjetivo, é a “atividade metalinguística não consciente do sujeito” (Culioli, 1990, p. 26).

O diálogo contém o mecanismo de regulação entre representações mais individuais como, por exemplo, a noção /felicidade/ e as representações mais socializadas como, por exemplo, a noção /casa/, uma vez que ele, o diálogo, consiste no ato mais singular da interação verbal (Rezende, 2000, p. 17), ou seja, o diálogo coloca em jogo um conjunto de relações de alteridade entre representações linguísticas e não linguísticas.

Deste modo, é na atividade de regulação que o diálogo acontece, sendo ele, como já explicitamos, um todo que compreende um caráter duplo:

O diálogo interior ou intrassubjetivo, que é anterior à situação de exteriorização do produto da atividade cognitiva e contemporâneo a ela, quer dizer, é o mesmo que traz consigo o outro o mesmo; o diálogo exterior ou intersubjetivo, que é contemporâneo à situação de exteriorização do produto da atividade cognitiva e projetivo em relação a ela, é o outro que traz consigo o mesmo e o outro outro (Pria, 2013, p. 54).

Logo, o diálogo manifesta-se quando o enunciador filtra uma percepção (empírica) e a transforma em uma ocorrência linguística. O filtro do sujeito enunciador passa pelo filtro do seu coenunciador e o enunciador é também coenunciador de si mesmo. O direcionamento em relação ao outro é sempre

um conflito que acontece através da ocorrência de uma noção, dado que,

o diálogo é o movimento de um ponto de estabilidade *P01* dado pelo mesmo e pelo outro-mesmo, a outro ponto de estabilidade *P1* enunciado, dado pela adequação ao mesmo e ao outro-o mesmo ou pela emergência do outro outro (Pria, 2013, p. 54).

Por conseguinte, a estabilidade de quem enuncia é a instabilidade de quem coenuncia, e, é por meio do diálogo que, na atividade de regulação, haverá o desencadeamento de uma estabilização temporária. A atividade de regulação se concentra na construção de ajustamentos entre os sujeitos da enunciação, nos planos de representação e de referenciação. Assim,

a regulação representa um papel central na atividade de linguagem: (1) o sistema de autorregulação através da reflexão inconsciente (tanto quanto da consciente) em sua própria atividade de linguagem, portanto um processo de deformação e transformação sem fim; (2) a regulação intersubjetiva consiste no ajuste de quadros de referência e representações, validando uma relação com um estado de coisas ou uma classe de estado de coisas [...] (Culioli, 1990, p. 181)<sup>17</sup>.

Em suma, de um lado, é a possibilidade do diálogo interno, intrassubjetivo, que propicia a densidade para um desdobramento e um diálogo externo, intersubjetivo, entre o eu

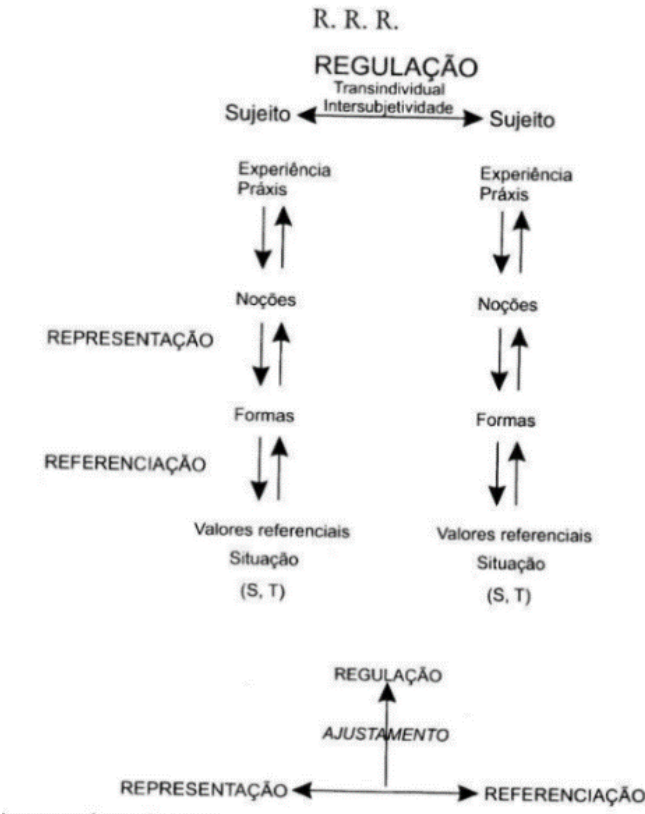
---

17 No original: "Regulation plays a central role in language activity: (1) the system is self-regulated through the subjects' unconscious (as well as conscious) reflexion on their own language activity, hence a never-ending transforming and deforming process; (2) intersubjective regulation consists in adjusting frames of reference and representations, in validating an utterance with respect to a state of affairs or a class of states of affairs [...]" (Culioli, 1990, p. 181).

e o outro; por outro lado, o diálogo externo, intersubjetivo, é o responsável pelo refinamento do diálogo interno, intrassubjetivo (Rezende, 2002, p. 121).

Vejamos a figura a seguir:

Figura 3: O ajustamento



Fonte: Ducard (2013).

A partir da figura 03, podemos perceber que, em uma situação de diálogo, há uma dissimetria, em que existe

uma dupla intensão de significar. A atividade consiste em, concomitantemente, produzir e reconhecer enunciados que ocorrem em razão do ajustamento. Está relacionado ao vazio e preenchê-lo implica maleabilidade. O processo de preenchimento do vazio é, na realidade, uma operação de validação por atribuição de valor referencial (Ducard, 2013).

Podemos frisar que a linguagem é, pois, um colocar em funcionamento operações de orientação que determinam valores referenciais, valores esses que não são dados, que não existem por si só, mas são resultados de um movimento, uma trajetória. Consequentemente, a capacidade de produzir e reconhecer enunciados em uma situação de interação verbal é medida pela atitude reflexiva de um sujeito de recuperar a imagem do outro dentro de si, bem como sua própria imagem dentro do outro (Rezende, 2000).

O domínio de validação do qual tratamos no parágrafo anterior é representado no quadro culioliano por um domínio topológico delimitado em zonas. Para melhor compreensão desse domínio vejamos, na sequência, assunção culioliana de noção e domínio nocional.

### **1.2.2. A noção e o domínio nocional**

A noção é um conjunto (feixe) de propriedades físico-culturais, isto é, um sistema complexo de representação das propriedades cognitivas. Constitui uma forma virtual de representação não – linguística da atividade simbólica, ligada

ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de quaisquer experiências (Culioli, 1990).

Dessa foram, “é em si própria indizível, sendo apreendida senão através das realizações particulares que são suas ocorrências” (Franckel; Paillard, 2011, p. 92). Uma noção está continuamente sendo elaborada, por intermédio de um processo constante de regulação, até mesmo aquelas que são tidas como estabilizadas dentro de uma comunidade linguística.

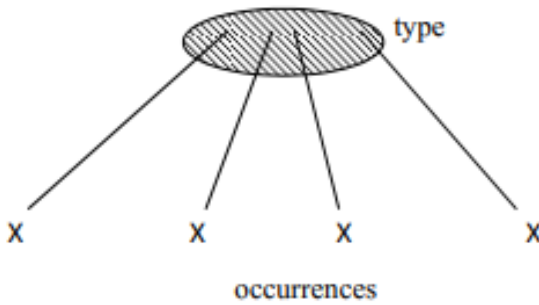
É, por assim dizer, uma ocorrência das atividades mentais que são identificáveis através do material linguístico. Não devemos confundir noção com o signo linguístico, uma vez que as noções constituem uma representação das ocorrências abstratas das línguas naturais. A noção é apreendida somente por meio das ocorrências linguísticas. Uma ocorrência consiste na realização particular de uma noção sob a forma de linguagem, todavia, frisamos que não existe uma relação palavra – noção. Há inadequações nessa relação (Cumprí, 2010).

Dessa forma, temos ocorrências que são trazidas de volta para um tipo que nunca é estabilizado e que já existe em comparação com outras noções. A partir desse momento, somos capazes de construir ocorrências abstratas, uma vez que possuímos a capacidade representativa. Segundo Culioli (1985), uma criança sabe fazer muitas coisas antes de saber verbalizar. Por exemplo, rasgar um pedaço de papel, sem antes saber dizer: *veja, rasguei um pedaço de papel*. Mesmo

que a criança, ou qualquer pessoa, não saiba como dizer uma determinada ação, já pode representá-la.

Com base nisso, vamos pensar na noção /animal/. Escutamos, em uma determinada situação, alguém chamar um animal de gato. Depois de algum tempo vemos outro animal que alguém chama de gato. No entanto, era um rato. Se gato não é a mesma coisa de rato, a diferença é introduzida. Vejamos a figura a seguir:

Figura 4: Tipo e Ocorrências



Fonte: Culioli (1985).

A experiência com a noção /animal/ nos dará a oportunidade de isolar propriedades, pois, como visto na figura 04, a partir da construção de uma noção tipo, teremos outras ocorrências. No exemplo anterior, temos a noção /animal/. Entretanto, as propriedades do primeiro animal <ser gato> são diferentes do segundo <ser rato>. A diferença contribui para a organização. É estabelecida uma filtragem das propriedades que são relevantes para distinguir uma ocorrência de outra.

Quanto a noção /animal/ estamos distinguindo qualitativamente dois tipos <o tipo gato> e <o tipo rato>.

No processo de construção de uma noção, certas propriedades eventualmente adquirem o poder de se configurar um tipo nocional em relação às demais propriedades. O tipo nocional não constitui uma ocorrência qualquer particular, e sim um ponto virtual, o qual não pode ser objetivamente localizado dentro do universo de referência.

A ocorrência de uma noção pode ser contemplada sob três pontos de vista: o fenomenológico, o linguístico e o metalinguístico. Os três estão inter-relacionados. Do ponto de vista fenomenológico, as ocorrências dizem respeito à existência de objetos com os quais entramos em contato desde a infância. O linguista não tem nada a dizer dessas ocorrências enquanto linguista.

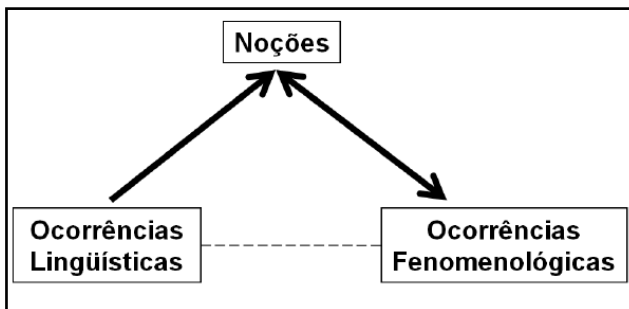
As ocorrências fenomenológicas fazem referência a um universo de objetos ou inter-relações rígidas de objetos adquiridas culturalmente. Podemos pensar na ocorrência / casa/, por exemplo, lhe são associadas determinadas propriedades diferentes de /bolo / ou /cadeira /. As noções irão variar de acordo com as diferenças culturais.

Do ponto de vista linguístico, as ocorrências constituem a materialização da noção, isto é, de sistemas complexos de representação de propriedade físico-culturais, das propriedades do objeto obtidas por manipulações necessárias, tomadas no interior de culturas. De maneira mais simplória,

as ocorrências linguísticas são os termos do enunciado. É produzida uma relação entre o posicionamento dos termos e as relações de localizações abstratas. Dessa imbricação de ocorrências temos um conjunto de valores distintos de uma mesma ocorrência.

A análise metalinguística de uma determinada ocorrência deve ser realizada levando em consideração os valores que estão presentes em cada enunciado, assim como o que os diferencia (Correia, 2002). Vejamos a figura a seguir:

Figura 5: Esquema da relação entre a noção e suas ocorrências linguísticas e fenomenológicas



Fonte: Elaborado por Pria (2009).

Para Culioli (1990), a encarnação de uma noção em forma de linguagem diz respeito à passagem para a materialidade e, ao mesmo tempo, para um sistema de referenciação. Temos acesso à materialidade por intermédio dos marcadores de operação:

o conceito de *marcador* vem aqui designar formas linguísticas, de nível 2, que são correlativas às noções de nível 1. os representantes linguísticos

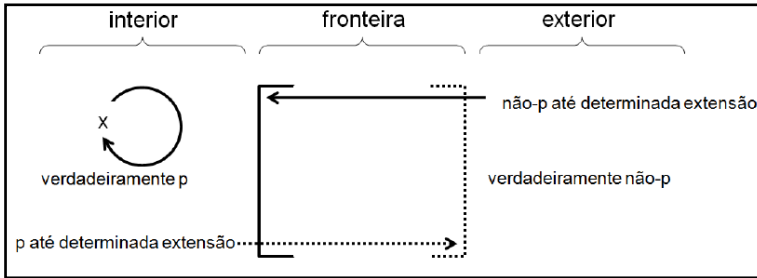


são os traços materiais textuais das representações e das operações da passagem de 1 para 2. o linguista considera então, esses representantes como os mediadores do que está inacessível e '[...] o termo *marcador*, especifica Culioli, remete à *indicação perceptível de operações mentais*, que fazem passar do nível 1, do qual nós temos apenas a marca, ao nível ii que é, precisamente, o local onde se agenciam as marcas sob forma de enunciados' ele é, ainda, definido como 'uma espécie de resumo, de concentrado de procedimentos que *desencadeiam* e *ativam* representações'. a tarefa do linguista também é a de 'meta-representar graças a meta-operações as operações das quais esses marcadores são os representantes' (Ducard, 2009, p. 76).

Por intermédio das formas linguísticas (marcadores), o linguista pode meta-representar as operações mentais realizadas na passagem do nível 1 para o nível 2. Essa "passagem de uma representação mental, incorpórea, a uma atividade que permite referir corresponde a um 'colocar em forma' a noção" (Culioli, 1990, p. 10).

Quando as diferentes operações abstratas incidem sobre as noções é construído um domínio nocional. O domínio nocional é construído através de operações, as quais fragmentam a classe de ocorrências de uma noção a partir de uma descontinuidade na vizinhança dos pontos. Essa fragmentação faz com que as ocorrências se distribuam em três regiões, as quais são: interior, fronteira e exterior; o que faz surgir um domínio nocional que possui como parâmetro uma topologia de identificação e diferenciação (Culioli, 1985). Vejamos a figura a seguir:

Figura 6: Esquema de conceito de domínio nocional



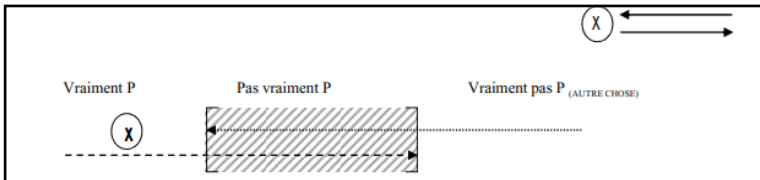
Fonte: Pria (2009).

Como vimos na figura 06, as ocorrências são localizáveis na fronteira, no interior ou no exterior do domínio de acordo a caracterização de diferenciação e dependem de um gradiente de distanciamento com relação ao centro. Nas palavras de Rezende (2000):

O domínio nocional evoca a ideia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento e, por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre eles. Essa relação será sempre aquela que o enunciador escolhe. Isso implica em um esquema: objetos são escolhidos, propriedades lhes são atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzir segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos, então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo isso é focalizado em direção a um ponto de vista cognitivo, em direção a uma espécie de *centro* do domínio, que será o alto grau da noção (Rezende, 2000, p. 104).

O grau de conformidade em relação a um dos centros e, conseqüentemente, o afastamento em relação ao outro, é determinado por um gradiente. O gradiente é compreendido por Culioli como uma escala, uma representação de graus em um domínio nocional. Vejamos a figura a seguir:

Figura 7: Gradiente



Fonte: Culioli (1985).

O gradiente tem a função de organizar as ocorrências em relação ao centro, aproximando ou distanciando. Os pontos são virtuais e não podem ser impressos de modo a determinar o momento exato em que ocorre uma transformação. Existe um ponto que funciona como atrator, em um ou outro sentido, porém escapa a uma localização precisa.

O interior do domínio nocional fornece ocorrências que são ao mesmo tempo individuais e identificáveis umas com as outras, dado que todas possuem uma mesma propriedade. O atrator surge, por exemplo, em operação de autoidentificação ou na tipificação. Vejamos os exemplos:

08. Isso que é um cachorro.
09. Um cachorro é sempre um cachorro mesmo.
10. Um verdadeiro cachorro.

11. Um cachorro cachorro.

Ressaltamos que o interior do domínio nocional diz respeito a um espaço aberto – um processo de identificação ( $X_i$  é identificado com  $X_j$ ). Já o exterior fornece, conforme o caso, o vazio, a ausência. Vejamos os exemplos:

12. Isso é totalmente diferente de um cachorro.

13. Isso não é um cachorro.

14. Isso não tem nada a ver com um cachorro.

O exterior do domínio resulta de um processo de diferenciação que pressupõe uma identificação anterior. Os valores exteriores ao domínio podem ser descritos como verdadeiramente não- $p'$ , totalmente diferente de  $p'$ , não tendo nenhuma propriedade em comum com  $p'$ .

A fronteira compreende valores que não pertencem nem ao interior, nem ao exterior, no entanto, conforme a ação dos enunciadores na construção dos enunciados, a fronteira poderá ser religada seja ao interior, seja ao exterior, pois, como já dissemos, o domínio nocional é um conjunto de virtualidades. Vejamos o exemplo:

15. Isso não é bem um cachorro.

A área de fronteira é o lugar onde as ocorrências não homogêneas  $X_m$  e  $X_n$  evidenciam estados qualitativamente alterados da propriedade  $p$ . É necessário compreendermos que o centro organizador (CO) do domínio nocional é o

responsável pela construção de um polo de referência para a construção de representações. Portanto, o CO é constituído de um tipo e de um atrator.

O tipo consiste em uma ocorrência representativa ou privilegiada em uma classe de ocorrências, uma vez que possui as seguintes propriedades: é definível, isto é, expõe-se enunciativamente e está em conformidade com uma representação. Essa “ocorrência representativa” pode se definir enunciativamente sob formas tais como: isso que eu chamo X, a ideia que eu faço de X, um verdadeiro X para mim (Culioli, 1999b, p. 12). Para Culioli o tipo é a condição enunciativa para o ajustamento e regulação.

O atrator é totalmente diferente do tipo, pois é uma ocorrência reguladora que corresponde a um polo de referência do domínio nocional. Vejamos os exemplos a seguir:

16. Mas que universidade!

17. Que casa, rapaz!

18. O salário aumentou.

Observemos que em 16 a propriedade singularizada pelo atrator é identificada com o complementar: <universidade> é <P'>. Em 17, a propriedade <casa> foi singularizada em relação ao atrator. Não é possível diferenciá-la de nenhuma outra ocorrência e nem identificá-la com outras, exceto com o próprio predicado: <casa> é <P>. Por sua vez, em 18, os parâmetros de /aumentar/ organizam-se predicativamente, em

outras palavras, trata-se do salário com relação a <ser salário>, sem que haja um resultado de /salário/ ou uma continuidade de /salário/ (o salário ficou mais salário), o que desembocaria no discreto.

Em suma, podemos dizer que o atrator é uma ocorrência imaginária, inacessível, que reúne todas as propriedades da noção em um alto grau. Conforme frisa Culioli (1999b), essa ocorrência constitui seu próprio termo de referência. É necessário entendermos que existe uma diferença essencial entre o tipo e o atrator, pois o primeiro diz respeito a uma ocorrência representativa e o segundo corresponde a uma representação “abstrata e absoluta”.

### 1.3. SÍNTESE CONCLUSIVA

No decorrer deste capítulo foi possível percebermos que a compreensão do que seja significação linguística está diretamente relacionada com o posicionamento teórico adotado. Desse modo, é uma ilusão pensar na ideia de uma “semântica” universal, comum para todos os linguistas. Para a Semântica Formal, como explicitamos em 1.1.1, a significação linguística é construída com base nas condições em que uma determinada sentença seria verdadeira.

A Semântica Cognitiva, conforme vimos em 1.1.2, argumenta que a significação consiste no resultado dos movimentos de nossos corpos em interação com o meio que

nos cerca. Já a Pragmática defende que a significação linguística é construída a partir do uso que fazemos da língua e a maneira como ela é empregada nos processos de interação verbal.

Notemos que a compreensão do que seja a significação linguística assumida pela Semântica Formal, pela Semântica Cognitiva e até mesmo pela Pragmática é sustentada pela busca de invariantes estáticas e, como consequência, em suas metodologias de análise olha-se frequentemente para o conteúdo de um enunciado tomando-o como previamente estabelecido.

Em 1.2 vimos, do ponto de vista culioliano, que a significação linguística é entendida como o processo de “análise das representações mentais desencadeadas e apreendidas por meio do material verbal que lhes dá corpo” (Franckel, 2011, p. 16). Isso significa também que a semântica-operatória culioliana busca investigar a natureza das variações de funcionamento das unidades linguísticas e a atividade reguladora que existe intrafalantes e interfalantes.

Isso posto, reafirmamos que é a teoria de Antoine Culioli que orienta o desenvolvimento deste livro em seus aspectos teórico e analítico, em outras palavras, a TOPE e a sua assunção de significação linguística é o lugar de onde contemplamos o funcionamento da unidade linguística NOVO em posição atributiva na pesquisa que apresentamos neste livro.

Passemos para o próximo capítulo.

# SIGNIFICAÇÃO DAS UNIDADES LINGUÍSTICAS SOB DOIS PONTOS DE VISTA ACERCA DO APARATO ENUNCIATIVO

Para resumir: não há linguística sem observações profundamente detalhadas; não há observações sem teoria dos observáveis; não há observáveis sem problemática; não há problemática sem a busca por soluções; não há soluções sem raciocínio; não há raciocínio sem um sistema de representação metalinguística; não há sistema de representação metalinguística sem operações, em particular sem categorização; não há categorização sem transcategorialidade (Culioli, 1999b, p. 66)<sup>18</sup>.

Compreendemos que existem caminhos que contribuem para os objetivos propostos em nossa pesquisa e existem caminhos que não contribuem. Neste capítulo, pretendemos explicitar dois desses caminhos, um que

---

18 No idioma original: "Résumons-nous: pas linguistique sans observations profondément détaillées; pas d'observations sans théorie des observables; pas d'observables sans problématique; pas de problématique qui ne se ramène à des problèmes; pas des problèmes sans recherche de solutions; pas de solutions sans raisonnement; pas de raisonnement sans système de représentations métalinguistique; pas de système de représentation métalinguistique sans opérations, em particulier sans catégorisation; pas de catégorisation sans transcategorialité" (Culioli, 1999b, p. 66).



considera os processos enunciativos e outro que desconhece o aparato enunciativo. Para tanto, em um primeiro momento, em 2.1, discorreremos acerca da significação das unidades linguísticas sob o ponto de vista dos processos enunciativos. Apresentamos, desse modo, os estudos cujas análises atestam a viabilidade de se desenvolver uma pesquisa cujo objetivo seja o que propomos neste livro, isto é, empreender um estudo, por meio da construção de protocolos experimentais que nos permitam relacionar um conjunto de enunciados, da unidade linguística NOVO em posição atributiva, com uma simulação de diálogo entre sujeitos. Na sequência, em 2.2, discorreremos sobre a significação das unidades linguísticas sob o ponto de vista que desconhece o aparato enunciativo. Neste capítulo apresentamos estudos cujas análises, ainda que corretas do ponto de vista em que foram elaboradas, tornam-se inviáveis de se desenvolver quando se propõe uma pesquisa cujo objetivo seja aquele definido neste livro.

Vejamos, na sequência, a primeira seção.

## 2.1. A SIGNIFICAÇÃO DAS UNIDADES LINGUÍSTICAS SOB O PONTO DE VISTA DOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS

A análise do adjetivo ‘doux’, como, aliás, **de todo adjetivo**, exige uma resposta a duas questões que devem ser distinguidas: 1) o que qualifica o adjetivo; 2) como ele qualifica aquilo que ele qualifica. Trata-se, em outros termos, de determinar de que e em

que ele pode ser qualificativo (Franckel, 2011, p. 123, grifo nosso).

Ressalte-se que o objetivo desta seção consiste em explicitar que é viável estudar a significação das unidades linguísticas em geral e de NOVO em particular sob o ponto de vista dos processos enunciativos, em conformidade com o objetivo principal da nossa pesquisa. Para alcançar esse intuito, fazemos aqui uma breve apresentação de pesquisas desenvolvidas por linguistas culiolianos, são eles: Franckel e De Vogüé (2002), De Vogüé (2004), Pria (2009, 2018), Franckel (2011), Lima (2013), Santos (2013), Silva (2014), Dufaye (2016) e Lima (2019).

Vejamos, a seguir, os trabalhos de Pria (2009, 2018) e Silva (2014).

### **2.1.1. A semântica operatória de FALSO e FIEL**

Vamos apresentar aqui duas pesquisas sobre o funcionamento de FALSO, são elas: o trabalho de doutoramento de Pria (2009, 2018)<sup>19</sup> e a dissertação de mestrado de Silva (2014); e acerca de FIEL vamos apresentar a pesquisa de mestrado de Silva (2014). Pria (2018, p. 133), ao iniciar a sua discussão sobre FALSO, afirma que a lógica “assume o ponto de vista representacionista da significação” e, como consequência, a finalidade das línguas consiste em somente

---

19 Ressalte-se que focaremos no dados e reflexões apresentadas por Pria (2018), pois trata-se de uma produção mais recente e amadurecida do autor.

“veicular conteúdos prontos da realidade abstrata para a realidade físico-cultural”.

Ao contrário do que propõe a lógica, Pria (2018, p. 137) assume em sua investigação que “a experiência é constitutiva das línguas e vice-versa”, em outros termos,

Numa abordagem dinâmica – que acreditamos ser a nossa – dos fenômenos linguísticos, a linguagem, enquanto prática de construção de significação numa língua dada, impede-nos de defender os fundamentos da abordagem estática, quais sejam (a) a existência de um plano abstrato de relações intersubjetivas estabilizadas e (b) a existência de um sistema de relações determinadas entre forma e conteúdo que não comporta deformações (Pria, 2018, p. 137).

O funcionamento de FALSO é analisado pelo autor a partir do “contexto explícito de intuições” que sustentam processos de “formalização de enunciados em família parafrástica”, pois o seu objetivo com a pesquisa consiste em contribuir para uma maior compreensão:

1. dos processos de determinação das noções semânticas, ou ‘quase-signos’ (Rezende, 2000), que implicam, de um lado, a introdução de alguma coisa (um objeto simbólico não qualquer) referenciável, provisoriamente chamada ‘atestado de órbita’, no espaço referenciável e, de outro lado, a determinação propriamente dita, através de avaliações qualitativas – que tem FALSO como marcador – sobre a identidade de alguma coisa em relação à representação visada de atestado de órbita nesse último espaço (Pria, 2018, p. 135).

2. dos processos sucessivos de ajustamentos entre sistemas de representação não homogêneos (Pria, 2018, p. 136).

Para tanto, Pria (2018, p. 138) constrói um sistema metalinguístico de representação que descreve as trajetórias que engemham ou “não” representação. Para as suas análises, o linguista parte do seguinte diálogo:

- (1) Você pagou a indenização a Pedro pela morte de sua esposa?
- (2) Não! De jeito nenhum.
- (3) Por quê?
- (4) Pedro me entregou um atestado de óbito falso.

Por ser o enunciado a sua unidade de análise, o linguista leva em conta o seu processo de constituição que compreende um conjunto de relações imbricadas, as quais são de natureza primitiva (Situação zero – SIT0 - determinação da orientação semântica), predicativa (Situação um - SIT1 – determinação da direção dos termos no enunciado) e enunciativa (Situação dois – SIT2 – determinação da estabilidade intersubjetiva). Como resultado da sua pesquisa, Pria (2018) chega nas seguintes considerações acerca da semântica operatória de FALSO:

Figura 8: A semântica operatória de FALSO

Marca do trabalho do sujeito	Marca da dúvida	Marca da consequência do movimento de construção de representação
<p>FALSO é a marca do trabalho do sujeito, uma disposição de S0, para passar de um modo de ser alguma coisa, esboçado em SIT0 e projetado em SIT1, para um modo de ser outro-o-mesmo que a SIT2 lhe assegura. O mesmo em razão da identidade de forma que é localizada em relação a uma situação particular (Sit) e outro em razão da reorganização notional que essa localização implica. A passagem de uma situação eventual (Sit*) para uma situação particular (Sit) não é sem consequência. FALSO é, antes de tudo, marca da modalidade da dúvida sobre a posição dos sujeitos da Sit a respeito de alguma coisa. FALSO é a marca da alteridade (dissociação) enunciativa. Em SIT2, S0 está dissociado da posição de um eventual locutor (S1*), mas não da disposição de S0, projetada em SIT1, para uma eventual situação enunciativa (Sit*) (PRIA, 2018, p. 143).</p>	<p>FALSO é a marca da dúvida de S1, excluída da SIT1, quanto à construção de alguma coisa como ocorrência da noção /atestado de óbito/. A negação da existência de <i>um atestado de óbito que existe como tal</i> é um pano de fundo que não resolve com FALSO. FALSO marca o bloqueio à trajetória de construção de atestado de óbito que se esboçou em SIT0 e cuja existência se projetou SIT1. Esse bloqueio dá margem a todo tipo de especulação – que não é nosso objetivo fomentar – sobre a trajetória a partir de Sit (PRIA, 2018, p. 144).</p>	<p>Em SIT2, S1 força a volta – como se isso fosse possível ou sem consequência – à situação zero, passando pela situação um, como uma trajetória possível. A volta, ou melhor, a sua tentativa, não é sem consequência para o enunciado. FALSO é a marca dessa consequência do movimento (trabalho) de construção de representação no contexto do enunciado, e não para o fragmento <i>atestado de óbito</i> (PRIA, 2018, p. 144).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Pria (2018, p. 143-144).

Pria (2018, p. 144) conclui que FALSO consiste na “marca da dúvida (modalidade) e do bloqueio (alteridade) à construção do termo atestado de óbito, na trajetória da construção do enunciado”.

Já a pesquisa de Silva (2014, p. 12) tem como objetivo “apresentar uma investigação sobre o processo de construção de sentido das unidades lexicais FALSO e FIEL, bem como os seus processos de qualificação”. O seu trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Unidades Lexicais: identidade e variação em uma dinâmica de interação<sup>20</sup>”, desenvolvido pelo Grupo de

20 Para conhecer todas as pesquisas do projeto, sugerimos a leitura de Lima (2019).

Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE)<sup>21</sup> da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Silva (2014) argumenta que busca com as análises de FALSO e FIEL promover uma reflexão acerca da noção de qualificação atribuída para essas unidades. A autora compreende a qualificação como um fenômeno constituinte do jogo de construção de sentidos nos enunciados em que FALSO e FIEL são inseridos.

A partir de enunciados recolhidos do jornal “O Imparcial” (versão digital) do estado do Maranhão e do site de busca *Google*, Silva (2014) faz um agrupamento de enunciados para as análises e, desse modo,

[...] um dos critérios utilizados para agrupar as ocorrências foi a semanticidade do nome, assim apresentaremos primeiro os enunciados com nomes com traços humanos, seguidos pelos inanimados. Em seguida, analisaremos alguns casos considerando a organização sintática das ocorrências e por fim casos que não se enquadram em nenhum dos grupos, as exceções (Silva, 2014, p. 85).

Silva (2014) manipulou um total de 83 enunciados e os organizou em 3 (três) grupos para a análise de FALSO e em 4

---

21 O Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE) é formado por alunos graduandos, mestrandos, doutorandos, mestres e doutores da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Piauí (IFPI), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). O grupo é coordenado pela Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima. A partir de 2005, o grupo de pesquisa redirecionou seus estudos para análise e descrição do português em uma perspectiva enunciativa dentro do quadro teórico da teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli (TOPE).

(quatro) grupos para a análise de FIEL. Dessa maneira, para FALSO tem-se: 1) FALSO anteposto e posposto ao nome (traços humanos); 2) FALSO anteposto e posposto ao nome (traços inanimados); e 3) ocorrência de FALSO na função de predicação nominal: X (nome) + Verbo (Ser) + FALSO. Vejamos o quadro a seguir com alguns enunciados para cada grupo:

Quadro 1: Grupos e exemplos com ocorrências de FALSO

Grupos	Enunciados
<b>1) FALSO anteposto e posposto ao nome (traços humanos)</b>	a) Presos três FALSOS <b>monitores</b> do Terminal da Cohab. b) Guerreiro Júnior pede que polícia investigue FALSO <b>servidor</b> do TJ. c) FALSO <b>bispo</b> tenta entrar em pré-conclave de cardeais no Vaticano.
<b>2) FALSO anteposto e posposto ao nome (traços inanimados)</b>	d) Presidente da CPI bate boca com FALSO <b>Twitter</b> de substituto de Demóstenes. e) TSE alerta sobre recebimento de FALSO <b>e-mail</b> em nome do tribunal. f) <b>Site</b> FALSO de Haddad foi criado por campanha de Serra.
<b>3) Ocorrência de FALSO na função de predicação nominal: X (nome) + Verbo (Ser) + FALSO</b>	g) <b>Você é</b> FALSO, você aperta a minha mão e depois faz o que faz pelas costas. h) O Brasil vai julgar se <b>eu sou dissimulado e</b> FALSO. i) Notícia que <b>Justin Bieber é gay é</b> FALSA.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Silva (2014).

Seguindo o mesmo padrão, para FIEL tem-se: 1) FIEL anteposto e posposto ao nome (traços humanos); 2) FIEL anteposto e posposto ao nome (traços inanimados); 3) ocorrência de FIEL na função de predicação nominal: X (nome) + Verbo (Ser) + FIEL; e 4) FIEL acompanhado

por intensificador. Vejamos o quadro a seguir com alguns enunciados para cada grupo:

Quadro 2: Grupos e exemplos com ocorrências de FIEL

Grupos	Enunciados
1) FIEL anteposto e posposto ao nome (traços humanos)	<p>a) Maria Bonita ficou eternizada como a FIEL <b>compañeira</b> de Virgulino Lampião, o rei do cangaço.</p> <p>b) O petebista é FIEL <b>escudeiro</b> do governador Geraldo Alckmin (PSDB).</p> <p>c) Ivaldo, que sempre foi FIEL <b>apoiador</b> do prefeito não quis comentar a indicação de seu nome pelo PDT.</p>
2) FIEL anteposto e posposto ao nome (traços inanimados)	<p>d) Passar fome servia para a massa entender que o patrão era quem possuía a benevolência no dar quando o eleitor fosse de um <b>comportamento</b> FIEL, ainda tinha o curral eleitoral.</p> <p>e) “Pet Sematary” foi uma das melhores versões para cinema de uma obra de King e fez muito sucesso de bilheteria, embora não seja uma <b>adaptação</b> FIEL.</p> <p>f) O projeto de lei sobre “a segurança do emprego” é a <b>transcrição</b> FIEL feita pelo governo de um acordo assinado no dia 11 de janeiro entre a patronal e três sindicatos, entre eles as CFDT, o segundo sindicato francês (reformista).</p>
3) ocorrência de FIEL na função de predicação nominal: X (nome) + Verbo (Ser) + FALSO	<p>g) A <b>clientela é FIEL</b>.</p> <p>h) <b>Deus é FIEL</b> e justo para com aqueles que o seguem.</p> <p>i) <b>Ele foi FIEL</b> e competente ao escrever, é a pessoa certa para contar a história, afinal viveu essa fase.</p>
4) FIEL acompanhado por intensificador	<p>j) Wanda - Bobagem! Ela não ia achar nunca um marido <b>mais FIEL</b> que esse.</p> <p>k) Tive a oportunidade de dizer à presidenta do Brasil que pode contar com Portugal como <b>mais FIEL</b> e mais próximo aliado.</p> <p>l) Como as fotos falham em representar o objeto com precisão, os técnicos americanos esperam que o radar construa uma imagem <b>mais FIEL</b>.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Silva (2014).



Além da análise de FALSO e FIEL em enunciados distintos, Silva (2014) também analisou enunciados com ocorrências simultâneas de FALSO e FIEL. A partir das análises com ocorrências de FALSO e FIEL, Silva (2014) propõe as seguintes formas esquemáticas<sup>22</sup>:

Quadro 3: Forma esquemática de FALSO e FIEL

Unidade Lexical	Forma Esquemática
<b>FALSO</b>	Propriedade (P) atribuída a um nome (X), capaz de alterar a noção desse nome (X), por X não corresponder a uma realidade Y ou assumir uma propriedade que não possui, ou seja, uma propriedade inexistente a X (SILVA, 2014, p. 113).
<b>FIEL</b>	Propriedade (P) atribuída a um nome (X), capaz de provocar mudança, considerada positiva, no estatuto desse nome (X), fazendo com que X estabeleça uma relação de identidade, de permanência ou de semelhança com Y (SILVA 2014, p. 115).

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Silva (2014, p. 113-115).

Silva (2014) ainda acrescenta em sua pesquisa que, nos enunciados com ocorrências simultâneas de FALSO e FIEL, há casos em que é construída localmente uma relação de “antonímia”. A autora argumenta que “quando as unidades atribuem uma qualidade ao mesmo nome, há relação de antonímia, no entanto, como explicitamos, nas ocorrências

22 Uma Forma Esquemática (FE) tem por objetivo esboçar o conjunto de valores e dos empregos de uma unidade por ela assinalada. Cada uso da unidade diz respeito ao emprego específico e particular da FE, o que ocorre em virtude de ela ser apreensível somente por intermédio das diferentes realizações possíveis que compõem as suas ocorrências. Logo, a identidade de uma unidade linguística é representada por uma FE que delinea um raciocínio que permite a extração do papel respectivo da unidade e de seu cotexto na variação dos sentidos que podem lhes ser associados (Franckel, 2011, p. 23).

que as unidades não qualificavam o mesmo nome, isso não ocorre” (Silva, 2018, p. 117).

Observemos que, embora norteados pela mesma teoria, Pria (2018) e Silva (2014) trilham caminhos distintos em suas análises com a unidade linguística FALSO. Isso demonstra um aspecto que é próprio da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas: a assunção de que a teoria deve ser apropriada e não aplicada. Veremos, nas subseções seguintes, como cada pesquisador culioliano realiza esse processo de apropriação na medida em que descrevemos às suas reflexões acerca das unidades linguísticas.

Vejam, a seguir, as pesquisas com *GRAND* e *GRANDE*

### **2.1.2. O funcionamento enunciativo de *GRAND* e *GRANDE***

Sobre o funcionamento de *GRAND* e *GRANDE* descreveremos aqui as pesquisas de Franckel e De Vogüé (2002) e Santos (2013), respectivamente. Franckel e De Vogüé (2002) introduzem o seu trabalho com *GRAND* argumentando que a maioria das pesquisas, sobretudo os tratamentos lexicográficos, tomam essa unidade linguística a partir da preposição de um sentido primeiro ou próprio. Assim, a *GRAND* é atribuído um valor espacial, diretamente relacionado à altura e aos seres verticais. Observemos os exemplos a seguir:

01. *Elle est GRANDE*<sup>23</sup>.

02. *Je veux être GRAND*<sup>24</sup>.

03. *GRAND Dieu*<sup>25</sup>.

Por meio de ocorrências de *GRAND* em enunciados como 01, 02 e 03, os autores afirmam que essa unidade linguística também pode funcionar como um elogio, como explicita o exemplo 01, como um objetivo a ser alcançado, exemplo 02, ou como a evocação do sublime e elevação espiritual, exemplo 03. Logo, *GRAND*, em francês, é mais “percebido como determinando um espaço cujas delimitações são pouco restritivas e no qual alguma coisa se sente à vontade para se movimentar com liberdade” (Franckel; De Vogüé, 2002).

Com o objetivo de explicitar os modos de funcionamento de *GRAND*, Franckel e De Vogüé (2002) elaboram uma Forma esquemática que busca dar conta dos seus empregos e valores nos enunciados em que ocorrem. “Essa forma, segundo os autores, será suficientemente plástica e suficientemente restritiva para viabilizar algumas deformações e bloquear outras” (Pria, 2009, p. 96). Para tanto, os autores partem dos seguintes enunciados:

04. *Le GRAND jour*<sup>26</sup>.

---

23 Em português: Ela é GRANDE (Tradução nossa).

24 Em português: Eu quero ser GRANDE (Tradução nossa).

25 Em português: GRANDE Deus (Tradução nossa).

26 Em português: O GRANDE dia (Tradução nossa).

05. *Un GRAND jour*<sup>27</sup>.

06. *Trois GRANDS jours*<sup>28</sup>.

07. *Il faisait GRAND jour*<sup>29</sup>.

08. *Au GRAND jour*<sup>30</sup>.

Segundo os autores, em 04 e 05, tem-se marcada a duração do referente, ou seja o tempo de que se dispõe; em 06, existe uma limitação quantitativa do tempo; em 07, há um ponto distante dos limites ou fronteiras iniciais do dia, distante da sua posição, que consiste na noite; em 08, por sua vez, há marcada por *GRAND* a passagem do obscuro e secreto para o claro e o explícito. Para os linguistas, o funcionamento de *GRAND*,

[...] condensa todas as ‘falhas’ dos adjetivos, no sentido de que combina todos os desafios que esta categoria sintática pode representar: flutuante, indefinível, inextricavelmente ligado ao seu contexto, leva a ao extremo todas as dificuldades tradicionalmente apresentadas pelos adjetivos (Franckel; De Vogüé, 2002, p. 08)<sup>31</sup>.

---

27 Em português: Um GRANDE dia (Tradução nossa).

28 Em português: Três GRANDES dias (Tradução nossa).

29 Em português: Era Plena luz do dia (Tradução nossa).

30 Em português: Em PLENA luz do dia (Tradução nossa).

31 No idioma original: On voit que grand condense tous les “défauts” des adjectifs, en ce sens qu’elle cumule tous les défis que peut poser cette catégorie syntaxique: flottante, indéfinissable, inextricablement liée à son co-texte, conduit à l’extrême toutes les difficultés que présentent traditionnellement les adjectifs (Franckel; De Vogüé, 2002, p. 08).

A partir de suas observações e análises, Franckel e De Vogüé (2002) caminham em direção à proposição de uma Forma Esquemática de *GRAND*. Essa formulação inicia com a identificação dos parâmetros que estão em jogo nos enunciados com ocorrências da unidade linguística *GRAND*; em seguida observa-se os valores não contíguos, isto é,

Resta então especificar o que *grand* diz sobre este valor X (Ref). Não é um problema apenas para considerá-lo superior ao *Xo*: o grande não é apenas acima da média, o espaço da casa não é apenas maior do que o espaço que quero ter; entre os dois deve haver margem suficiente e, portanto, não são contíguos. No caso de três grandes dias, ou a casa grande, isso resulta no fato de que *Xo* está em abaixo de X (Ref). Daí a interpretação: estamos fora (Franckel; De Vogüé, 2002, p. 11)<sup>32</sup>.

Posteriormente, especificam o papel de *GRAND* em contexto em que é interpretado como um valor abaixo ou acima do outro. E encerram o percurso apresentando as restrições nos parâmetros em jogo nos enunciados com ocorrências de *GRAND*: I) Construção de um interior: *Xo* ou X (Ref) como valor de delimitação; II) Um traço qualitativo sujeito a variação quantitativa. A partir desse dois aspectos argumentam que,

*Grand* não define não em si o traço X que será submetido à avaliação, sendo este traço capaz de em seguida, ser retornado de maneira variável

---

32 No idioma original: "Il reste alors à préciser ce que dit *grand* de cette valeur X (Ref). Ce n'est pas un problème de le considérer comme supérieur au *Xo* : non seulement le *grand* est au-dessus de la moyenne, mais l'espace dans la maison n'est pas seulement plus grand que l'espace que je veux avoir ; entre les deux il doit y avoir une marge suffisante, et donc ils ne sont pas contigus. Dans le cas de trois grands jours, ou de la grande maison, cela se traduit par *Xo* sous X (Ref). D'où l'interprétation: nous sommes sortis" (Franckel; De Vogüé, 2002, p. 11).

a partir dos elementos presentes no contexto e propriedades do N envolvido; por outro lado, *grand* é compatível com duas orientações dependendo de como se constitui, partindo do ponto de vista S adotada, o interior que X deve delimitar. Existem outras, relativas à natureza mais ou menos qualitativa ou mais ou menos quantitativa da avaliação operado por exemplo (Franckel; De Vogüé, 2002, p. 16)<sup>33</sup>.

Os autores concluem que a Forma Esquemática que apresentam de *GRAND* nos possibilita: I) compreender como a variação é implantada na semântica das unidades linguísticas; II) Visualizar uma explicação do porquê os adjetivos são particularmente flutuantes; e III) entender parâmetros e configurações que as línguas mobilizam na construções de sentidos das unidades linguísticas.

A próxima pesquisa com a unidade linguística *GRANDE* que passaremos a descrever foi realizada por Santos (2013), linguista brasileira veiculada a Universidade Federal do Piauí (UFPI). A sua pesquisa tem como objetivo,

Explicar como se dá a interação do adjetivo grande com seus respectivos contextos e como essas interações constroem o sentido desse adjetivo nos enunciados orais; identificar através da variação semântica desse adjetivo uma singularidade, uma regularidade, ou seja, a Forma Esquemática (Santos, 2013, p. 15).

33 No idioma original: "Grand ne définit pas en lui-même le trait X qui sera soumis à l'évaluation, ce trait pouvant ensuite être restitué de façon variable à partir des éléments présents dans le contexte et des propriétés du N concerné; en revanche, grand est compatible avec deux orientations selon qu'il constitue, du point de vue S adopté, l'intérieur que X doit délimiter. Il en existe d'autres, relatives au caractère plus ou moins qualitatif ou plus ou moins quantitatif de l'évaluation opérée, par exemple" (Franckel; De Vogüé, 2002, p. 16).

Ressalte-se que, assim como Silva (2014), o trabalho de Santos (2013) faz parte do projeto de pesquisa Unidades Lexicais: identidade e variação em uma dinâmica de interação, desenvolvido pelo Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Para as suas análises, Santos (2013) selecionou, *do corpus do Português*, 44 (quarenta e quatro) enunciados com ocorrências da unidade linguística GRANDE. Os enunciados foram divididos para as análises em função da anteposição ou posposição da ocorrência de GRANDE em relação ao nome, bem como a autora agrupou as ocorrências por proximidades semânticas após uma pré-análise. Vejamos, no quadro a seguir, algumas ocorrências de GRANDE inseridas em cada grupo:

Quadro 4: Grupos e exemplos de ocorrências de GRANDE

Grupos	Enunciados
<b>1) GRANDE anteposto ao nome de semânticidade negativa</b>	a) Eu acho que nunca tive uma GRANDE decepção. b) Eu acho que foi um GRANDE erro dos Estados Unidos porque pegou o Iraque despreparado. c) Olha... tem pessoas que matam por prazer...quando mata é uma GRANDE aberração e elas merecem ser severamente punidas
<b>2) GRANDE na posição anteposta enfatizando a atuação evocada pelo nome</b>	d) Deus é um GRANDE homem que veio pra cá. e) Eu sempre quis ser uma GRANDE secretária ... pra mim só isso basta. f) Na verdade não foi exatamente uma paixão de Escobar... eles eram GRANDES amigos.
<b>3) Adjetivo grande posposto ao nome na função prototípica de tamanho/extensão acompanhado ou não com intensificador</b>	g) Mateus é o do cabelão GRANDE moreno. h) Eu só compro pirulito de cabeça GRANDE. i) É porque se a gente estudar quando pequeno quando a gente for GRANDE aí vai ter um futuro melhor.

<b>4) GRANDE posposto ao nome na função de quantificador</b>	j) Ai ((risos)) é difícil o livro é GRANDE demais mas eu li.
<b>5) GRANDE anteposto a uma expressão partitiva</b>	k) Aqui no Brasil só quem vai preso na GRANDE maioria são os ladrões pequenos.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Santos (2013).

A partir das análises dos enunciados com ocorrência de GRANDE, Santos (2013, p. 91) explicitou que no primeiro grupo, X (nome) é o desencadeador interno de uma propriedade e a unidade linguística GRANDE intensifica essa propriedade na anteposição; no segundo grupo X (nome) funciona como desencadeador interno e externo das propriedades atribuídas a GRANDE; já no terceiro grupo, X (nome) é o desencadeador interno e é graduado pelo uso de intensificadores; no quarto grupo X (nome) é o desencadeador interno e grande exerce o papel específico de quantificador; por fim, no último grupo, X (expressão partitiva) é o desencadeador interno e grande enfatiza a quantificação.

A autora finaliza às suas análises acerca do funcionamento enunciativo de GRANDE propondo a seguinte Forma Esquemática:

Dada uma entidade X, grande desencadeia sobre X propriedades extensionais oriundas da percepção interna ou externa do Sujeito Enunciador sobre essa entidade provocando uma mudança de estatuto da mesma em uma dimensão quantitativa, em uma linha vertical ou horizontal, ou em uma dimensão qualitativa (Santos, 2013, p. 90).

Santos (2013) justifica a elaboração de uma Forma Esquemática (FE) em sua pesquisa com base Franckel (2006),



o qual diz que todas as unidades linguísticas podem ser definidas em termos de FE. Logo, é através da diversidade das ocorrências de uma determinada unidade, no caso de Santos (2013), GRANDE, que se faz a abstração do que é regular em seus usos.

Vejam, na sequência, a pesquisa de Lima (2013) com ocorrências da unidade linguística BOM.

### **2.1.3. A construção de significação em ocorrências da unidade linguística BOM**

Lima (2013), orientada pelos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, tem como objetivo em seu trabalho “examinar em um conjunto de enunciados, o que favorece as variações de sentido do adjetivo BOM e quais os princípios de regularidade que podem ser extraídos dessas variações” (Lima, 2013, p. 46).

Seguindo o mesmo parâmetro empregado por Silva (2014) e Santos (2013), a linguista situa as ocorrências de BOM em grupos, a partir da configuração sintática dos enunciados. Dessa forma, tem-se três grupos, são eles: 1) ocorrência do adjetivo BOM na configuração sintática: X ser + adjetivo + nome; 2) forma verbal no infinitivo + verbo ser + adjetivo; 3) Adjetivo em um sintagma nominal na posição de argumento 2 (Lima, 2013).

Vejamos, a seguir, alguns exemplos de enunciados analisados pela linguista:

Quadro 5: Grupos e ocorrências de BOM

Grupos	Enunciados
1) X ser + adjetivo + nome	a) José é um BOM aluno. b) Meu pai é um BOM médico. c) Ele é um BOM goleiro.
2) forma verbal no infinitivo + verbo ser + adjetivo	d) Eu acho que clonar não é BOM. e) Dirigir é BOM. f) Beijar é BOM.
3) Adjetivo em um Sintagma nominal na posição de argumento 2	g) Minha mãe nunca me pressionou para eu tirar nota BOA. h) No ano passado na primeira etapa me saí bem, né? Obtive uma nota BOA.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Lima (2013).

Nos enunciados do primeiro grupo, a autora afirma que BOM não qualifica diretamente o nome que se encontra desempenhando a função sintática de sujeito gramatical (SG), mas o papel que ele assume enquanto desempenha Y. No quadro 05, no exemplo **a**, José é X desempenhando o papel de aluno, isto é, de Y; no segundo grupo, BOM qualifica um ato; e no terceiro grupo, BOM marca uma escala de valores em relação ao nome (Lima, 2013).

Lima (2013), inspirada em Franckel (2011), busca responder por meio de suas análises aos seguintes questionamentos: 1) O que o adjetivo BOM qualifica?; 2) E como BOM qualifica o que ele qualifica? A linguista afirma que BOM não qualifica o nome em si, no entanto, qualifica um determinado nome no processo de construção referencial da

representação. A partir das análises das ocorrências de BOM, Lima (2013) propõe as seguintes Formas Esquemáticas:

Figura 9: Formas Esquemáticas de BOM

<p>I) O sentido do adjetivo BOM é estabilizado no enunciado a partir de uma propriedade semântica de X (nome) que dá suporte à construção de seu sentido. Esta propriedade semântica se destaca na relação contextual. X por ter a propriedade p1 (Xp1) desencadeia uma dada construção de sentido para a ocorrência do adjetivo BOM que se diferencia de uma outra construção de sentido de BOM por X ter uma propriedade Xp2 que se diferencia de Xp1 (Lima, 2013, p. 59).</p>		
<p>II) O adjetivo BOM em uma construção predicativa com o relator estar pode assumir sentidos diferentes ao qualificar um mesmo nome. A estabilidade de seu sentido ocorre em parte pelo contexto, a natureza semântica do nome que ele qualifica, e pela contextualização através da reconstrução de cenários (Lima, 2013, p. 60).</p>		<p>III) O adjetivo BOM não qualifica necessariamente o nome marcado no enunciado, ele pode qualificar o ato, o acontecimento que representa, os efeitos de um ato (Lima, 2013, p. 60).</p>
<p>IV) O adjetivo BOM acompanhado da preposição de, para em toma o nome que o antecede (X1) como o ponto de origem de uma qualificação que vai incidir sobre o nome posposto a preposição (X2) (Lima, 2013, p. 60).</p>	<p>V) Preponderantemente, a qualificação que o adjetivo BOM expressa não tem origem no nome em si, mas no enunciativo, O SE faz uma apreciação sobre X (Lima, 2013, p. 61).</p>	<p>VI) Quando o adjetivo BOM encontra-se em uma construção nominal na posição de argumento 2 em articulação com um valor modal deôntico, o nome não desencadeia no sujeito enunciador uma avaliação marcada pelo adjetivo (Lima, 2013, p. 61).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Lima (2013).

Após explicitar as Formas Esquemáticas de BOM, como foi possível vermos por meio da figura 09, a linguista ainda destaca que BOM “qualifica uma propriedade do nome em função do olhar perceptível do sujeito enunciador sobre o que é qualificado” (Lima, 2013, p. 64). A autora conclui afirmando que o sentido que BOM estabiliza temporariamente só é identificado quando chegamos às representações semânticas que circundam o nome no enunciado em que ele se encontra inserido.

Vejamos, na sequência, a pesquisa de Franckel (2011) com a unidade linguística *DOUX*.

#### 2.1.4. A análise da unidade linguística *DOUX* (DOCE)

Ao tratar do funcionamento da unidade linguística *DOUX*, Franckel (2011) inicia a sua argumentação apresentando o seguinte enunciado:

a) *Une pente douce*<sup>34</sup>.

Para o linguista, o exemplo dado consiste em “uma tentativa de se libertar das amarras da metalíngua”. É uma oportunidade de ir ao extremo da singularidade de funcionamento de uma unidade linguística, dado que

Toda unidade lexical pode constituir o ponto de partida ou a construção de uma reflexão sobre a própria noção de identidade de uma unidade lexical. Ora, uma glosa visa, precisamente, entre outras coisas, a captar o que, em cada sequência, corresponde a uma atualização da identidade das unidades que a constituem (Franckel, 2011, p. 122).

Para realizar a análise de *DOUX*, Franckel (2011, p. 123) coloca em evidência duas questões basilares: “1) o que qualifica o adjetivo; 2) como ele qualifica o que qualifica”. Com intuito de responder a primeira questão, o linguista nos diz que devemos considerar dois problemas fundamentais, os quais são: “1) definir o tipo de N suscetível de ser qualificado pelo adjetivo; 2) definir qual aspecto do N se encontra assim qualificado”.

---

34 Em português: uma inclinação suave (tradução nossa).

Para se determinar o tipo de N suscetível de ser qualificado por *DOUX*, o autor sugere a realização de uma análise distribucional que pode ser efetuada de duas maneiras:

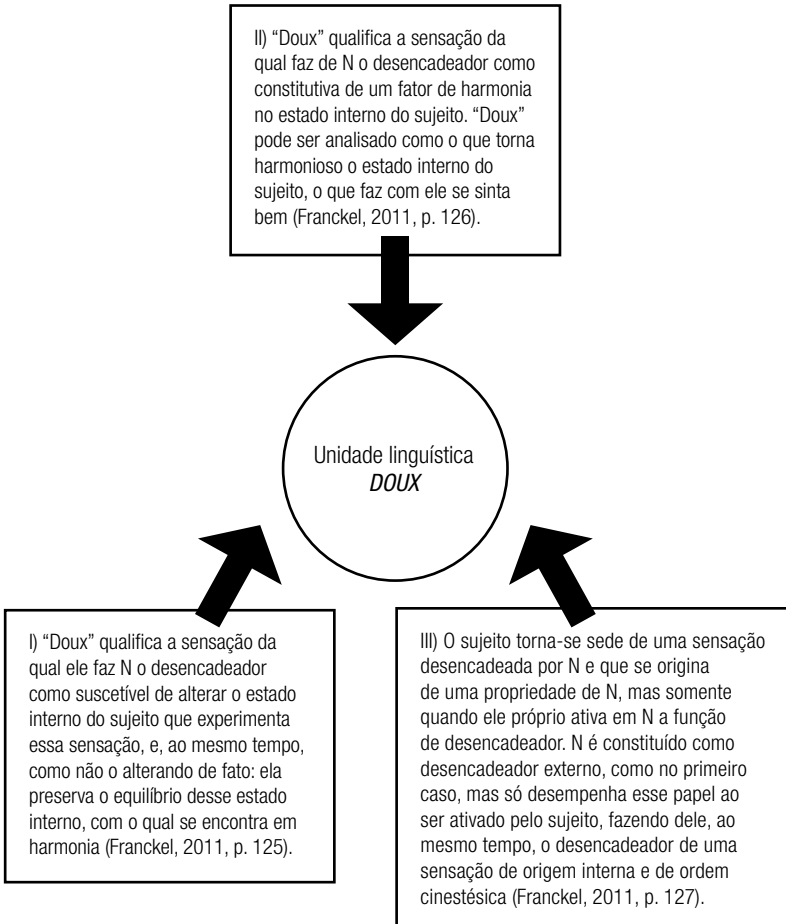
1. Um levantamento dos N que aparecem efetivamente no corpus. Constatamos que, no caso de *doux*, como naquele de inúmeros adjetivos, esse número é abundante, atípico e dos mais disparates, e que a distribuição não é exatamente a mesma dependendo se o adjetivo é atributivo direto, atributivo esquerdo, ou predicativo. Citemos desordenadamente uma pequena amostra: água, inclinação, clima, temperatura, molho (onde *doux* tende a ser posposto); música, canção, textura, voz, beijo, temperamento, odor, lembrança, momentos, rosto etc. 2. A dificuldade em explorar diretamente tal disparidade leva a preferir uma outra abordagem, que consiste em considerar o caso dos N com os quais *doux* não aparece, ou aparece apenas de modo restrito ou anormal. Trata-se não de levantar uma lista, tarefa evidentemente irrealizável, mas de estabelecer em que condições contextuais a sequência formada poderia, apesar de tudo, se mostrar interpretável (Franckel, 2011, p. 123).

Para o linguista, é o trabalho interpretativo que os próprios exemplos nos exigem que possibilita o acesso ao funcionamento de uma unidade linguística. No caso, de *DOUX*, os exemplos analisados explicitam a qualificação de uma sensação, ou seja,

*Doux* qualifica um efeito que N provoca, estabelece N como desencadeador de um efeito sobre o estado interno do sujeito. Aquilo que é '*doux*' é aquilo que é sentido ou experimentado como tal. Não é N que é qualificado, mas a sensação desencadeada por ou associada a N (Franckel, 2011, p. 124).

Passemos agora para a segunda questão colocada pelo linguista (como ele qualifica). Para obtermos uma resposta é necessário fazer a distinção três tipos de caso relacionados à posição do adjetivo (Franckel, 2011). Vejamos cada caso na figura a seguir:

Figura 10: Modos de qualificar de DOUX



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Franckel (2011).

A sensação desencadeada por N, no primeiro caso, é externa; no segundo caso é interna; e, no terceiro caso, N é constituído como desencadeador de uma sensação cinestésica, de fonte interna e externa. O autor conclui a sua análise apresentando a seguinte Forma Esquemática: “‘*doux*’ constitui N como desencadeador de um efeito sobre o estado interno de um sujeito. ‘*Doux*’ qualifica esse efeito como estando em harmonia com o estado interno” (Franckel, 2011, p. 127).

Passemos para a pesquisa com ocorrências da unidade linguística LEGAL.

### **2.1.5. O funcionamento semântico-enunciativo da unidade linguística LEGAL**

A tradição lógico-gramatical e a lexicografia categorizam a unidade linguística LEGAL como um “adjetivo” cujo comportamento em um enunciado seria sempre de um qualificador. Essa assunção fortalece a concepção de que o valor semântico de LEGAL é constitutivo dele, em outros termos, que o seu comportamento como “adjetivo” seria anterior ao seu uso e sempre que ocorre em enunciados seria para qualificar um nome.

Na contramão do que foi dito anteriormente, Lima (2019) realizou uma pesquisa, amparado na teoria enunciativa de Antoine Culioli, objetivando,

analisar, através da descrição de usos, como se dá a construção de sentidos da marca legal em

português brasileiro, observando sua interação com outros elementos do enunciado, e que essas interações provocam valores referenciais diversos que advêm de uma regularidade que subjaz toda essa variedade (Lima, 2019, p. 13).

Com intuito de alcançar o seu objetivo, o linguista procedeu, metodologicamente, com a atividade de elaboração de glosas e a contextualização de enunciados e, ao término das suas análises, a elaboração de uma Forma Esquemática para a unidade linguística LEGAL. Os enunciados analisados por Lima (2019, p. 73), foram coletados “da página <[www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)> e outros enunciados retirados de página da internet, especificamente no site de busca *Google*, através do método de pesquisa avançada”.

O autor seleciona um total de 28 (vinte e oito) enunciados para as suas análises e os reúne em 03 (três) grupos. O principal critério para realizar esse agrupamento consiste na semanticidade do nome com os quais LEGAL encontra-se em relação. Posto isso, os grupos são: “1) Enunciados da marca “legal” vinculada ao nome (X + legal); 2) Ocorrências da marca “legal” posposta ao nome na configuração (X+ verbo ser + legal); 3) Ocorrências da marca “legal” em uma construção modal” (Lima, 2019, p. 75-87).

Vejamos, no quadro a seguir, alguns exemplos de ocorrências da unidade linguística LEGAL em cada grupo:



Quadro 6: Grupos e ocorrências da unidade linguística LEGAL

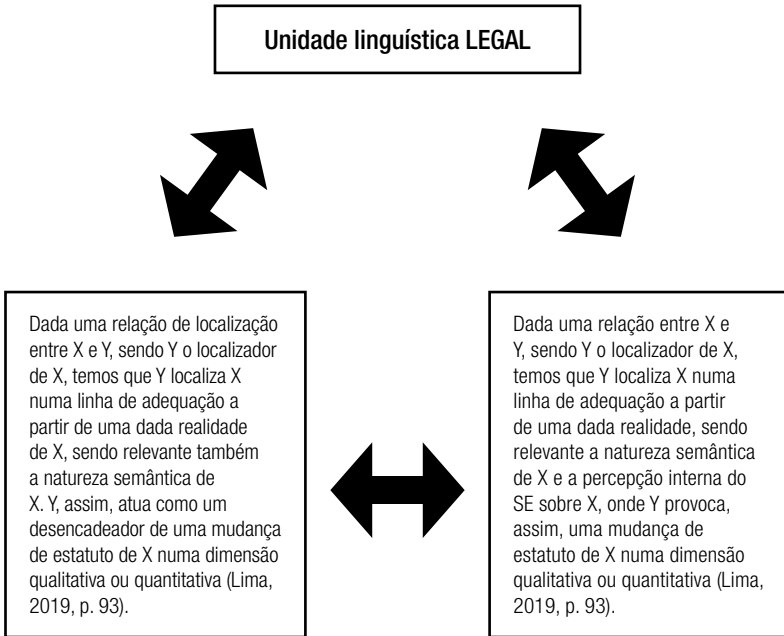
Grupos	Enunciados
<b>1) Enunciados da marca “legal” vinculada ao nome (X + legal)</b>	I) Maconha LEGAL está chegando ao Canadá e anima investidores. II) Imigrante LEGAL é deportada por crime cometido há 20 anos. III) As medidas propostas no âmbito da justiça terapêutica indicam apenas mais uma alternativa LEGAL para os usuários/dependentes de drogas.
<b>2) Ocorrências da marca “legal” posposta ao nome na configuração (X+ verbo ser + legal)</b>	I) Esse programa é muito LEGAL. É para toda a família. II) Cães reconhecem quando uma pessoa não é LEGAL.
<b>3) Ocorrências da marca “legal” em uma construção modal</b>	I) Andar de bicicleta na avenida principal agora é LEGAL. II) Não é LEGAL compartilhar fotos e vídeos nas redes sociais sem saber a procedência. III) Não foi LEGAL você ter permitido a entrada das crianças depois do horário.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Lima (2019).

O linguista argumenta que, por intermédio da variedade de valores semânticos construídos pela unidade linguística LEGAL, é possível identificar os parâmetros mobilizados por ela, uma vez que a TOPE propõe uma identidade semântica de uma unidade linguística que advém da sua variação de usos (Lima, 2019).

O autor, a exemplo de Silva (2014), Santos (2013) e Lima (2013), propõe uma Forma Esquemática a partir das suas análises da unidade linguística LEGAL. Vejamos:

Figura 11: Forma Esquemática da unidade linguística LEGAL



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Lima (2019).

O autor conclui a sua pesquisa afirmando que “devemos sempre partir do nível zero de categorização de uma unidade”. É na materialização na língua, na atividade de linguagem que a unidade linguística LEGAL se estabilizará e obterá o status semântico e léxico-gramatical. “Há sempre o movimento de articulação entre língua e linguagem e há sempre uma articulação entre léxico e gramática” (Lima, 2019, p. 96).

Vejamos na próxima seção as pesquisas com ocorrências das unidades linguísticas *NEUF* e *NOUVEAU*.

### 2.1.6. O funcionamento enunciativo de *NEUF* e *NOUVEAU* e a posição das unidades linguísticas nos enunciados

Vamos apresentar nesta seção a pesquisa de Dufaye (2016) com as unidades linguísticas *NEUF* e *NOUVEAU* (não usado/recém-chegado) da língua francesa; bem como discorreremos sobre a posição das unidades linguísticas nos enunciados.

Dufaye (2016) argumenta que uma análise de *NEUF* e *NOUVEAU* permite ilustrar de forma explícita a interação existente entre semântica e sintaxe. *NEUF*, no francês, é necessariamente posposto ao nome. *NOUVEAU*, por sua vez, é geralmente anteposto. O linguista pontua que

*NEUF* refere-se às características intrínsecas, tendo assim um valor estritamente qualitativo. Por sua vez, *NOUVEAU* encontra-se ligado a uma validação de ocorrência e remete à passagem de um estado 1 (isso não existia) a um estado 2 (é o caso), determinado em relação a um marco temporal, de tal modo que temos aqui um valor Quantitativo (Dufaye, 2016, p. 9).

Para Dufaye (2016, p. 9), *NEUF* “define as propriedades que são intrínsecas ao referente, como não sendo alteradas”. Vejamos o exemplo a seguir:

09. C’était l’été, on était le 3 juillet 1947, et un vent nouveau soufflait sur la France<sup>35</sup>.

35 Em português: Era verão, 3 de julho de 1947, e um novo vento soprava sobre a França (tradução nossa).

Para o autor, *vent NOUVEAU*, em 09, é ao mesmo tempo quantitativo e qualitativo, ou seja, “quantitativo, no sentido do vento que acabou de aparecer, e qualitativo, no sentido de uma ‘atmosfera particular que não se conhecia’” (Dufaye, 2016, p. 10). O linguista encerra a sua análise de *NEUF* e *NOUVEAU* apresentando a seguinte correspondência distribucional:

Quadro 7: NEUF e NOUVEAU

Un X Neuf	Qualitativo
Un nouveau X	Quantitativo
Un X nouveau	Qnt+Qlt

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Dufaye (2016).

Antes de passarmos para a seção 2.2, consideramos necessário discorrer, mesmo que brevemente, sobre a posição das unidades linguísticas no enunciado, a partir do aparato enunciativo. De acordo com De Vogüé (2004, p. 357), as unidades linguísticas antepostas ao nome, em francês, “estão associadas a efeitos semânticos heterogêneos, que se devem ao duplo estatuto das figuras nocionais” e, assim, “podem assumir uma função de tipo ou de atrator”.

Para a linguista, as unidades antepostas ao nome possuem um caráter bastante flutuante e instável. As construções com ocorrências de unidades antepostas são consideradas por De Vogüé (2009) como mais raras ou mais marcadas do que as construções com ocorrências pospostas. Logo, anteposição e a posposição não são da mesma natureza e não fazem parte da mesma “lógica” enunciativa.

Ressalte-se que, no programa de trabalho culioliano, falar em “lógica enunciativa” é, na realidade, tratar da construção de representação linguística. Dessa maneira, “não se trata de uma predicação categórica, em que se busca atribuir um caráter distintivo a uma unidade para inscrevê-la em alguma categoria, trata-se de pensar no que Culioli chama de predicação de existência” (De Vogüé, 2004, p. 364).

Assim, as unidades linguísticas antepostas estão inscritas em uma lógica de predicação de existência; possuem uma caráter evocativo, uma vez que mobilizam imagens que são suscetíveis de serem associadas ao nome. A anteposição não conduz a construção de um referente, mas à construção de uma representação. Então, o trabalho do linguista culioliano com as unidades antepostas consiste em investigar como uma dada unidade pode encenar uma imagem e qual é a sua natureza (De Vogüé, 2004). Vejamos os exemplos a seguir:

10. Agora eu sou um homem NOVO.

11. Agora eu sou um NOVO homem.

Notemos, a partir do exemplo 10, que se, por um lado, “eu sou” remete a um sujeito que é tomado como indivíduo, e, portanto, indivisível no tempo-espaco, por outro lado, “um homem NOVO” remeteria a um dentre outros (homens) e implicaria a divisão do indivíduo. Isso coloca um obstáculo à estabilização de “homem NOVO” com valor quantitativo preponderante. Daí a cultura ter estabilizado o valor de “um homem NOVO” como equivalente a “jovem”, que remete não

ao indivíduo, que é indiviso, mas a subjetividade que passa por divisões para chegar à constituição do adulto (que embora indiviso enquanto indivíduo, tem a subjetividade dividida). Isso posto, “um homem NOVO” aponta apenas para o fato de que há um homem qualitativamente diferente do anterior: ele se distingue do anterior. Parte-se da existência de <homem> - há um homem – que se diferencia qualitativamente.

Já em 11, “NOVO homem”, não importa se ele é jovem. O que vem à tona é que o modo como ele se apresenta ao olhar alheio; mostra que ele não tem mais nada a ver com o que ele era antes: por exemplo, ele está muito mais alegre, muito mais à vontade etc. Em outras palavras, em “um NOVO homem”, é por meio do modo que ele se apresenta que se apreende a noção <homem>. A noção <homem> só existe pela imagem de “outro totalmente diferente que se constrói. Atentemos que NOVO é elemento que nos permite construir uma figura nocional associada a homem nos exemplos dados.

Observemos que as unidades linguísticas em posição atributiva, a partir do olhar do aparato enunciativo, excedem a assunção de “modificadores dos substantivos” e passam a explicitar os modos de funcionamento da linguagem. Elas colocam em evidência o trabalho de construção de representações, “o que nos permite compreender a variação em sua precisão empírica” (De Vogüé, 2009, p. 02).

Passemos, na seção a seguir, para a apresentação do ponto de vista que desconhece o aparato enunciativo.

## 2.2. A SIGNIFICAÇÃO DAS UNIDADES LINGÜÍSTICAS SOB O PONTO DE VISTA QUE DESCONHECE O APARATO ENUNCIATIVO

Ao contrário do que se dá com os verbos, as classes tradicionalmente denominadas ‘substantivos’ e ‘adjetivos’ têm limites muito pouco claros. É fácil distinguir formalmente um substantivo de um verbo, ou um adjetivo de um verbo; mas a separação entre substantivos e adjetivos é pouco marcada que há razões para duvidar da existência de duas classes distintas (Perini, 1999, p. 321).

Reiteramos que nesta seção objetivamos apresentar estudos cujas análises, ainda que corretas do ponto de vista em que foram elaboradas, tornam-se inviáveis de se desenvolver quando se propõe uma pesquisa como a nossa cujo objetivo consiste em empreender um estudo, por meio da construção de protocolos experimentais que nos permitam relacionar um conjunto de enunciados, da unidade linguística NOVO em posição atributiva, com uma simulação de diálogo entre sujeitos.

Posto isso, na seção a seguir, vejamos a maneira como tradição lógico-gramatical aborda os “adjetivos”.

### 2.2.1. O tratamento dos “adjetivos” nos estudos da tradição lógico-gramatical

Para a tradição lógico-gramatical o adjetivo é considerado um modificador do substantivo. Logo, ele pode efetuar essa

modificação de duas formas: transformando a compreensão que se tem do substantivo (adjetivos qualificativos) ou determinando a sua extensão (adjetivos determinativos). Mas, o que a tradição lógico-gramatical considera como compreensão e extensão do substantivo? Para esse viés,

A compreensão de um substantivo seria o conjunto das qualidades sensíveis que faz com que um indivíduo possa ser designado por ele. Por exemplo, o conjunto de qualidades que um relógio tem de apresentar para ser ‘relógio’. A extensão de um substantivo seria o conjunto de indivíduos que este substantivo nomeia, no caso de relógio, seria o conjunto de relógios (Borges Neto, 1991, p. 12).

Desse modo, compreende-se que os adjetivos qualificativos têm como principal função acrescentar qualidades à compreensão dos adjetivos que modificam e os adjetivos determinativos “delimitam áreas de extensão dos substantivos. Vejamos os exemplos a seguir:

Quadro 8: Tipos de adjetivos e exemplos

Tipos de adjetivos	Exemplos
<b>Adjetivos qualificativos</b>	a) Menino alto. b) Menino pálido. c) Menino inteligente.
<b>Adjetivos determinativos</b>	d) Vários meninos. e) Aqueles meninos.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Borges Neto (1991).

Observemos, mediante o quadro 08, que a classificação realizada é de ordem semântica. No que diz respeito à posição dos adjetivos no sintagma nominal, notemos que geralmente o



adjetivo qualificativo seria posposto ao substantivo, conforme explicitam os exemplos **a**, **b** e **c**, e o adjetivo determinativo, por sua vez, anteposto, conforme os exemplos **d** e **e**.

Ressalte-se que as gramáticas normativas restringem o termo “adjetivo” somente aos qualitativos, já os determinativos são distribuídos em outras categorias como, por exemplo, o numeral (Cegala, 1966). Posto isso, vejamos nos próximos parágrafos como os gramáticos Almeida (1997), Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2009) compreendem os adjetivos.

De acordo como Almeida (1997, p. 37), o adjetivo é a classe gramatical que reúne todas as palavras que fazem referência ao substantivo com intuito de indicar-lhe uma qualidade, isto é, o adjetivo é compreendido como “toda palavra que modifica a compreensão do substantivo, afetado, quanto a ideia, a substância da coisa”.

Em sua abordagem Almeida (1997) pontua quatro aspectos que consideramos importantes apresentar em nossa descrição, são eles: 1) o adjetivo pode, em alguns casos, exercer a função de substantivo; 2) o substantivo também pode passar para a classe dos adjetivos; 3) em decorrência do intercâmbio taxionômico ser recorrente, alguns adjetivos perderam completamente o seu caráter próprio; 4) em alguns situações o adjetivo indica uma qualidade própria, existente no substantivo como, por exemplo, o substantivo moço.

O adjetivo ainda é versado em conformidade com as seguintes subdivisões: adjetivos gentílicos, locução adjetiva, a

formação e flexão. Os adjetivos gentílicos ou pátrios são aqueles que indicam a nacionalidade, a pátria, o lugar, a procedência de uma determinada coisa. Costumeiramente, esses adjetivos derivam do nome, nação e lugar.

Para Almeida (1997, p. 38), os adjetivos podem ser expressos por mais de uma palavra, o que é denominado de locução adjetiva, como exemplo, tem-se:

1. Toalha azul.
2. Toalha da cor azul.

Em ambos os casos (azul e da cor azul) qualificam o substantivo “toalha”. No que se refere a sua formação, o adjetivo pode ser primitivo, derivado, simples e composto. Por sua vez, a flexão do adjetivo ocorre de três formas, em outras palavras, o adjetivo se flexiona quanto ao gênero, número e grau. É pertinente observarmos que Almeida (1997, p. 154) destaca que “a significação absoluta, de certos adjetivos qualificativos impede modificadores ou flexões de grau” como, por exemplo, os adjetivos *eterno*, *infinito*, *mortal*, *imortal*.

Para Cunha e Cintra (2007, p. 259), o adjetivo é intrinsecamente um modificador do substantivo, sendo útil para: 1) caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelos substantivos, podendo indicar-lhe uma qualidade (*homem bom*, *homem mau*), o modo de ser (*moça delicada*), o aspecto (*céu azul*) e o estado (*roseira florida*); 2) serve também para o estabelecimento com o substantivo de uma relação de

tempo, espaço, finalidade, propriedade, de procedência como, por exemplo, *nota mensal* (nota relativa ao mês).

Para esses autores, os adjetivos de relação, que são derivados de substantivos, são de natureza classificatória. O que eles querem dizer com isso? Significa dizer que esses adjetivos “precisam do conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos do substantivo” (Cunha e Cintra, 2007, p. 260). Depois dessa observação, temos a assunção do adjetivo como um termo determinante, uma vez que dada uma relação substantivo/adjetivo em uma mesma frase como, por exemplo, *uma menina magra trabalhava no sinal*, o termo *magra* é a palavra caracterizadora do termo núcleo, *menina*.

Em harmonia com Almeida (1997), Cunha e Cintra (2007, p. 260) defendem a ideia da substantivação do adjetivo, no entanto, ressaltam o aspecto sintático-morfológico desse fenômeno. Vejamos os seguintes exemplos:

3. O céu cinzento indica chuva.
4. O cinzento do céu indica chuva.

Para a tradição lógico-gramatical a substantivação é decorrente da posição do adjetivo no sintagma nominal, ou seja, em 3, *cinzento*, posposto ao substantivo é adjetivo; em 4, *cinzento* anteposto a *céu*, é substantivo. Posto isso, Cunha e Cintra (2007), continuam seguindo o mesmo padrão de

descrição/prescrição de Almeida (1997), portanto, discorrem sobre as locuções adjetivas, adjetivos pátrios e/ gentílicos e flexão do adjetivo.

Vemos em Bechara (2009, p. 142), uma descrição/ prescrição sustentada pelos mesmos princípios lógico-gramaticais que sustentam as concepções de Almeida (1997) e Cunha e Cintra (2007). Entretanto, o que o diferencia dos demais autores supracitados e, que nos chamou a atenção, é sua recorrente citação explícita às ideias de Eugênio Coseriu, linguista nascido na Romênia. Para Bechara (2009, p. 142), o adjetivo é “a classe de lexema que se caracteriza por constituir a delimitação”. A delimitação é compreendida como uma caracterização das propriedades designativas do substantivo que orienta “delimitativamente” a referência a um aspecto do denotado.

O adjetivo é, então, concebido como pertencente a um inventário aberto, que é suscetível de ser continuamente aumentado, extensionado; um ponto que é importante observarmos, que também foi destacado por Almeida (1997, p. 141), é o fato de a gramática latina não fazer distinção entre adjetivo e substantivo, dado que ambos eram incluídos na classe denominada nome. Essa observação é válida para a reflexão acerca do processo constante de substantivação versado tanto por Almeida (1997) e Cunha e Cintra (2007), como por Bechara (2009).

Diferente dos outros autores aqui citados, Bechara (2009, p. 143) utiliza frequentemente a terminologia signo, que para Saussure (2013, p.106), é uma entidade psíquica constituída de duas face, um conceito e uma imagem acústica. Posto isso, Bechara (2009) advoga que existe uma relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado, a qual é expressa por meio da concordância.

Essa delimitação apresenta as seguintes distinções: I) podem ser de explicação, de especialização e de especificação; II) são expressas por meio de instrumentos verbais equivalentes, em outros termos, são expressas pelos explicadores, os especializadores e os especificadores. Os explicadores são aqueles que acentuam uma característica inerente do denotado; já os especializadores são os responsáveis por marcarem os limites extensivos do determinado e, por último, os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo (Bechara, 2009, p. 143).

Por conseguinte, a determinação nominal, nessa perspectiva, ocorre por meio de “palavras que são dotadas de significado categorial e léxico compreendidos pelos adjetivos, locuções adjetivais, orações adjetivas e nomes em oposições, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais” (Bechara, 2009, p. 143). Vejamos os seguintes exemplos:

5. O vasto o oceano
6. O sol matutino.
7. Menino louro.

Esses exemplos são inseridos na classificação já aqui exposta, isto é, são exemplos de delimitadores explicadores, especializadores e especificadores, respectivamente. Além dessa classificação, existem mais outras duas, ligadas aos delimitadores especificadores, que consiste na especificação distintiva e a especificação informativa ou identificação; por um lado, a primeira delimita dentro de uma determinada classe outras classes menos amplas, por outro lado, a segunda, é um tipo autônomo de determinação que é expressa pelos instrumentos identificadores.

O objetivo da especificação informativa ou de identificação consiste em garantir a compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual por intermédio da especificação do significado de uma forma multívoca. Dito de outra maneira “não é a identificação de um processo que se realiza com significados, como a delimitação, mas com formas, e com vista a atribuição do significado, isto é, é um processo para que as formas se tornem inequívocas ao ouvinte” (Bechara, 2009, p. 143).

A exemplo de Almeida (1997) e Cunha e Cintra (2007), Bechara (2009) também descreve os processos de locução adjetiva, a substantivação do adjetivo, bem como a flexão do adjetivo. Vejamos os exemplos de cada processo no quadro a seguir:

Quadro 9: Processos dos adjetivos e exemplos

Processos	Exemplos
<b>Locução adjetiva:</b> expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo.	a) Homem de coragem/ homem corajoso. b) Livro sem capa /livro desencapado.
<b>Substantivação do adjetivo:</b> certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos.	c) O bom da história é que não houve fim. d) O engraçado da anedota passou despercebido. e) O triste do episódio está em que a vida é assim.
<b>Flexões do adjetivo:</b> o adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o número, o gênero e o grau.	f) Aluno estudioso/ aluna estudiosa. g) Sorvete gostoso/ torta gostosa.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Bechara (2009).

Os processos apresentados no quadro 09 são abordados de modo muito similar em todos os gramáticos aqui citados, uma vez que não observamos nenhuma diferença conceitual ou epistemológica em suas respectivas abordagens.

Vejamos, na sequência, os adjetivos a partir do olhar da Teoria Gerativa.

## 2.2.2. Os estudos dos adjetivos no quadro da teoria Gerativa

O Gerativismo linguístico tem como precursor Noam Chomsky, linguista, filósofo, sociólogo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano. Em sua fase inicial, a principal preocupação dos linguistas gerativos

consistia em elaborar um modelo teórico formal, inspirado na matemática, que fosse capaz de descrever e, ao mesmo tempo, explicar abstratamente o que é e como funciona a linguagem humana.

A noção de gramática transformacional é datada de 1960 a 1970. O objetivo principal dessa fase do gerativismo era descrever a maneira como os constituintes das sentenças eram formados e como eles se transformavam em outros constituintes. Acerca dos adjetivos,

No quadro da Teoria Gerativo-Transformacional, os adjetivos em posição atributiva são tradicionalmente, tratados como resultados de transformações generalizadas ou de transformações relativas. Esse tipo de tratamento tem origem nas ideias da Gramática de Port-Royal, que via as sequências da forma: nome adjetivo como resultado de um juízo implícito anterior da forma: nome é adjetivo (Borges Neto, 1991, p. 15).

A partir do que vimos na citação anterior, podemos dizer que a Teoria Gerativa toma os adjetivos a partir da descrição dos mecanismos de geração de significado em contexto. Desse modo, é possível distinguir os adjetivos, em nível estrutural, levando em conta os seguintes critérios: 1) a posição atributiva ou predicativa; 2) os padrões de padronizações que os adjetivos assumem, que podem ser predicativos unitários ou binários; 3) a permissão de movimento pelos adjetivos. Para que os critérios supracitados fiquem mais claros, vejamos os exemplos que se seguem:



08. O rapaz corajoso.

09. O corajoso rapaz.

10. Pedro não é velho.

11. Pedro está certo de que será o próximo presidente.

12. É certo de que Pedro será o próximo presidente.

Notemos que os exemplos 08 e 09 estão em posição atributiva; já 10 diz respeito ao segundo critério (os padrões de padronizações que os adjetivos assumem, que podem ser predicativos unitários ou binários); e 11 e 12 representam o terceiro critério (a permissão de movimento pelos adjetivos).

Nesta posição teórica, os adjetivos entram, caracteristicamente, em contextos de permeabilidade de significado, ou seja, contextos em que o significado dos itens não é considerado totalmente estático e em que a interpretação deriva de composição semântica (Amaro, 2022). Observemos os exemplos que seguem:

13. O menino está alegre.

14. Menino alegre.

15. A noite está alegre.

16. Noite alegre.

O adjetivo alegre em 13, 14, 15 e 16, predica tanto sobre um indivíduo (Menino) quanto sobre nome que denota

evento (Noite), respectivamente. Esse fato faz o linguista gerativo defender a ideia de que “alegre” consiste em um adjetivo polissêmico. Para Pustejovsky (1995), outro caso de permeabilidade de significado dos adjetivos trata-se da submodificação adjetival. Vejamos os exemplos a seguir:

17. Um luz brilhante.

18. Uma luz opaca.

Em 17, o adjetivo “brilhante” é considerado como um modificador de evento que altera um aspecto do nome; já o adjetivo “opaca”, em 18, modifica o valor presente no papel formal do núcleo nominal: são atribuídas propriedades que visam a distinção do nome modificado. Ressalte-se que para a teoria Gerativa, o mecanismo que permite a modificação adjetival é o mecanismo generativo de Ligação Seletiva, a qual consiste no

[...] mecanismo generativo que representa, por excelência, a relação entre modificador e nome modificado. Como a designação indica, trata-se de um mecanismo de ligação que permite a selecção do argumento a modificar de entre o conjunto de objectos pertencentes ao conteúdo semântico do nome modificado (Amaro, 2002, p. 22).

A partir desse conceito, acredita-se que é possível representar os adjetivos cuja interpretação depende exclusivamente do significado do nome que modificam; bem como que os adjetivos não modificam necessariamente o nome, entretanto, um determinado objeto semântico contido no significado de um dado nome. Vejamos o seguinte exemplo:

## 19. Uma faca boa.

Em 19, o adjetivo “boa” está modificado a propriedade de uma “faca” que corta bem, que é bem afiada. Logo, o adjetivo “boa” liga-se ao valor semântico de faca.

É importante destacarmos que desde a década de 1980 a Teoria Gerativa abandonou o princípio da transformação como mecanismo gerador de estruturas linguísticas. A partir de seus estudos mais recente, podemos aqui falar de Sintaxe Gerativa. Nessa perspectiva, defende-se que é possível construirmos um número infinito de frases, mediante a obediência de regras sintáticas, isto é, a criatividade linguística é sempre regida por regras. Desse modo, o objetivo da Sintaxe Gerativa consiste em descrever quais são as regras de uma língua que geram estruturas sintáticas gramaticais e, ao mesmo tempo, impedem a geração de estruturas agramaticais. Vejamos os seguintes exemplos:

20. Um dia lindo.

21. Um lindo dia.

22. Um relógio japonês.

23. \*Um japonês relógio.<sup>36</sup>

A sintaxe gerativa irá dizer que os exemplos 20, 21 e 22 são gramaticais e o exemplo 23 é agramatical. Notemos que em 20 e 21, a posição do adjetivo “lindo” é possível tanto

---

36 Para a teoria gerativa, o asterisco indica que a frase é agramatical.

anteposto como posposto ao substantivo “dia”. Isso é viável porque eles obedecem a regra estabelecida acerca da ordem entre modificador e núcleo dentro de um sintagma nominal. Embora, o exemplo 23 também siga a regra supracitada, o linguista gerativo irá dizer essa construção é agramatical em razão do fato de japonês ser categorizado como um adjetivo que denota nacionalidade e, como tal, nunca pode ocorrer anteposto aos substantivos.

Com o objetivo de realizar uma descrição da sintaxe das línguas, os linguistas de formação gerativista possuem a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1995). Diante disso,

A teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P) não é um sistema teórico articulado de modo preciso, mas sim uma abordagem particular de problemas clássicos do estudo da linguagem, guiada por determinadas ideias-chave que vêm tomando forma desde as origens da gramática generativa moderna, há cerca de 40 anos (Chomsky, 1995, p. 51).

Para essa teoria as línguas humanas possuem todas uma origem comum: a Gramática Universal (GU), que é constituída por dois tipos de informação diretamente relacionados à sintaxe: (1) os Princípios, que são universais e invariantes entre as línguas, e (2) os Parâmetros, que são também universais, no entanto, variam de maneira limitada de uma língua para a outra.

Posto isso, vejamos, na sequência, os adjetivos a partir do olhar funcional de Neves (2000).

### 2.2.3. O estudo dos adjetivos e a sua posição na abordagem funcional de Neves

Assume-se, pois, a necessidade de uma investigação gramatical que descreva o comportamento das diferentes classes gramaticais segundo a funcionalidade de seu emprego nos diferentes níveis em que atuam e segundo as funções que exercçam, nos diferentes níveis (Neves, 2000, p. 19).

Em uma perspectiva funcional, os adjetivos são caracterizados em função do seu uso, ou seja, são compreendidos como nomes “usados para atribuir uma propriedade singular (que já é um conjunto de propriedades) denominadas por um substantivo” (Neves, 2000, p. 173). Essa atribuição funciona de duas formas, a primeira é qualificando e a segunda é subcategorizando.

Os adjetivos qualificadores ou qualificativos são aqueles que “indicam, para o substantivo que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem” (Neves, 2000, p. 184-185). O grupo de adjetivos categorizados como qualificadores expressam valores semânticos como de modalização e avaliação. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 10: Valores semânticos dos adjetivos qualificadores

Valores semânticos	Exemplos
Modalização	a) <b>Claro</b> que o João é o Delegado. b) É <b>possível</b> que Pedro volte de viagem hoje. c) É <b>obrigatório</b> o uso de máscaras no hospital.
Avaliação	d) Um trovão distante, <b>espantoso</b> ecoando num céu tão puro. e) O rapaz reparou naquela moça <b>bonita</b> . f) Pedro promete chegar na faculdade mais cedo para uma apresentação mais <b>demorada</b> .

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Neves (2000).

Nos exemplos **a** e **b** do quadro 10, a linguista advoga que os adjetivos marcam a manifestação de uma modalização epistêmica; em **a** tem-se manifestado, através de CLARO, uma certeza do falante (entre tantos indivíduos que podem ser um delegado, é o João que é o delegado); já em **b** tem-se expressa, por meio de POSSÍVEL, uma eventualidade, isto é, o falante não tem certeza de que o Pedro retorne hoje de viagem. Por sua vez, em **c** tem-se marcado uma modalização deôntica; o falante exprime a necessidade de obrigatoriedade mediante o uso de OBRIGATÓRIO.

Nos exemplos **d**, **e** e **f**, a linguista irá dizer que se tem marcada pelos adjetivos uma avaliação psicológica. Nesse caso, ESPANTOSO (em **d**), bonita (em **e**) e DEMORADA (em **f**) exprimem propriedades que definem os substantivos (trovão, moça e apresentação) na relação com o falante.

Os adjetivos classificadores dizem respeito “a sintagmas nominais do tipo **de + nomes** (locuções adjetivas). Eles são

considerados com caráter vago<sup>37</sup> e, desse modo, os adjetivos com prefixos de valor são sempre classificadores” (Neves, 2000, p 192-193).

Muitos adjetivos classificadores expressam noções adverbiais e podem fazer uma restrição do domínio de extensão daquilo que é referido pelo nome; localizar no espaço tanto objetos como ações, estados e processos; fazer uma localização no tempo em relação ao momento da enunciação; exprimir a quantidade de tempo transcorrido; fazer substituição no tempo (do presente para o passado e vice-versa); e conferir uma noção aspectual à ação, processo ou estado referido pelo nome (Neves, 2000).

Em relação ao tempo (transcorrido e a substituição), vejamos os seguintes exemplos:

24. Desde Jerusalém para trás, viajando pela estrada NOVA, cujo asfalto foi colocado na véspera, Hermes, o meu motorista, faz com que o ponteiro de seu carro ultrapasse a 60 milhas.

25. Queria ter indício NOVO sobre Lutércio.

26. Os moradores poderiam ou não permanecer nas terras, conforme o acordo como o NOVO proprietário.

---

37 Um elemento é considerado vago por ser representante de duas ou mais categorias ao mesmo tempo. Isso pode ser exemplificado através do processo constante de substantivação dos adjetivos que mencionamos em 2.1.

27. José Romualdo Bahia é o NOVO presidente da associação comercial de Minas Gerais.

Através do exemplo 24, a linguista defende que NOVO ocorre posposto ao nome (Jerusalém) porque constitui uma indicação genérica de idade. O exemplo 25, serve como recurso para a linguística funcional argumentar que os adjetivos indicadores de idade podem se tornar qualificadores quando a noção de quantidade do tempo transcorrido é somada a uma avaliação sobre a idade. Já os exemplos 26 e 27 são utilizados pela linguista para dizer que, no processo de substituição no tempo do passado para o presente, NOVO será sempre anteposto ao nome.

A partir da observação dos usos dos adjetivos, o linguista funcional descreve que na língua portuguesa existem os adjetivos simples como, por exemplo, NOVO em 28:

28. Comprei um caderno NOVO.

E os adjetivos perifrásticos, ou locuções adjetivas como, por exemplo, DE NOVO em 29:

29. Comprei um caderno de NOVO este ano.

Observemos que a linguista parte da compreensão tradicional das classes de palavras para realizar a sua descrição, por isso os termos que são utilizados por ela são os mesmo da tradição lógico-gramatical.



Logo, assim como a tradição lógico-gramatical, a funcionalista argumenta que um substantivo pode funcionar como um adjetivo. Essa mudança de funcionamento “ocorre especialmente em função predicativa” (Neves, 2000, p. 175).

Nesta abordagem os adjetivos ainda são caracterizados em relação as funções sintáticas que exercem nas orações. Observemos o quadro a seguir:

Quadro 11: Funções sintáticas dos adjetivos

Funções sintáticas dos adjetivos	Exemplos
Função de adnominal	a) A aplicação <b>local</b> de morfina em análogos <b>sintéticos</b> , diretamente <b>à</b> fibra <b>nervosa</b> , não afeta substancialmente a condução do influxo <b>nervoso</b> .
Função de predicativo	b) É <b>incrível</b> isso, o espírito de ajuda que se criou em volta de mim. c) <b>Bonitona</b> ela é. d) As noites andavam <b>frias</b> .
Função de argumento	e) Anita fugia, sem puritanismo, àquela obsessão <b>matrimonial</b> e àquele destemperos do sexo. f) Nos anos cinquenta, o debate da reforma agrária estava ligado à discussão mais geral dos rumos da industrialização <b>brasileira</b> .
Função apositiva	g) <b>Indiferente ao luto nacional</b> , o americano sorria. Tinha o regulamento ao seu favor. h) Viu o cano, <b>reluzente</b> , parecia de prata.
Funções próprias de substantivos	i) E agitou-se pela primeira vez a ideia de um concurso mundial de <b>comilões</b> no Maracanãzinho.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Neves (2000).

É possível notarmos, por intermédio do quadro 11, que os adjetivos podem exercer a função de adnominal (o adjetivo é periférico no sintagma nominal), de predicativo (o adjetivo é o

núcleo no sintagma verbal), argumento (o adjetivo tem função na estrutura argumental do nome com o qual ocorre), apositiva (o adjetivo pode constituir uma expansão de um termo) e funções próprias de substantivos (adjetivo passa a designar um conjunto de propriedades) (Neves, 2000).

No sintagma nominal o adjetivo pode ocorrer tanto anteposto como posposto em relação ao nome. No que se refere aos qualificadores, em que o adjetivo é utilizado como adjunto adnominal, podem ocorrer tanto casos de anteposição como de posposição. A posposição é a posição mais frequente nos usos da linguagem, a anteposição diz respeito a posição mais marcada, é “comum em textos literários, já que dá grande efeito de sentido, especialmente o efeito de maior subjetividade” (Neves, 2000, p. 201), em outras palavras:

Em geral, a anteposição do adjetivo cria ou reforça o caráter avaliativo – mais subjetivo – da qualificação. Esse fato pode ser verificado não apenas nos casos da ordem pertinente, como também nos casos da ordem livre. Isso significa que, mesmo nos casos em que, com as duas colocações, se chega a uma mesma acepção básica, na verdade não resultam construções de valor absolutamente idêntico, do ponto de vista comunicativo (Neves, 2000, p. 203).

Para o funcionalismo, a anteposição dos adjetivos qualificativos exprime a intervenção de uma avaliação do falante na qualificação realizada. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 12: A posição dos adjetivos

Tipos de adjetivos	Exemplos
<b>Adjetivos qualificadores</b>	a) Uma <b>pancada suave</b> na porta, e apareceu a dona do hotel. b) Pus-me a dar pancadinhas amigas no dorso onde a transpiração produziu uma <b>desagradável umidade</b> . c) Ele é um raro <b>homem rico</b> que não ostentava riqueza. d) A família grande e conflitante do <b>rico comerciante</b> de Pecado Capital agora é pobre, mas continua grande e conflitante.
<b>Adjetivos classificadores</b>	e) Reconhece nos cavalos o <b>direito universal</b> de alimentar-se. f) Por uma <b>razão cronológica</b> , o trem deveria seguir correndo dentro dos limites de Cuba. g) O <b>pátrio poder</b> era exercido pelo homem, com a ajuda da mulher, até 1997, quando saiu a lei do divórcio. h) E, ele, autor de calamidades indefinidas. <b>Inculpado</b> , dava seus derradeiros passos no mundo. i) <b>A qualquer branca</b> , muito <b>alegre</b> , muito <b>inteligente</b> , era viúva de um soldado americano 100% branco, morto num combate de aviação quase ao fim da última guerra.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Neves (2000).

Através dos exemplos do quadro 12 é possível observarmos ocorrências dos adjetivos qualificadores e dos adjetivos classificadores antepostos e posposto ao substantivo. Em relação aos qualificadores, segundo Neves (2000, p. 201), “os adjetivos que mais aceitam a anteposição são os que indicam qualidades atribuídas a termos que têm uma relação específica com aquele tipo de entidade qualificada”.

A autora ainda diz que o mesmo adjetivo qualificativo se comporta de modos diferentes conforme a natureza do substantivo qualificado. Nos exemplos **c** e **d**, do quadro 12, tem-se o adjetivo RICO em relação com substantivos que possuem traços humanos (homem e comerciante, respectivamente). Nesses casos, RICO é compreendido como

alguém com recursos e/ou dinheiro. No exemplo **c**, RICO posposto é tomando como descritivo e, no exemplo **d**, RICO anteposto é apreciativo.

Como explicita os exemplos **e**, **f** e **g**, os adjetivos classificadores costumam ocorrer com mais frequência pospostos ao substantivo quando exercem a função de adjunto adnominal. Há casos também, como podemos notar nos exemplos **h** e **i**, que na função apositiva os adjetivos classificadores podem ocorrer antepostos ao substantivo.

Em suma, como destaca Neves (2000), a ordem dos adjetivos, quer sejam qualificativos ou classificadores, é deveras importante para a abordagem funcionalista, dado que alterando-se a posição do adjetivo também se altera o seu sentido.

Para concluirmos esta seção, vejamos, na sequência, a nossa síntese conclusiva.

## 2.5. SÍNTESE CONCLUSIVA

Como foi possível observar no decorrer deste capítulo, as unidades linguísticas categorizadas como “adjetivos” são abordadas como já detentoras de um valor pela tradição lógico-gramatical, pela teoria Gerativa e pela linguística funcionalista. Essas teorias, embora levem em consideração a plasticidade dos fenômenos linguísticos, vão na contramão daquilo que colocamos como objetivo para a nossa pesquisa.

Isso significa dizer que a maneira como a tradição lógico-gramatical, a Teoria Gerativa e a Linguística Funcional trabalham com as unidades linguísticas categorizadas como “adjetivos” em posição atributiva e os seus objetivos propostos, não constituem caminhos viáveis para a nossa pesquisa quanto ao estudo da significação linguística.

Em contrapartida, como explicita a seção 2.1, os estudos amparados no programa de trabalho culioliano, atestam, mediante às suas análises, a viabilidade de se desenvolver uma pesquisa cujo objetivo seja aquele que definimos para esta pesquisa de doutoramento. Pois,

A linguística culioliana reabilita a gêneses (perdida) da variação nas línguas e assume uma posição diante dela: a gênese de toda a variação é experiencial e subjetiva, e não formal ou processual. A variação diz respeito aos modos de perceber e representar o mundo por sistemas não homogêneos (transindividuais) que, em princípio, não dialogam, razão essa do trabalho dos sujeitos para se fazer dialogar (Pria, 2018, p. 138).

Em suma, ressalte-se que valores assumidos pelas unidades linguísticas nos enunciados são sempre o resultado de um trabalho dos sujeitos. É esse trabalho que a nossa pesquisa se propõe a investigar. Portanto, assumimos que os princípios teóricos que constituem a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas é o que nos permitirá observar o funcionamento da linguagem através das ocorrências da unidade linguística NOVO em posição atributiva.

Posto isso, passemos para o próximo capítulo.

# ELEMENTOS PARA UM TRATAMENTO ENUNCIATIVO DA DETERMINAÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem não consiste mais, portanto, em 'pôr em relação' e em localizar unidades cujo sentido é preconstituído, mas em realizar operações de orientação que determinam os valores referenciais e que são, elas próprias, constitutivas de sentido dessas unidades (Franckel, 2006, p. 54).

Neste capítulo, como o título sugere, objetivamos apresentar os elementos para um tratamento enunciativo da determinação. Em vista disso, a dividimos em seis subseções. Em 3.1, apresentamos a TOPE como uma teoria da enunciação. Para tanto, fazemos um movimento de comparação entre Benveniste e Culioli; em 3.2, discorremos acerca da operação de determinação; em 3.3, apresentamos a operação de quantificação (QNT); em 3.4, dissertamos sobre a operação de qualificação (QLT); já em 3.5, tratamos sobre o processo de construção do enunciado; e, por último, em 3.6, colocamos em pauta a assunção culioliana de modalidade e aspecto.

Vejamos, a seguir, a seção 3.1.

### 3.1. ENUNCIÇÃO, ENUNCIADO E SUJEITO ENUNCIADOR: DE BENVENISTE A CULIOLI

De forma geral, as teorias enquadradas como teorias da enunciação investigam as marcas do sujeito no enunciado e não o sujeito em si. Para essas teorias, estudar a linguagem pelo viés de uma teoria da enunciação é estudá-la do ponto de vista semântico, uma vez que o seu núcleo de estudo é o sentido. É necessário fazermos uma pausa aqui para salientar que a TOPE não se inclui nessa afirmação.

Émile Benveniste é comumente apresentado como “pai” da Linguística da Enunciação (Paveau, 2006). Isso se deve ao fato de “Benveniste ser o primeiro linguista a possivelmente ter desenvolvido, mediante o quadro saussuriano, um modelo de análise da língua voltado especificamente para a enunciação no ápice do método estruturalista nas ciências humanas” (Flores; Teixeira, 2015, p. 29).

Para esse linguista, a enunciação é entendida como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (2005[1976]). Isso possibilita separar, ao mesmo tempo, o ato, objeto de estudo da Linguística da Enunciação, do produto, isto é, do enunciado. O ato individual de utilização da língua introduz o locutor, em primeiro plano, como o parâmetro nas condições necessárias da enunciação, uma vez que, antes da enunciação, a língua é somente a sua possibilidade.

Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, a qual parte de um locutor que atinge um ouvinte e suscita uma outra enunciação de retorno. A enunciação, enquanto realização individual, pode ser definida como um processo de apropriação da língua. Quando o sujeito se declara locutor e assume a língua, implanta diante de si o outro. Todo “eu” suscita um “tu”, e vice-versa (Benveniste, 2006). O que caracteriza a enunciação para Benveniste é a relação discursiva com o parceiro que pode ser real ou imaginário, individual ou mesmo coletivo.

Muitos linguistas acreditam que os estudos culiolianos seriam uma espécie de continuidade da teoria enunciativa de Benveniste. No entanto, o próprio Culioli diz que segue um caminho teórico e analítico distinto do percorrido por seu contemporâneo, sem deixar de ressaltar “o papel fundamental de Benveniste na transformação da Linguística que, de classificatória, se converteria em uma teoria dos processos e dos atos que intervém na atividade de linguagem”<sup>38</sup> (Culioli, 2010, p. 197).

A TOPE é uma teoria da enunciação na medida em que toma como objeto de análise o enunciado. O enunciado é compreendido como uma organização (agenciamento) de formas linguísticas e a marca de um encadeamento de operações de linguagem. As formas que materializam o

---

38 No original: “Én segundo lugar, subrayaré el papel de Benveniste en la transformación de la lingüística que, de clasificatoria, se convertirá en teoría de los procesos y de los actos (para retomar los propios términos de nuestro autor) que intervienen en la actividad de lenguaje” (Culioli, 2010, p. 197).



enunciado remetem a operações de constituição do seu valor referencial. Portanto, “estudar a enunciação em uma perspectiva culioliana é investigar os modos de constituição desse valor” (Franckel; Paillard, 2011, p. 88). Posto isso:

Culioli atribui ao enunciado um duplo estatuto – teórico e material. É uma unidade empírica de observação porquanto constituída de materialidade e, por isso, o dado diretamente observável ao linguista; é uma entidade teórica porquanto é definido como agenciamento de marcadores de operações de atividade de linguagem. Dessa perspectiva, em sua atividade de análise, o linguista parte de dados imediatos e caminha em direção à formulação de dados teorizados (famílias parafrásticas) que fornecem subsídios para retornar ao empírico (Pria, 2013, p. 42).

Observemos que o enunciado é o objeto de análise do linguista culioliano. Por conseguinte, o sujeito enunciador não é uma instância pré-construída. Ele, o sujeito, possui uma ambiguidade constitutiva e, assim como a linguagem, é indeterminado de princípio. O sujeito é traçado na atividade de linguagem por meio das unidades linguísticas, uma vez que “a atividade de linguagem pela qual nos interessamos é, assim, inteiramente definida pelo que as formas, seus arranjos e as restrições manifestadas por esses arranjos delineiam” (De Vogüé; Franckel; Paillard, 2011, p. 11). Esse sujeito, tal como aqui delineamos, está inscrito no âmago da TOPE e é reintroduzido na análise linguística por meio da asserção, que é a marca do homem na língua (Rezende, 2000). Vejamos a próxima seção.

## 3.2. A DETERMINAÇÃO PARA A TOPE

Culioli (1999b, p. 37-38) problematiza o uso da expressão ‘determinação’ para se referir as unidades que acompanham os nomes. Em sua crítica, expõe que normalmente o termo determinação é empregado sem a preocupação de especificar a acepção das palavras como definido e determinantes, causando a ilusão de que o significado de cada termo é apreendido intuitivamente.

Compreendemos com base nos pressupostos culiolianos, que a operação de determinação consiste em um conjunto de operações elementares que são fundamentais para a construção de valores referenciais. Desse modo,

[...] o conceito de determinação está ligado ao conceito de localização relativa e àquele de orientação. Dizer que  $x$  está orientado em relação a  $y$  significa que  $x$  está localizado (no sentido estrito do termo), situado em relação a  $y$ , que este último, que serve de orientador (ponto de referência), seja ele mesmo orientado em relação a um outro orientador, ou a um orientador origem ou seja ele mesmo origem. Nada impede que um termo seja orientado em relação a ele mesmo, que um termo que era orientador numa primeira relação venha a ser em seguida termo orientado, ou que dois termos estejam numa relação recíproca de orientador e orientado (Culioli, 1999a, p. 97, grifo do autor)<sup>39</sup>.

39 No original: "[...] Le concept de repérage est lié au concept de localisation relative et à celui de détermination. Dire que  $x$  est repéré par rapport à  $y$  signifie que  $x$  est localisé (au sens abstrait du terme), situé par rapport à  $y$ , que ce dernier, qui sert de repère (point de référence) soit lui-même repéré par rapport à un autre repère, ou à un repère origine ou qu'il soit lui-même origine. Rien n'interdit qu'un terme soit repéré par rapport à lui-même, qu'un terme qui était repère dans une première relation devienne ensuite terme repéré, ou que deux termes soient dans une relation réciproque de repère à repéré" (Culioli, 1999a, p. 97, grifo do autor).

A orientação ou *repérage* consiste em uma operação que alicerça o processo linguístico. Uma unidade linguística só adquire forma e valor através de um esquema dinâmico que a oriente em relação a um sistema de coordenadas enunciativas. Dizer que uma unidade linguística está orientada, significa dizer que está estabilizada. A estabilidade é construída em cada instância enunciativa, pois “trata-se de regularidades de ajustamentos entre locutores e entre enunciados que permitem que cada um se encontre, compreenda e comunique” (Rezende, 2000, p. 104).

No estudo da determinação estão incluídas as operações de quantificação (QNT), qualificação (QLT), extração, flechagem e varredura. Mas, em que consistem essas operações? Sobre o que se realizam? O que produzem? Nas próximas subseções tentaremos responder a essas questões na medida em que discutiremos sobre as operações de Quantificação e Qualificação.

### 3.2.1. A operação de quantificação (QNT)

A quantificação (QNT) compreende uma operação por meio da qual se constrói a representação de algo que pode ser distinguido e situado em um espaço de referência, em outros termos,

[...] **Quantificação** remete, não à quantificação lógica, mas à operação pela qual se constrói a representação de **alguma coisa** que se pode distinguir e situar em um espaço de referência.  
 [...] **Alguma coisa** não se refere ao inanimado (por oposição a **alguém**), mas remete a um estado (interno ou externo) do qual se pode dizer que se distinguirá de um outro estado, que implicará,

então, descontinuidades, que será localizado (no sentido abstrato do termo) em um domínio de representações. Poderíamos dizer de outro modo: **alguma coisa** remete a uma ocorrência que, seja qual for, um sujeito possa apreender, discernir (perceber como uma forma singular em relação ao meio), distinguir (eliminar a indeterminação) e situar (um sujeito situa essa alguma coisa em um espaço-tempo, que pode ser imaginário) (Culioli, 1999b, p. 82, grifo do autor)<sup>40</sup>.

Conforme vimos através da leitura da citação anterior, a quantificação de uma noção se dá a partir do momento em que o sujeito enunciador constrói a representação de uma ocorrência dessa mesma noção e a localiza em uma situação de enunciação. A quantificação, de maneira particular, permite efetuar duas operações consideradas intrínsecas por Culioli. São elas: a operação de quantificabilização, de uma lado, e a construção de existência, de outro.

A quantificabilização ou, usando um termo mais simples, a fragmentação “atua sobre uma noção  $P$ , de modo que se possa construir ocorrências dessa noção na produção/reconhecimento de enunciados” (Pria, 2009, p. 65). Dito

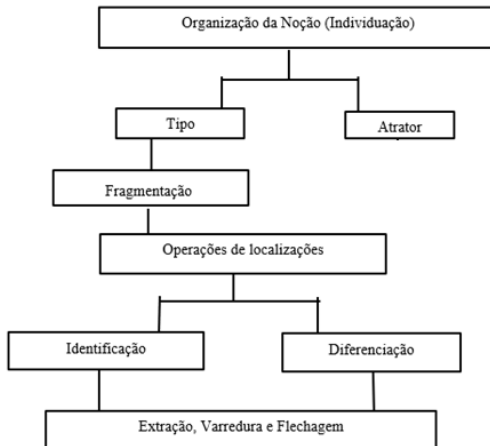
---

40 No idioma original: “[...] **Quantification** renvoie, no pas à la quantification logique, mais à l’opération par laquelle on construit la représentation d’un **quelque** chose que l’on peut distinguer et situer dans un espace de référence. Que l’on comprenne bien que le vague des termes est volontaire et provisoire, au sens où l’on partira d’opérations élémentaires pauvres que l’on est amené à enrichir grâce à des enchaînements complexes d’opérations supplémentaires. Ainsi, **quelque chose** ne réfère pas à un état (interne ou externe), dont on peut dire qu’il se distinguera d’un autre état, qu’il entraînera donc des discontinuités, qu’il sera localisé (au sens abstrait du terme) dans un domaine de représentations. On pourrait dire les choses autrement: **quelque chose** renvoie à une occurrence de quoi que ce soit qu’un sujet peut appréhender, discerne (percevoir comme une forme singulière par rapport à un entourage), distinguer (éliminer de l’indétermination) et situer (un sujet situe ce quelque chose dans un espace-tempo, qui peut être imaginaire)” (Culioli, 1999b, p. 82, grifo do autor).

de outra forma, a fragmentação de uma noção ocorre por intermédio de uma operação de individuação, de forma que se pode construir uma ocorrência dessa mesma noção no processo de produção e reconhecimento dos enunciados.

A individuação, por sua vez, consiste em uma cadeia dinâmica de operações de localização que contribuem para estabilização existencial das mesmas ocorrências. Ao enunciarem, os sujeitos constroem um sistema referencial intersubjetivo, por intermédio do qual serão localizados os objetos metalinguísticos construídos e reconstruídos na atividade de representação. Observemos a seguinte figura:

Figura 12: Esquema de individuação da noção



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Culioli (1990) e nos apontamentos das aulas de Cumprí (2019)<sup>41</sup>.

41 Os apontamentos foram feitos durante a disciplina “Semântica e Operações Enunciativas”, ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Luiz Cumprí, no segundo semestre letivo de 2019, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT).

Com base no esquema da figura 12, podemos dizer que a individuação consiste em um complexo de operações por meio do qual se passa da noção à ocorrência da noção. Pensemos na noção não fragmentada /lápiz/ e vejamos, logo abaixo, os seguintes exemplos:

1. Eu tenho um lápis.
2. Eu tenho um lápis de cera.
3. Eu tenho um lápis de brinquedo.
4. Eu tenho um lápis de mentirinha.

Notemos, através dos exemplos, que da noção /lápiz/ passamos para a ocorrência dessa noção na medida em que tal ocorrência e/ou ocorrências são situadas em relação a um sistema de referência que têm os seguintes parâmetros: S (Sujeito enunciador) e T (índice espaço-temporal) que estão associados ao estatuto da existência. Os valores construídos e estabilizados temporariamente da ocorrência da noção /lápiz/ são distintos em cada um dos enunciados supracitados. Dessa forma, temos a sua fragmentação.

Isso posto, podemos dizer que da fragmentação resultam as ocorrências de uma noção e formam um domínio nocional, ou seja, a ocorrência da noção /lápiz/ em 01, 02, 03 e 04 forma um domínio nocional. Assim, temos uma ocorrência que possui todas as propriedades de <ser lápis>, no caso, do exemplo 01 e as que também possuem propriedades de <ser lápis>, mas com distinções qualitativas tais como <ser lápis de cera>,

<ser lápis de brinquedo> e <ser lápis de mentirinha>, como é possível verificar nos exemplos 02, 03 e 04, respectivamente. Em suma, a operação de fragmentação é tripla, pois:

- (a) Nos permite passar de uma qualidade indivisível para uma qualidade fragmentada;
- (b) Permite construir qualquer ocorrência;
- (c) Permite construir ocorrências diferenciadas (por exemplo, quando se consideram as relações de gênero em espécies, o caráter discreto ou não etc., que pode aparecer explicitamente nos denominadores ou classificadores etc.). Vemos que, parte de uma noção (QLT), temos fragmentado (QNT), mas ao fazê-lo somos obrigados a introduzir distinções qualitativas (Culioli, 2010, p. 163)<sup>42</sup>.

Uma vez que consideramos a fragmentação uma descontinuidade, uma operação de ordem qualitativa e quantitativa, a operação de existência é um acontecimento enunciativo que ocorre, precisamente, no contexto de significação que é enunciado.

Na operação de quantificação estão envolvidas três operações, são elas: a extração, flechagem e a varredura<sup>43</sup>, sendo que as duas primeiras atuam sobre o ponto de vista da

---

42 No idioma original: "(a) nos permite pasar de una cualidad insecable a una cualidad fragmentada; (b) permite construir ocurrencias cualesquiera; (c) permite construir ocurrencias diferenciadas (por ejemplo, cuando se consideran las relaciones de género a especies, el carácter discreto o no etc., que los enumerados o clasificadores pueden hacer aparecer etc.). Vemos que, partiendo de una noción (Clf) hemos fragmentado (Cnf), pero, al hacerlo, nos hemos vistos obligados a introducir distinciones cualitativas (Clf)" (Culioli, 2010, p. 163).

43 Ressalte-se que a extração, a flechagem e a varredura fazem referência ao campo nominal e a operação de quantificação é algo que está para além desse campo.

ocorrência e a última é caracterizada por não se deter a uma ocorrência, pois

ao defender-se a existência de dois operadores QNT e QLT, que se inter-relacionam entre si, sendo possível estabelecer, através de um cálculo, os valores de quantificação ou qualificação preponderantes nos enunciados, é possível prever, a partir das operações subjacentes aos diferentes enunciados, qual dos operadores é preponderante (Correia, 2002, p. 252).

Essas operações, que têm como base as operações de localizações, se manifestam em função de circunstâncias enunciativas. Vejamos, nas subseções a seguir, cada uma das operações supracitadas.

### **3.2.1.1. A Extração**

A operação de extração propicia isolar um ou mais elementos de uma classe de ocorrências. Ela ocorre sobre a extensão de um domínio nocional e os elementos isolados são atualizados na enunciação. Isso equivale a atribuir um status existencial, real ou imaginário, a uma ocorrência situada de uma noção.

Tomemos uma noção notada  $P$  do tipo discreta. A primeira operação a ser realizada é a de localizar  $P$  em relação à situação de enunciação, notada  $P \in \text{Sit}0$ . Como consequência, essa operação delimita um domínio específico em oposição a tudo que não tem as propriedades de  $P$ , então,  $P'$ . Posteriormente, realiza-se uma operação de extração que



tem a noção como seu domínio. O resultado é um objeto que se encaixa em uma classe de ocorrências (Culioli, 1999b, p. 47). Vejamos o enunciado abaixo:

1. Apareceu um vizinho.

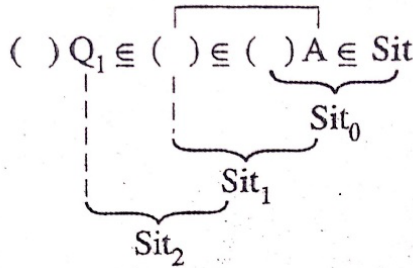
A partir do exemplo 05, podemos perceber que o contexto<sup>44</sup> marca a passagem de uma ocorrência (0) <nenhuma ocorrência de VIZINHO> para uma ocorrência (1) <uma ocorrência localizada de VIZINHO>. Temos, nesse caso, a preponderância do valor quantitativo (QNT), uma vez que nenhuma diferenciação é efetuada sobre a ocorrência construída a partir da fragmentação da noção /vizinho/.

Como frisa Pria (2009, p. 66), na operação de extração “o que antes era ocorrência de uma classe abstrata é transformado em uma ocorrência singular, delimitada e com propriedades situacionais”, como vimos através do exemplo 05. A figura a seguir representa metalinguisticamente a operação de extração:

---

44 Para os estudos culiolianos, o contexto não é externo ao enunciado. Ele está em uma relação de dependência e independência com a sequência contextualizada. Essa é uma das razões que nos fazemos tomar o sentido das unidades linguísticas como um potencial, um vir a ser, que somente é estabilizado em um cenário enunciativo evocado pelo próprio contexto, isto é, pela sequência interpretável somente dentro de um contexto definido, resultante das relações entre unidades lexicais (Franckel, 2011, p. 23).

Figura 13: Operação de extração



Fonte: Culioli (1999b, p. 47).

Em suma, a extração é uma operação complexa, cujos marcadores podem ser representados, entre outros, por: um, dois, três, n (numerais); O (artigo zero) e alguns. Ela se constitui uma condição anterior para a flechagem. Partindo dessa observação, vejamos, na sequência, como a flechagem é concebida por Culioli.

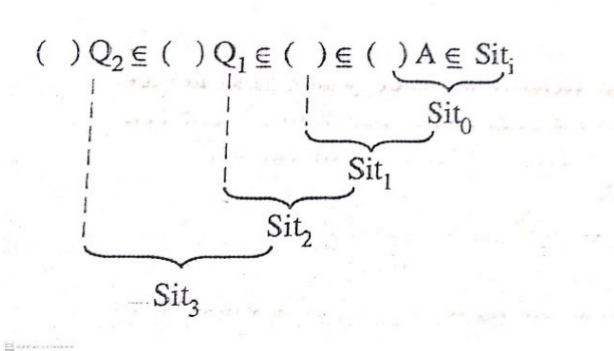
### 3.2.1.2. A Flechagem

Como visto anteriormente, o sujeito enunciador pode, conforme as circunstâncias enunciativas, isolar (extrair), através de uma operação de extração, ocorrências de uma noção a qual se atribui referência. Quando essa ocorrência extraída é recuperada no enunciado, obtemos uma segunda ocorrência que estabelece relação com aquela extraída, mantendo a referência (Culioli, 1990). A partir disso, considere o enunciado a seguir:

06. Achei um livro. O livro é maravilhoso.

Em 06, a segunda ocorrência de /livro/ identifica-se com a primeira ocorrência de /livro/. O artigo definido “o” marca a operação de flechagem que identifica contextualmente a ocorrência 2 <o livro> com a ocorrência 1 <um livro>. Nesse caso, como é mantida uma estabilidade referencial na ocorrência 2, em relação à ocorrência 1, QLT é preponderante, em 2. A figura a seguir representa metalinguisticamente a operação de flechagem:

Figura 14: A flechagem



Fonte: Culioli (1999b, p. 48).

Por último, passemos à operação de varredura que possibilita não se distinguir uma ocorrência dentro de uma classe de ocorrências.

### 3.2.1.3. A Varredura (Parcours)

A varredura ou *parcours* é caracterizada por não se deter em uma ocorrência X. Consiste, dessa forma, em percorrer

um conjunto de ocorrências de uma noção sem selecionar este ou aquele valor, dado que opera sobre cada elemento de um conjunto de ocorrências ou sobre a sua totalidade (Culioli, 1985). Observemos os exemplos abaixo:

07. Cada aluno recebeu uma advertência.

08. Todo aluno precisa estudar.

09. Todo cachorro é um mamífero.

Os quantificadores CADA, no exemplo 07, e TODO, nos exemplos 08 e 09, são marcadores da operação de varredura. Percorre-se a classe de alunos e cachorros sem que nenhuma ocorrência seja individualizada em relação a uma situação particular.

Dessa maneira, o enunciador refere-se às ocorrências de um domínio nocional sem diferenciá-las entre si, isto é, através de uma operação de varredura, o enunciador faz referência às ocorrências sem atribuir a elas propriedades diferenciais. Podemos perceber isso também nas expressões nominais genéricas, tais como:

10. O homem é mortal.

Apresentadas essas operações e, tendo em conta as discussões que realizamos até aqui, podemos dizer, resumidamente, que a quantificação é uma operação que está relacionada a uma predicção de existência, à qual conduz à construção de uma ocorrência individualizada de uma noção por intermédio da quantificabilização ou fragmentação (Zavaglia, 2016).

Passemos agora para a operação de qualificação.

### 3.3.1. A Qualificação

A qualificação ou Qlt é da dimensão qualitativa do material semântico e delimita uma entidade. Consiste em uma operação que entra em jogo a cada vez que se efetua uma operação de identificação /diferenciação definida a algo, isto é, “qualificar é ativar uma cadeia complexa de operações e não simplesmente adjuntar um qualificativo” (Culioli, 1990, p. 164).

A operação de qualificação não afeta somente algo existente, entretanto, viabiliza também a expansão do domínio do que se tem caracterizado de modo temporário. Quando se ativa Qlt temos pressuposta uma derivação do enunciado com relação à noção que serve como ponto de partida. Observemos a figura a seguir:

Figura 15: Ativação de QLT

QT2 ( ) E QT1 ( ) E ( ) K E ( ) P, P' E SITO

Fonte: Adaptado de Correia (2002, p. 253).

A partir do esquema da figura 15, podemos dizer que a noção é qualificada por QLT como insecável, uma vez que seu domínio nocional não pode ser fragmentado e deve ser compreendido como um todo inseparável. Refere-se, de fato, a *P*, uma noção que não foi instanciada, que não ocorreu. A instanciamento de uma dada noção como, por exemplo, a

noção /casa / implicará, necessariamente, a construção de uma ocorrência de  $P$ , que, conforme Culioli (1999b), pode ser designada pela expressão ter a propriedade  $P'$ , como mostrou o esquema da figura 15.

Consideremos o seguinte exemplo:

11. A casa de João é muito confortável.

A noção /casa /, em 11, foi instanciada. Temos uma ocorrência da noção. Em outros termos, houve uma passagem da noção à ocorrência. À ocorrência da noção /casa/ são atribuídas todas as propriedades de <ser confortável> em conformidade com o domínio nocional de /casa/, uma identificação foi instaurada.

Posto isso, frisamos que a operação de qualificação é dotada de dois níveis. O primeiro nível é anterior à quantificação e concebe a noção como uma representação mental sem determinação espaço-temporal, pois a noção ainda não foi captada por um objeto linguístico. O segundo nível, por sua vez, é posterior à quantificação, e diz respeito à qualificação de uma unidade linguística através da atribuição de uma propriedade nocional a uma dada sequência textual, ou por intermédio de uma localização (Zavaglia, 2016).

Ao tratar da operação de qualificação, Culioli (1999b) nos apresenta o seguinte exemplo:

(34) Durante a viagem, anota/observa o mínimo detalhe. Se você se deparar com o menor

obstáculo liga para mim. Eu não encontrei o mínimo obstáculo. Você encontrou o mínimo obstáculo<sup>45</sup>?

Para Culioli, em (34), o termo *mínimo* marca a entrada/saída no/do domínio de validação nos três últimos enunciados, ou seja, o termo hipotético, a modalidade negativa e a interrogativa. A existência da <ocorrência de obstáculo> é construída pelo hipotético. Alguma coisa que pode eventualmente ser encontrada é qualificada como <obstáculo>, a noção de /obstáculo/ é instanciada.

Quanto à negação, temos um movimento invertido. Ao percorrer o domínio da validação, não encontramos nenhuma ocorrência da noção /obstáculo/. Assim, saímos do interior do domínio nocional, uma vez que marcamos a inexistência de qualquer obstáculo. Novamente qualificamos alguma coisa eventualmente encontrada e fazemos a atribuição da inexistência. Para Culioli a interrogação marca o percurso de todas as possíveis entradas/saídas.

Expandido esse domínio construído, Culioli (1999b, p. 85) o caracteriza como <registro>, o que resulta na associação de qualquer predicado a uma ação de transformação de um pré-construído. Essa transformação vai além de registrar em suporte material, pois também implica manter em mente, ficar atento, bem como eliminar as pegadas, os rastros. O que Culioli faz

---

45 No idioma original: "Pendant ton voyage, note / observe le moindre détail; si tu rencontres le moindre obstacle, appellemoi; je n'ai pas rencontré le moindre obstacle; est-ce que tu as rencontré le moindre obstacle?" (Culioli, 1999b, p. 84).

é engendrar um determinado repertório nocional tendo como base uma dupla propriedade formal que consiste em um pré-construído existencial e a ação de armazenamento/eliminação.

Salientamos que, para Culioli, o termo pré-construído diz respeito a uma validação de uma relação predicativa em uma situação anterior por meio da sua localização em relação a situação de enunciação (Sit), sua natureza é, de fato, linguística e não podemos confundi-lo com a pressuposição, tendo em vista que é por intermédio do construído textual que temos a possibilidade de identificar metalinguisticamente o pré-construído.

Em síntese, a qualificação não consiste em uma operação simples. As operações de quantificação e qualificação contribuem para a formulação de procedimentos para a soluções de diversos problemas complexos. No entanto, não fazem desaparecer os meandros, as deformações existentes (Culioli, 1990). No que diz respeito à relação de preponderância de um em relação ao outro: 1) QNT será preponderante quando, no processo de atribuição de valores referenciais a qualquer ocorrência nominal, extrai-se uma ocorrência do domínio nocional situando-a em uma situação enunciativa singular; 2) QLT é preponderante quando é incidido sobre a extração de uma ocorrência nocional um identificação qualitativa definida. Tem, nesse caso, a ativação de uma operação de flechagem (Correia, 2002).

Vejamos, na sequência, o processo de construção do enunciado.



### 3.4. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ENUNCIADO

Um enunciado remete: (1) à organização de representações de ordem nocional, subjetivas e culturais; (2) à construção de um espaço de referência ajustado entre sujeitos; (3) a uma regulação a partir de objetivos dos quais se tem mais ou menos consciência, que implica necessariamente interações complexas entre categorias heterogêneas (Ducard, 2013, p. 54).

Sendo a TOPE uma teoria de operações abstratas, enunciar remete à construção de um espaço, o estabelecimento de um quadro de valores, o que significa construir um sistema de localizações (Culioli, 1990). Logo, o processo de construção do enunciado envolve três operações basilares ou, em outras palavras, um conjunto de relações imbricadas, são elas: a relação primitiva, a relação predicativa e a relação enunciativa.

Na relação primitiva ou situação zero (SIT0) tem-se a constituição de uma léxis, um esquema subjacente a todo ato de linguagem que assegura a relação entre as coisas e lhes confere atributo. Tal esquema é abstrato, constituído de três lugares vazios e representado sob a forma:  $\langle x R y \rangle$ , em que  $x$  é a origem de  $R$  e  $y$  é o objetivo de  $R$ . Os lugares vazios são preenchidos por argumentos (argumento 1 e argumento 2) e o lugar vazio  $R$  por um relator (Culioli, 1999b).

A partir do esquema de uma léxis é que se estabelecerá uma relação entre as unidades linguísticas, visto que o lugar ocupado por uma unidade depende das propriedades que lhes são atribuídas, da compatibilidade das propriedades quando

as unidades são postas em relação, e do objetivo do sujeito enunciador.

Assim, a relação primitiva é sempre uma relação de orientação. A léxis assegura a relação entre esquemas de funcionamento sintáticos e os efeitos semânticos ligados a esses funcionamentos. A preocupação com o sistema de efeitos semânticos é o ponto de partida da escolha do esquema da léxis, inseparável da noção de orientação que lhe é inerente (Vignaux, 1995).

Tomemos, a título de exemplo, as seguintes unidades linguísticas: Pedro, escrever, livro. É no esquema da léxis que se estabelecerá uma relação ordenada entre essas unidades, isto é, a partir da léxis <Pedro, Escrever, Livro>, que podemos construir:

12. Pedro escreveu um livro.

No enunciado 12 há uma relação orientada de escritor (Origem: Pedro) em direção a um escrito (Objetivo: livro) estabelecida pelo relator (escrever). A léxis é um potencial, um gerador de famílias parafrásticas, família de enunciados relacionados (Culioli, 1999a). Logo, a léxis não é ordenada e não possui modalidades.

A relação predicativa ou situação um (SIT1) diz respeito à organização dos elementos da léxis pelo sujeito enunciador na direção de determinar em torno de qual unidade linguística o enunciado será organizado, ou seja, qual será o ponto

de partida, o que atribui a essa ordem uma modalidade de asserção. Ressalte-se que não há uma correspondência entre a organização da léxis e a do enunciado, podendo vários enunciados possuírem a mesma léxis. Vejamos os enunciados a seguir:

13. O livro foi escrito por Pedro.

14. Há um livro escrito por Pedro.

15. Um livro foi o que Pedro escreveu.

Os enunciados 13, 14 e 15 remetem a mesma léxis (<Pedro, Livro, Escrever). Porém, a escolha por um desses enunciados não ocorre de maneira aleatória, acontece no âmbito da relação predicativa a partir do acionamento de operações de identificação e diferenciação.

O sujeito enunciador, por meio da operação denominada de localização, escolhe um termo de origem (Livro ou Pedro), que servirá de localizador para o resto da relação construída. A operação de identificação é resultante diretamente da localização, dado que toda localização implica “identificar e extrair um objeto ou situação entre outras, e desse modo, construir a referência a um certo tipo em um domínio determinado. Trata-se de estabelecer uma relação de diferenciação baseada na alteridade” (Rezende, 2000, p. 102).

Por último, as relações enunciativas ou situação dois (SIT2) não são dissociadas das relações predicativas. São tomadas como um pacote de relações entre, de um lado, o

sujeito enunciador (S) e o sujeito do enunciado e, de outro lado, o tempo da enunciação e o tempo do enunciado, os quais são diferentes. O tempo da enunciação consiste no momento da produção do enunciado e o tempo do enunciado constitui o momento para o qual o enunciado remete (Vignaux, 1995).

A relação enunciativa aciona o esquema básico de uma interação verbal, isto é, quem enuncia? O que enuncia? A quem enuncia? Dado que é a relação enunciativa que consolida a passagem de um pré-enunciado para um enunciado ou situação enunciativa determinada, que ocorre por meio das operações de determinação, da aplicação das categorias de tempo, aspecto e das modalidades. Nessa relação há um movimento, que desloca um certo número de significações anteriores, presentes ou possíveis, do sujeito enunciador para promover uma aproximação do objeto que ele supõe existir na experiência do outro (Pria, 2018).

Posto isso, ressaltamos, conforme discorrido na seção 1.2, que o sentido é sempre o resultado de um processo de construção, por isso, a compreensão dos processos de determinação das unidades linguísticas não deve se fundamentar na análise do sentido elaborado no enunciado, e na simulação e reconstrução de esquemas abstratos que sustentam a trajetória que o sujeito faz em busca de estabilizar um valor. Assim, nos aproximamos da compreensão de invariância proposta na TOPE, mas antes vejamos a assunção culioliana de modalidade e aspecto.

### 3.5. A MODALIDADE E O ASPECTO

São as operações de modalização que determinam a relação predicativa no que respeita à forma (e ao grau) como o sujeito enunciador S assume essa relação predicativa (Campos, 1997, p. 152).

Conforme explicita a epígrafe, em uma perspectiva culioliana, a modalidade é compreendida enquanto uma categoria gramatical que incide sobre a relação predicativa no processo de construção do enunciado. Culioli (1985) distingue quatro tipos de modalidades. As primeiras modalidades são as de asserção (afirmação ou negação), as de interrogação e as injuntivas. Consideremos os exemplos a seguir:

16. Eu não fui para a academia hoje.

17. Você vai para a academia hoje?

17a. Sim, eu vou.

17b. Não, não vou.

17c. Talvez eu vá.

18. Eu queria um sorvete.

Em 16, podemos observar marcada uma assunção negativa sobre a relação <alguém ir para a academia>. A asserção é a responsável por marcar essa assunção. Parafraseando 16, podemos ter: “Eu fui para academia hoje”. Nesse caso, a asserção marca uma assunção positiva sobre a relação. Já em 17, a interrogação marca que o sujeito enunciador

se absolve de assumir um valor (positivo ou negativo) sobre a relação. É o coenunciador que será o responsável por assumir um valor positivo (17a), negativo (17b) ou de incerteza (17c).

A injunção marca uma oscilação entre um valor assertivo e um valor interrogativo, o que podemos observar através do exemplo 18 que representa um pedido. Assim, notamos que as modalidades 1 explicitam que “a questão é a das condições que permitem colocar uma fórmula (seja afirmativa ou negativa) como validável, quer dizer, referenciável” (Rezende, 2000, p. 104).

As modalidades 2 dizem respeito à oscilação entre o necessário e o possível, o eventual e o provável, o certo e o incerto. Vejamos o exemplo a seguir:

19. É possível que ele possa comprar um soquete para você.

Em 19, temos manifestadas essas modalidades, uma vez que elas marcam a incerteza do sujeito enunciador (é possível) com relação à validação da relação predicativa. Essas modalidades podem ser denominadas de modalidades epistêmicas.

Já as modalidades 3 constroem a dimensão apreciativa ou afetiva centralizada no sujeito enunciador. Observemos os exemplos a abaixo:

20. Eu gosto da Maria.

21. Eu considero a Maria elegante.

Em 20, temos manifestadas as modalidades na dimensão afetiva, visto que há um sentimento centrado no sujeito enunciador (eu gosto). Já em 21, temos manifestadas as modalidades na dimensão apreciativa, pois há um julgamento centralizado no sujeito enunciador (eu considero). Comprendemos que são por meio das modalidades 3 ou modalidades apreciativas que se constroem em língua todas as distâncias, as avaliações, as asserções não assumidas pelos sujeitos enunciadores e os julgamentos autocentrados (Vignaux, 1995).

As modalidades 4 ou modalidades intersubjetivas marcam as relações que se estabelecem entre os sujeitos enunciadores. Consideremos o exemplo a seguir:

22. Eu espero que você vá para a academia.

Observemos que em 29 tem-se marcado um desejo do sujeito enunciador em relação ao coenunciador (que ele, o coenunciador, vá para a academia). As relações marcadas por essas modalidades são explicitadas pela expressão de um valor deôntico, da obrigação, da permissão, da sugestão e, como visto no exemplo 21, do desejo.

A questão fundamental que precisamos considerar é a combinatória dessas 4 modalidades no processo de construção dos enunciados. A compreensão dessa combinatória nos permite construir certa representação das coisas e estabelecer

uma relação intersujeito em relação com discursos anteriores (Vignaux, 1995).

Como consequência, em uma situação de enunciação, quando construímos e reconstruímos domínios de referência, necessitamos fazer modulações no tempo e no espaço. São as operações denominadas aspectuais que exercem essa função. O aspecto é o espaço construído por uma trajetória desde um momento de origem até um momento visado, esperado ou atingido.

O jogo dos valores aspectuais vai, de um lado, se situar no plano do que é construído, isto é, daquilo que é predicado no enunciado, delimitando fronteira entre o que não é predicado; e, por outro lado, as operações aspectuais projetam esse espaço sobre um eixo localizado no tempo em que são traçados o tempo da enunciação, o lugar do sujeito em relação ao que ele enuncia e as coordenadas que fixam os instantes e a amplitude do processo (Vignaux, 1995, p. 580-581).

### 3.6. SÍNTESE CONCLUSIVA

O linguista Antoine Culioli, a quem as pesquisas dentro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) devem mensura, tem insistido há mais de quatro décadas que a linguística que ele almeja é aquela que coloca o enigma da linguagem no bojo de seus estudos. Ele tem defendido ao longo desses anos que o espaço de sua linguística está nos estudos da linguagem: aquela atividade simbólica de ordem cognitiva e afetiva apreendida





Em suma, podemos encerrar este capítulo afirmando que estudar as línguas na sua articulação com a linguagem significar explicitar a natureza de um circuito que, ao ligar as partes, conseguimos observar o todo funcionar, e o todo, funcionando é o que delimita as partes (Rezende, 2002).

A vista disso, passemos para o nosso capítulo de análise.

## (IN)DETERMINAÇÃO SEMÂNTICA DA UNIDADE LINGUÍSTICA NOVO

A atividade linguageira implica sempre voltar à origem, ao plano de indistinção dado pela linguagem, através de uma invariante dinâmica, e se apropriar de uma trajetória original de construção de conteúdo (Pria, 2019, p. 10).

Neste capítulo, apresentamos as nossas análises e considerações acerca do funcionamento semântico-enunciativo da unidade linguística NOVO em posição atributiva. Ressalte-se que o que nos interessa é observar a linguagem funcionando por meio de enunciados com ocorrência de NOVO. Para tanto, dividimos este capítulo em três seções, são elas: 4.1 O modelo metodológico de Antoine Culioli: o observável e o dado linguístico; 4.2 Processos enunciativos de funcionamento da unidade linguística NOVO: uma análise de ocorrências em posição atributiva; 4.3 Síntese conclusiva: NOVO e o movimento do empírico ao formal.

## 4.1. O MODELO METODOLÓGICO DE ANTOINE CULIOLI: O OBSERVÁVEL E O DADO LINGUÍSTICO

Para passar do empírico ao formal, é necessário, graças a um programa metódico de pesquisa, estabelecer objetivos onde a riqueza de descrições minuciosas se encontre com a sutileza dos procedimentos de representação e cálculo. Esta é outra maneira de dizer que não há ciência sem teoria (Culioli, 1990, p. 24)<sup>46</sup>.

Iniciamos esta seção, tomando como referência as palavras de Culioli, para dizer que a nossa metodologia de análise consiste na atividade de manipulação teoricamente controlada e reformulação de enunciados, isto é, a prática de elaboração de glosas e paráfrases. O trabalho do linguista culioliano é, de acordo com Rezende (2018, p. 188), se apropriar dos espaços enunciativos e, sustentado pelos pressupostos teóricos, estudar os ajustamentos, a equilibração na intimidade de suas representações.

É importante salientarmos que, o sujeito está inscrito tanto no objeto de estudos quanto no tipo de dado linguístico. Por consequência, quando o linguista se apropria dos espaços enunciativos, esses mesmos espaços o transformam em sujeito. Concebemos a apropriação como a capacidade que o

---

46 No idioma original: "pour passer de l'empirique au formel, il faut, grâce à un programme de recherche méthodique, établir des objectifs où la riqueza des descriptions fines rencontre la subtilité des procédures de représentation et de calcul. c'est une autre façon de dire qu'il n'y a pas de science sans théorie" (Culioli, 1990, p. 24).

sujeito tem de se instaurar como origem do discurso, pois ela é a responsável por suscitar a transformação do conhecimento, da construção e definição do sujeito (Rezende, 2018, p. 189).

Portanto, os enunciados que selecionamos para as nossas análises foram elaborados por nós mesmos, a partir da nossa experiência linguageira com as ocorrências da unidade linguística NOVO. Essa escolha se justifica por compreendermos que nós somos a própria manifestação da linguagem.

Elaboramos um total de 20 enunciados com ocorrência da unidade linguística NOVO. Nossas análises privilegiaram enunciados em que NOVO aparece em posição atributiva. Desse modo, por opção metodológica, não iremos analisar enunciados como, por exemplo: I) O que há de NOVO no Ensino Médio?; II) Eu quero o NOVO em tudo. Deixaremos para pesquisas posteriores a análise de ocorrências de NOVO do tipo dos exemplos I e II.

Organizamos os enunciados elaborados para a análise em dois grupos. São eles: grupo 01: NOVO anteposto ao nome; e grupo 02: NOVO posposto ao nome. Vejamos:

Quadro 13: Grupos de enunciados para análises

<b>Grupo 01 – NOVO anteposto ao nome</b>
<b>ENUNCIADO 01:</b> Hoje eu preparei um novo prato para o jantar.
<b>ENUNCIADO 02:</b> O João está infectado com o novo coronavírus.
<b>ENUNCIADO 03:</b> Um novo livro de Manuel de Barros foi publicado.

<b>ENUNCIADO 04:</b> O novo computador da biblioteca é rápido.
<b>ENUNCIADO 05:</b> Eu ouvi uma nova música do Caetano Veloso.
<b>ENUNCIADO 06:</b> Foi o novo plano de carreira que causou a greve da empresa.
<b>ENUNCIADO 07:</b> Um novo iphone é mais caro que um carro popular.
<b>ENUNCIADO 08:</b> Conheça a nova UNEMAT.
<b>ENUNCIADO 09:</b> A nova parada de ônibus fica perto da minha casa.
<b>ENUNCIADO 10:</b> Eis aqui um novo carro.
<b>Grupo 02 – NOVO posposto ao nome</b>
<b>ENUNCIADO 01.1:</b> Hoje preparei o prato novo para o jantar.
<b>ENUNCIADO 02.1:</b> O João está infectado com o coronavírus novo.
<b>ENUNCIADO 03.1:</b> Um livro novo de Manuel de Barros foi publicado.
<b>ENUNCIADO 04.1:</b> O computador novo da biblioteca é rápido.
<b>ENUNCIADO 05.1:</b> Eu ouvi a música nova do Caetano Veloso.
<b>ENUNCIADO 06.1:</b> Foi o plano de carreira novo que causou a greve da empresa.
<b>ENUNCIADO 07.1:</b> Um iphone novo é mais caro que um carro popular.
<b>ENUNCIADO 08.1:</b> Conheça a UNEMAT nova.
<b>ENUNCIADO 09.1:</b> A parada de ônibus nova fica perto da minha casa.
<b>ENUNCIADO 10.1:</b> Eis aqui um carro novo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A organização dos enunciados elaborados para as análises nesses dois grupos tem como justificativa o fato de que compreendemos, com base em De Vogüé (2009, p. 52), que anteposição e a posposição de NOVO são regidas por operações enunciativas distintas, o que, apesar de parecer óbvio, é um primeiro passo para se pensar o processo de categorização atrelado às relações intra e intersubjetivas.

Por conseguinte, o que fazemos, enquanto exercícios em nossas análises, é de maneira geral, um processo de montagem e desmontagem dos enunciados com ocorrência da unidade linguística NOVO. Em outras palavras, a desmontagem ou desconstrução de um enunciado de partida, isto é, dos enunciados elaborados para as análises, e, em seguida, uma simulação ou montagem dos enunciados desmontados.

Para tanto, tomamos como orientação metodológica o movimento realizado por Pria, Cumpri e Karim (2019), que consiste na criação de alguns fenômenos que simulam um diálogo entre dois sujeitos. O objetivo dessa simulação é explicitar o processo de determinação da linguagem através da análise de enunciados. Destarte, de modo similar aos autores anteriormente citados, construímos aqui alguns fenômenos que simulam um diálogo, como ocorrências da unidade linguística NOVO em posição atributiva, entre dois sujeitos, aqui denominados A e B. Acreditamos que esse percurso metodológico nos permitirá compreender de que modo a variação experiencial fundamenta a determinação dos sentidos da unidade linguística NOVO em posição atributiva.

Dadas essas considerações teóricas e metodológicas, na sequência, trazemos as nossas análises.

## 4.2. PROCESSOS ENUNCIATIVOS DE FUNCIONAMENTO DA UNIDADE LINGUÍSTICA NOVO EM POSIÇÃO ATRIBUTIVA: UMA ANÁLISE

Esperamos deixar claro que nos interessamos pelo que a língua diz e refere (a representação) apenas como coadjuvante para descobrir como ela faz quando diz e refere (Rezende, 2000, p. 231).

Consideremos o enunciado a seguir:

**ENUNCIADO 01:** Hoje preparei um novo prato para o jantar.

Em 01, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /prato/ no tempo-espaço em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de prato para alguém> é o caso P. O modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que desencadeia obstáculos para se dizer <Hoje preparei um prato para o jantar>, isto é, a possibilidade de enunciar <Hoje preparei um novo prato para o jantar> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor essa alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A e B estão falando sobre o jantar e A enuncia:



A1) Hoje preparei um prato para o jantar.

E B questiona:

B1) Já sei, macarrão.

A, por sua vez retruca:

A2) Não. Hoje preparei um novo prato para o jantar.

E B argumenta:

B2) pensei que fosse, pois você sempre faz macarrão para o jantar.

Em se dizendo <Hoje preparei um prato para o jantar> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /prato/, no tempo-espaço em se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. Essa estabilidade de B pode ser explicitada através da asserção afirmativa em B1(Já sei, macarrão), o que nos mostra que A e B já não estão no mesmo plano referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadores precisam estar no mesmo plano referencial.

Observemos que o enunciado 01 é custoso enunciativamente. Isso ocorre porque entra em jogo o fato de “um prato” se opor ao que “não é prato” como, por exemplo, um pastel. Na sequência do diálogo entre A e B, quando se esclarece que esse prato é macarrão, já que toda vez que há um prato, é sempre o mesmo, é isso que leva ao enunciado “um NOVO prato”.

A unidade linguística NOVO marca em 01 a saída do obstáculo construído ao tornar /prato/ visível, isto é, a ocorrência /prato/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. Observemos que em 01 tem-se a passagem de uma ocorrência qualquer de <prato> para uma ocorrência localizada de <prato>. No diálogo em questão, X (prato) é localizada em relação a A (sujeito enunciador). Dessa maneira, /prato/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamada de prato para alguém> em 01. Tem-se, portanto, em 01 um valor preponderante de QNT.

A partir de 01, temos o seguinte enunciado:

01.1. Preparei o prato novo para o jantar.

Em 01.1, <Preparei o prato novo para o jantar> (que é recente; que não existia antes; que foi feito, concluído ou inventado recentemente) NOVO localiza uma ocorrência de /prato/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /prato/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /prato/. O artigo o de /prato/ é marcador do processo de reidentificação. Se tomamos a relação <alguém preparar prato>, podemos ter:

01.1.1 Alguém preparou um prato (alguém preparou um prato que não era conhecido pelo demais antes).

01.1.2 Alguém preparou o prato hoje (alguém preparou um prato que já era conhecido pelo demais).

A partir de 01.1.1 e 01.1.2, notemos que há uma leitura subjetiva do sujeito enunciador em relação a <alguém preparar prato>. Vejamos o diálogo a seguir:

A e B estão conversando sobre o jantar e B enuncia:

B1) Você poderia preparar o jantar hoje.

E A questiona:

A1) Que prato eu preparo?

B responde:

B2) O prato novo.

A, então, pergunta:

A2) De que prato você está falando?

E B responde:

B3) O prato que você criou com cenoura e camarão.

E A finaliza:

A3) Sim, agora lembrei.

Observemos que a ocorrência X (prato novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (prato) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaco em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 01.1.

Passemos para o próximo enunciado:

**ENUNCIADO 02** – O João está infectado com o novo coronavírus.

Em 02, NOVO situa uma ocorrência de /coronavírus/ no tempo-espaco em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de coronavírus para alguém> é o caso P. O modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que impede de dizer <O João está infectado com o coronavírus>. A possibilidade de enunciar <O João está infectado com o coronavírus> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, isto é, a introdução de uma ocorrência de /coronavírus/ em relação a um dado espaco referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor a alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

Em uma conversa sobre os colegas da faculdades A diz B:

A1) O João está infectado com o novo coronavírus.

E B questiona A:

B1) O coronavírus já existia antes da pandemia?

A explica para B:

A2) Sim, já existia. O que se tem agora é o novo agente do coronavírus (nCoV-2019).

Em se dizendo <O João está infectado com o novo coronavírus> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B). A interrogação, em B1, explicita essa dissimetria entre A e B, que já não estão no mesmo plano referencial. A alteridade foi instaurada. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadorees precisam estar no mesmo plano referencial. B lança sobre A a responsabilidade de assumir um valor (positivo, negativo ou de incerteza) sobre a relação <coronavírus existente>. Ainda que, tanto A quanto B, usem o artigo o em A1 e B2, respectivamente, marcando uma reidentificação da ocorrência /coronavírus/, a ocorrência de /coronavírus/ em A1 explicita à experiência singular de um mesmo sujeito (A) em diferentes tempos-espacos que não aquele compartilhado com B. A ocorrência /coronavírus/ é identificada, em A2 com / nCoV-2019/.

A unidade linguística NOVO marca a saída do obstáculo construído ao tornar /coronavírus/ visível, isto é, /coronavírus/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso entre A e B. Assim /coronavírus/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de coronavírus

para alguém> em 02. Tem-se, portanto, em 02 um valor preponderante de QNT.

A partir de 02, temos o seguinte enunciado:

02.1 O João está infectado com o coronavírus novo <sup>\*47</sup>

Em 02.1, <O João está infectado com o coronavírus novo> (que é recente; que existe há pouco tempo) NOVO localiza uma ocorrência de /coronavírus/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /coronavírus/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /coronavírus/. O artigo o de /o coronavírus/ é marcador do processo de reidentificação. Ressalte-se o alto custo enunciativo para se enunciar <O João está infectado com o coronavírus novo>. Seria necessária uma situação enunciativa bastante específica para se enunciar 02.1. Vejamos o seguinte diálogo:

A e B estão conversando sobre a pandemia da Covid-19 e A enuncia:

A1) Você viu que a pandemia retornou?

E B responde:

---

47 O asterisco marca o alto custo enunciativo de um enunciado, isto é, marca que um determinado enunciado necessita de uma situação extremamente específica de enunciação para ser enunciado.

B1) A do coronavírus?

A responde:

A2) Sim, isso mesmo. Inclusive, o João está infectado com o coronavírus novo.

E B retruca:

B2) Não entendi o que você quis dizer como coronavírus novo.

Então, A explica:

A3) Estou me referindo a uma outra variante do vírus.

Para que se diga “O João está infectado com o coronavírus novo” em uma situação de enunciação é necessário que os sujeitos enunciadorees saibam do que se trata o coronavírus e compreendam que o vírus sofre mutações, o que ocasiona outras variantes da doença. Assim, a ocorrência X (coronavírus novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (coronavírus) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 02.1. Salientamos que no caso 02.1, o emprego de UM ao invés de O é bem mais aceitável pelos sujeitos enunciadorees e gera menos estranheza.

Vejamos a análise do próximo enunciado:

**ENUNCIADO 03** - Um novo livro de Manuel de Barros foi publicado.

No enunciado 03, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /livro/ no tempo-espaço em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de livro para alguém> é o caso P. O modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que impossibilita de dizer <Um livro de Manuel de Barros foi publicado>. A possibilidade de enunciar <Um livro de Manuel de Barros foi publicado> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, isto é, a introdução de uma ocorrência de /livro/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. O que queremos dizer é que, em uma diálogo entre A e B, há uma contestação por parte de B. B entende o que foi dito por A de um jeito e A, por conta disso, reformula o seu dito. Para visualizarmos melhor essa alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A e B estão em uma livraria e A enuncia:

A1) Um livro de Manuel de Barros foi publicado hoje.

E B retruca:

B1) Você quer dizer uma versão atualizada?

A2) Não. Quero dizer que um novo livro de Manuel de Barros foi publicado hoje.



Em se dizendo <Um livro de Manuel de Barros foi publicado> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /livro de Manuel de Barros/, no tempo-espaço em que se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. A interrogação em B1 marca gesto de dúvida de B e, ao mesmo tempo, a sua busca pelo ajustamento através da possível validação de A. No entanto, em A2, como é possível observarmos, não marca uma asserção negativa sobre a relação <livro ser versão atualizada>, isso explicita a não validação de A, bem como o fato de que A e B já não estão no mesmo plano referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadorees precisam estar no mesmo plano referencial.

A unidade linguística NOVO marca a saída do obstáculo construído ao tornar /livro/ visível, em outras palavras, /livro/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. Observemos que em A2 o termo um é o marcador de passagem uma ocorrência (0) <nenhuma ocorrência de livro> para uma ocorrência (1) <uma ocorrência localizada de livro>. No diálogo em questão, X (livro) é localizado em relação a A (sujeito enunciador). Desse modo, /livro/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamada de livro para alguém> em 03. Tem-se, portanto, em 03 um valor preponderante de QNT.

A partir de 03, temos o seguinte enunciado:

03.1 O livro novo de Manuel de Barros foi publicado hoje.

Em 03.1, <O livro novo de Manuel de Barros foi publicado hoje> (que é recente; que existe há pouco tempo) NOVO localiza uma ocorrência de /livro/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional (livros de Manuel de Barros), e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /livro/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /livro/. O artigo o de /o livro/ é marcador do processo de reidentificação. Ressalte-se, diferentemente do que ocorre com 02.1, aqui não seria necessária uma situação enunciativa bastante específica para se enunciar <O livro novo de Manuel de Barros foi publicado hoje>.

Logo, ocorrência X (livro novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (livro) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 03.1.

Se tomamos a relação <alguém publicar livro> podemos intuir que em 03, “O novo livro de Manuel de Barros foi publicado hoje”, pode estabilizar “o livro que ele escreveu”; já em 03.1, “O livro novo de Manuel de Barros foi publicado hoje”, pode

estabilizar “um livro que é de posse de Manuel de Barros, um livro que Manuel de Barros comprou e que está NOVO”.

Vejamos a análise do próximo enunciado:

**ENUNCIADO 04** - O novo computador da biblioteca é rápido.

Em 04, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /computador/ no tempo-espaço em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de computador para alguém> é o caso P. O modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que impossibilita de dizer <o computador da biblioteca é rápido>. A possibilidade de enunciar <o computador da biblioteca é rápido> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, dito de outra forma, a introdução de uma ocorrência de /computador/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor a alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A e B precisam fazer uma determinada pesquisa para um trabalho da faculdade e A enuncia:

A1) Preciso de um computador para fazer a minha pesquisa.

E B responde:

B1) O computador da biblioteca é rápido.

Por sua vez, A retruca:

A2) Não é mesmo.

E B esclarece:

B2) O novo computador da biblioteca é rápido.

E A responde:

A3) Não sabia que a biblioteca tinha um novo computador.

E B, conclui:

B3) Sim, tem.

Em se dizendo <O computador da biblioteca é rápido> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /computador/, no tempo-espaço em se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. Por sua vez, a experiência singular de A com /computador da biblioteca/ faz com que ele não atribua a /computador da biblioteca/ a propriedade de <ser rápido>, como é possível observarmos em A2, em que não marca uma asserção negativa sobre a relação <computador da biblioteca ser rápido>, isso explicita a não validação de A, bem como o fato de que A e B já não estão no mesmo plano referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadores precisam estar no mesmo plano referencial.

NOVO marca em 04 a saída do obstáculo construído ao tornar /computador/ visível, em outras palavras, /computador/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. No diálogo em questão, X (computador) é localizado em relação a B (sujeito enunciador), em virtude de B validar a existência de /computador/ em B3. Desse modo, /computador/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamada de computador para alguém> em 04. Tem-se, portanto, em 04 um valor preponderante de QNT.

A partir de 04, temos o seguinte enunciado:

04.1 O computador novo da biblioteca é rápido.

Em 04.1, <O computador novo da biblioteca é rápido> (que é recente; que tem pouco ou nenhum uso; que acaba de ser adquirido) NOVO localiza uma ocorrência de /computador/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /computador/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /computador/. O artigo o de /o computador/ é marcador do processo de reidentificação.

Se considerarmos a relação <computador ser rápido>, podemos ter:

04.1.1 O computador da biblioteca é rápido.

04.1.2 O computador da biblioteca não é rápido.

A partir de 04.1.1 e 04.1.2, é possível percebermos que o sujeito enunciador faz uma leitura, a partir das suas experiências com “computador da escola”, e enuncia a relação <computador ser rápido>. Em 04.1.1, o sujeito enunciador confirma a relação, em 04.1.2, por sua vez, a negação, marcada pelo termo não remete para o bloqueio da construção da relação <computador ser rápido>.

Em suma, ocorrência X (computador novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (computador) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 04.1.

Vejamos a análise do próximo enunciado:

**ENUNCIADO 05** – Eu ouvi uma nova música do Caetano Veloso.

Em 05, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /música/ no tempo-espaço em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de música para alguém> é o caso. O modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que impossibilita de dizer <Eu ouvi a música do Caetano Veloso>.

A possibilidade de enunciar <Eu ouvi a música do Caetano Veloso> a introdução de uma ocorrência de /música/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor a alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A foi para uma apresentação musical do cantor Caetano Veloso e enuncia:

A1) Eu ouvi a música do Caetano Veloso.

E B, por saber que A foi para uma apresentação musical de Caetano Veloso retruca:

B1) E seria diferente?

A2) Não é isso. Quero dizer que ouvi uma nova música do Caetano Veloso que foi lançada no show.

E B responde:

B2) Agora entendi.

Em se dizendo <Ouvi a música do Caetano Veloso> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /música/, no tempo-espaço em se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. Essa noção de estabilidade de B pode ser explicitada através da interrogação em B1 (Seria diferente?). Em A2, não marca uma asserção negativa sobre a relação <Não seria diferente>, isso explicita a não validação de A, bem como o fato de que A e B já não estão no mesmo plano

referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadores precisam estar no mesmo plano referencial.

A unidade linguística NOVO marca em 05 a saída do obstáculo construído ao tornar /música/ visível, em outras palavras, /música/ ganha existência, passa a ser referida no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. Observemos que em A2 o termo uma é o marcador de passagem uma ocorrência (0) <nenhuma ocorrência de música> para uma ocorrência (1) <uma ocorrência localizada de música>. No diálogo em questão, X (música) é localizado em relação a A (sujeito enunciador). Em B2, B valida a ocorrência de /música/ por meio do marcador entendi, bem como explicita que a partir daquele momento passa a integrar o mesmo plano referencial de B. Desse modo, /música/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamada de música para alguém> em 05. Tem-se, portanto, em 05 um valor preponderante de QNT.

A partir de 05, temos o seguinte enunciado:

05.1 Eu ouvi uma música nova de Caetano Veloso

Em 05.1, <Eu ouvi uma música nova de Caetano Veloso> (que é recente; que revela novidade; que acaba de ser lançada) NOVO localiza uma ocorrência de /música/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional de /música/, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que



houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /música/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /música/. A partir da relação <Ouvir música de Caetano Veloso> podemos ter o seguinte diálogo entre A e B.

A e B estão ouvindo música e A enuncia:

A1) Insere a música do Caetano Veloso para mim na minha *playlist*.

E B questiona:

B1) Que música?

E A explica:

A2) A nova.

Observemos, a partir do diálogo dado, que pode haver diversas músicas de Caetano Veloso lançadas a pouco ou muito tempo, mas ganha existência a que, na percepção compartilhada entre A e B, tem lançamento mais próximo do tempo da enunciação. Logo, a ocorrência X (música nova de Caetano Veloso) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (música de Caetano Veloso) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaco em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 05.1.

Passemos para a análise do próximo enunciado:

**ENUNCIADO 06** - Foi o novo plano de carreira que causou a greve da empresa.

No enunciado 06, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /plano de carreira/ no tempo-espaco em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de plano de carreira para alguém> é o caso. O modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que impossibilita de dizer <Foi o plano de carreira que causou a greve da empresa>. A possibilidade de enunciar <Foi o plano de carreira que causou a greve da empresa> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, ou seja, a introdução de uma ocorrência de /plano de carreira/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor a alteridade, segue o diálogo abaixo entre A e B:

A está relatando sobre a greve da empresa em que trabalha para B. B questiona:

B1) O que causou a greve?

A responde:

A1) Foi o plano de carreira que causou a greve da empresa.

B2) Mas, vocês já têm um plano de carreira?

A responde para B:

A2) Sim, temos.

B retruca:

B3) E qual é o problema?

A argumenta:

A3) Foi o novo plano de carreira que causou a greve da empresa.

B responde:

B4) Agora compreendi.

Em se dizendo <Foi o plano de carreira que causou a greve da empresa> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B). Em B2, a interrogação marca um gesto de dúvida de B e atribui a A a responsabilidade de validar a relação <a existência de um plano de carreira para alguém>. Em A2, a sim é a marca da validação de A sobre relação <a existência de plano de carreira para alguém>. Em B3, a interrogação explicita o fato de que A e B não estão no mesmo plano referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadores precisam estar no mesmo plano referencial.

A unidade linguística NOVO marca em 06 a saída do obstáculo construído ao tornar /plano de carreira/ visível, em outras palavras, /plano de carreira/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. Observemos que o artigo o em 06 <Foi o novo plano de carreira que causou a greve> explicita que o que

sustenta o raciocínio de A são as suas experiências singulares com /plano de carreira/ em diferentes tempos-espacos. No diálogo em questão, X (plano de carreira) é localizado em relação a A (sujeito enunciador).

Em B4, B valida a ocorrência de /plano de carreira/ através do marcador compreendi, bem como explicita que a partir daquele momento passa a integrar o mesmo plano referencial de A. Desse modo, /plano de carreira/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamada de plano de carreira para alguém> em 06. Tem-se, portanto, em 05 um valor preponderante de QNT.

A partir de 06, temos o seguinte enunciado:

06.1 Foi o plano de carreira novo que causou a greve

Em 06.1, <Foi o plano de carreira novo que causou a greve> (que é mais recente que outro; que acaba de ser implantado) NOVO localiza uma ocorrência de /plano/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /plano de carreira/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /carreira/. Se considerarmos a relação <Plano de carreira causar greve> podemos ter o seguinte diálogo:

A e B estão conversando sobre a existência de uma greve na empresa em que trabalham e B questiona:

B1) Você sabe o que provocou a greve?

E A responde:

A1) foi o plano de carreira.

B questiona novamente:

B2) Qual?

E A diz:

A2) O novo.

Observemos que da mesma forma que 05.1 com a música de Caetano Veloso, aqui existem mais de um plano de carreira conhecidos pelos sujeitos enunciadore. Na percepção compartilhada entre A e B, há um plano de carreira mais próximo do tempo da enunciação. Logo, a ocorrência X (plano novo de carreira) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (plano de carreira) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 06.1.

Passemos para a análise do próximo enunciado:

**ENUNCIADO 07** – Um novo iphone é mais caro que um carro popular.

Em 07, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /iphone/ no tempo-espaço em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de iphone para alguém> é o caso. O modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que impossibilita de dizer <Um iphone é mais caro que uma moto>. A possibilidade de enunciar <Um novo iphone é mais caro que uma moto> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, ou seja, a introdução de uma ocorrência de /iphone/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor a alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A e B estão caminhando pela rua e depois de ver um outdoor A enuncia:

A1) Veja, um iphone é mais caro que uma carro popular.

B responde questionando:

B1) Você tem certeza de que um iphone é mais caro que um carro popular?

A constrói seu enunciado e diz:

A2) Sim, veja no outdoor.

B finaliza dizendo:

B2) Agora compreendi. Quis dizer que um novo iphone é mais caro que um carro popular.

A3) Sim, isso mesmo.

Em se dizendo <um iphone é mais caro que um carro popular> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /iphone/, no tempo-espaço em que se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. Essa noção de estabilidade de B pode ser explicitada através da interrogação em B1 (Você tem certeza de que um iphone é mais caro que um carro popular?). Em A2, sim marca uma asserção positiva sobre a relação <Você tem certeza de que um iphone é mais caro que um carro popular?>, isso explicita a validação de A, bem como o fato de que A e B já não estão no mesmo plano referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadorees precisam estar no mesmo plano referencial.

A unidade linguística NOVO marca em 07 a saída do obstáculo construído ao tornar /iphone/ visível, em outras palavras, /iphone/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. Observemos que em A2 o termo um é o marcador de passagem uma ocorrência (0) <nenhuma ocorrência de iphone> para uma ocorrência (1) <uma ocorrência localizada de iphone>. No diálogo em questão, X (iphone) é localizado em relação a A (sujeito enunciadoree). Em B2, B valida a ocorrência de /iphone/

por meio do marcador compreendi, bem como explicita que a partir daquele momento passa a integrar o mesmo plano referencial de B. Desse modo, /iphone/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamado de iphone para alguém> em 07. Tem-se, portanto, em 07 um valor preponderante de QNT.

A partir de 07, temos o seguinte enunciado:

07.1 O iphone novo é mais caro que um carro popular.

Em 07.1, <O iphone novo é mais caro que um carro popular> (que apareceu há pouco tempo; que é recente; que não existia antes) NOVO localiza uma ocorrência de /iphone/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /iphone/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /iphone/. O artigo o de /o iphone/ é marcador do processo de reidentificação. A partir da relação <lphone ser caro> podemos ter o seguinte diálogo:

A e B estão conversando sobre o preço dos alguns aparelhos celulares e A enuncia:

A1) O lphone é mais caro que um carro popular.

B, então, questiona:



B1) Qual Iphone?

E A responde:

A2) O novo.

Notemos que ganha existência na situação enunciativa ilustrada pelo diálogo anterior, a ocorrência de <Iphone> que tem lançamento mais próximo em relação ao tempo-espaço da enunciação em conformidade com a percepção compartilhada de A e B. Desse modo, a ocorrência X (iphone novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (iphone) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 07.1.

Ressalte-se que se tomarmos a relação <Iphone ser caro> podemos intuir que em 07, “O novo iphone custa mais caro do que um carro popular”, não é necessariamente um aparelho sem uso, é apenas o modelo novo; já em 07.1, “Um iphone novo custa mais caro do que um carro popular”, que iphone sem uso custa mais do que algum carro popular, mas não necessariamente todos.

Vejam os a análise do próximo enunciado:

**ENUNCIADO 08** - Conheça a nova UNEMAT.

Em 08, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /UNEMAT/ no tempo-espaço em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de UNEMAT para alguém> é o caso. O modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que impossibilita de dizer <Conheça a UNEMAT>. A possibilidade de enunciar <Conheça a UNEMAT> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, ou seja, a introdução de uma ocorrência de /UNEMAT/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor a alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A e B são estudantes da UNEMAT e A enuncia:

A1) Conheça a UNEMAT, B.

E B responde:

B1) Eu já conheço a UNEMAT.

A retruca dizendo:

A2) Conheça a nova UNEMAT.

E B responde:

B2) Não conhecia esta UNEMAT, A.

Em se dizendo <Conheça a UNEMAT> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /UNEMAT/, no

tempo-espaco em que se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. Essa estabilidade de B pode ser explicitada através da asserção afirmativa em B1 (Eu já conheço a UNEMAT), o que nos mostra que A e B já não estão no mesmo plano referencial. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadorees precisam estar no mesmo plano referencial.

A unidade linguística NOVO marca em 08 a saída do obstáculo construído ao tornar /UNEMAT/ visível, em outras palavras, /UNEMAT/ ganha existência, passa a ser referido no espaco referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. NOVO, na realidade, atribui existência a propriedades que UNEMAT antes não tinha. NOVO individualiza UNEMAT: Tem-se uma UNEMAT no passado e tem-se outra UNEMAT agora.

No diálogo em questão, X (UNEMAT) é localizado em relação a A (sujeito enunciador). Em B2, B valida a ocorrência de /UNEMAT/ por meio da marca de negação (não), bem como explicita que a partir daquele momento passa a integrar o mesmo plano referencial de B. Desse modo, /UNEMAT/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamada de UNEMAT para alguém> em 08. Tem-se, portanto, em 08 um valor preponderante de QNT.

A partir de 08, temos o seguinte enunciado:

08.1 Conheça a UNEMAT nova \*

Em 08.1, <Conheça a UNEMAT nova> (que tem pouca idade; que é jovem;) NOVO localiza uma ocorrência de /UNEMAT/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /UNEMAT/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /UNEMAT/. O artigo a de /a UNEMAT/ é marcador do processo de reidentificação.

Ressalte-se que 08.1, assim como em 02.1, tem-se um alto custo enunciativo para se enunciar <Conheça a UNEMAT nova>, portanto, seria necessária uma situação enunciativa bastante específica para se enunciar 08.1. O que seria diferente de <Conheça a UNEMAT quando nova neste documentário sobre a instituição>. Esse enunciado teria mais possibilidades de ser enunciado sem necessidade de uma situação tão específica. Se pensarmos em “campus da UNEMAT” esse enunciado se torna facilmente viável. Vejamos o diálogo a seguir:

A e B estão conversando sobre a expansão da UNEMAT no Estado de Mato e B questiona A:

B1) Você conhece a UNEMAT nova?

A, por sua vez retruca:

A1) Qual?

E B responde:

B2) O campus de Rondonópolis.

Observemos que a ideia de UNEMAT como um todo coloca o obstáculo para o uso do novo em “A UNEMAT nova”. Ressalte-se que enquanto “a nova UNEMAT” pode se referir a mais um campus da UNEMAT, “a UNEMAT nova” faz referência à UNEMAT (que é) nova. UMA UNEMAT > A UNEMAT > A UNEMAT ATUAL, que se distingue temporalmente de outra que já existe. Em outras palavras, o que está em jogo é que a UNEMAT que é nova se distingue de outra (a que não é atual).

Portanto, a ocorrência X (UNEMAT nova) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (UNEMAT) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 08.1.

Passemos para a análise do próximo enunciado:

**ENUNCIADO 09** - A nova parada de ônibus fica perto da minha casa.

Em 09, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /parada de ônibus/ no tempo-espaço em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de parada de ônibus para alguém> é o caso P. O modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que impossibilita de dizer <A parada de ônibus fica perto da

minha casa>. A possibilidade de enunciar <A parada de ônibus fica perto da minha casa> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, ou seja, a introdução de uma ocorrência de /parada de ônibus/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor a alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B:

A e B precisam pegar um ônibus e A enunciar:

A1) A parada de ônibus fica perto da minha casa.

B responde:

B1) Não fica.

A, então, esclarece:

A2) A nova parada de ônibus fica perto da minha casa.

E B enuncia:

B2) A prefeitura construiu uma outra parada?

E A responde:

A3) Sim, construiu.

Em se dizendo <A parada de ônibus fica perto da minha casa> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /parada de ônibus/, no tempo-espaço em que se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. Essa

estabilidade de B pode ser explicitada através da negação em B1(Não fica), o que nos mostra que A e B já não estão no mesmo plano referencial. Em B2, a interrogação marca que B atribui a A a responsabilidade de validar ou não a relação (parada de ônibus construída). Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadorees precisam estar no mesmo plano referencial.

A unidade linguística NOVO marca em 09 a saída do obstáculo construído ao tornar /parada de ônibus/ visível, isto é, a ocorrência /parada de ônibus/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso. No diálogo em questão, X (parada de ônibus) é localizada em relação a A (sujeito enunciador). Dessa maneira, /parada de ônibus/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso <alguma coisa que se pode provisoriamente ser chamada de parada de ônibus para alguém> em 09. Tem-se, portanto, em 09 um valor preponderante de QNT.

A partir de 09, temos o seguinte enunciado:

09.1 A parada de ônibus nova fica perto da minha casa.

Em 09.1, <A parada de ônibus nova fica perto da minha casa> (que é recente; que não existia antes; que foi feito, concluído ou inventado recentemente) NOVO localiza uma ocorrência de /parada de ônibus/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio nocional, e, por outro lado, marca, como

resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /parada de ônibus/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /parada de ônibus/. O artigo a de /a parada de ônibus/ é marcador do processo de reidentificação. A partir da relação <Parada de ônibus ficar perto> podemos ter o seguinte diálogo:

A e B estão comentando sobre a parada de ônibus do bairro em que moram e A enuncia:

A1) A parada de ônibus fica perto da minha casa.

E B questiona:

B1) Qual parada?

E A responde:

A2) A nova.

Notemos que a ocorrência X (parada de ônibus nova) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (parada de ônibus) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaco em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 09.1.

Passemos para a análise do último enunciado:



**ENUNCIADO 10** - Eis aqui um novo carro.

Em 10, a unidade linguística NOVO situa uma ocorrência de /carro/ no tempo-espço em relação ao eu e ao outro. Assim, tem-se <alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de carro para alguém> é o caso P. No entanto, o modo como a relação com o eu e o outro está construída é o que impedi de dizer <eis aqui um carro>. A possibilidade de enunciar <eis aqui um carro> em relação a uma dada situação enunciativa (Sit2) encontra obstáculos, ou ainda de outro modo, a introdução de uma ocorrência de /carro/ em relação a um dado espaço referencial por meio do ato de dizer encontra obstáculos. Para visualizarmos melhor a alteridade, vejamos o diálogo abaixo entre A e B que caminham pela rua:

Ao passar por carro, A enuncia para B:

A1) Eis aqui um carro.

B, por sua vez, responde:

B1) Eu sei o que é um carro.

Em se dizendo <eis aqui um carro> desconstrói-se a simetria entre o eu (A) e o outro (B), pois para B, já estaria construída a existência simbólica da noção /carro/, no tempo-espço em que se inscreve e já estaria estabilizada do ponto de vista intersubjetivo. A e B já não estão no mesmo plano referencial. A alteridade foi instaurada. Para que essa diferença seja superada, os sujeitos enunciadorees precisam estar no mesmo plano referencial. A unidade linguística NOVO marca

a saída do obstáculo construído ao tornar /carro/ visível, isto é, /carro/ ganha existência, passa a ser referido no espaço referencial, bem como passa a ser objeto do discurso.

Vejamos a continuidade do diálogo:

A2) Sei que você sabe o que é um carro. Quis dizer outra coisa.

B2) O que você quis dizer?

A3) Eis aqui um novo carro.

B3) Sim, o carro que acabou de ser lançado pela Toyota, A.

Observemos que em A3 o termo um é o marcador de passagem uma ocorrência (0) <nenhuma ocorrência de carro> para uma ocorrência (1) <uma ocorrência localizada de carro>. No diálogo em questão, X (carro) é localizado em relação a A (sujeito enunciador). Em B3, B valida a ocorrência de /carro/ por meio do marcador sim, bem como ratifica a estabilidade existencial da ocorrência pela reidentificação ao dizer <o carro que acabou de ser lançado pela Toyota>. “A avaliação ou apreciação do sujeito se faz por meio de um processo de comparação entre ocorrências da noção na classe de ocorrências. Esse processo acaba por determinar uma ocorrência específica dela entre outras” (Rezende, 2000, p. 308-309).

Ressalte-se que /carro/, enquanto objeto simbólico em construção, é estabilizado do ponto de vista intersubjetivo e a unidade linguística NOVO ajuda regular o que é o caso

<alguma coisa que se pode provisoriamente chamar de carro para alguém> em 10. Tem-se, portanto, em 10 um valor preponderante de QNT.

A partir de 10, temos o seguinte enunciado:

10.1 Eis aqui o carro novo

Em 10.1, <Eis aqui o carro novo> (como pouco tempo de uso ou nenhum uso; que funciona bem) NOVO localiza uma ocorrência de /carro/ em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio, e, por outro lado, marca, como resultado dessa operação, que houve deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de /carro/, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de /carro/. O artigo o de /o carro/ é marcador do processo de reidentificação, a flechagem. A partir de 01.1 podemos ter o seguinte diálogo:

A e B estão falando sobre um carro recém lançado e B diz:

B1) Eis aqui o carro.

E A retruca:

A1) Que carro?

E B responde:

B2: O carro novo de que falei.

Observemos que ganha existência na situação enunciativa ilustrada pelo diálogo anterior, a ocorrência de <carro> que tem lançamento mais próximo em relação ao tempo-espaço da enunciação em conformidade com a percepção compartilhada de A e B. Desse modo, a ocorrência X (carro novo) é construída a partir da atualização da ocorrência Y (carro) em uma situação enunciativa singular. Em um primeiro momento de diálogo, X é comparado com Y, mesmo que X esteja ancorado em outro tempo-espaço em relação a Y. Posteriormente, é acionado, como já explicitamos, a reidentificação de X com Y. Desse modo, QLT é preponderante em 10.1.

Passemos, a seguir, para a nossa síntese conclusiva.

### 4.3. SÍNTESE CONCLUSIVA: NOVO E O MOVIMENTO DO EMPÍRICO AO FORMAL

Partindo da tese da indeterminação da linguagem, temos de dar conta de explicitar o movimento que traz à existência *alguma coisa* enquanto representação interpretável de uma língua particular num espaço referencial homogêneo. Para tanto, o linguista tem de se apropriar: (a) do posicionamento da invariante de forma num espaço não homogêneo e (b) do sistema de ajustamentos que a passagem do sistema de representações cognitivas (não homogêneo) para o sistema de representações referências (homogêneo), e vice-versa, implica (Pria, 2019, p. 08).

A determinação de sentido das unidades linguísticas é o resultado de uma dinâmica de interação, e não uma inferência que o linguista faz para qual quer encontrar uma expressão adequada em língua. De acordo com Rezende (2000, p. 270), a questão fundamental da linguística, como uma teoria do conhecimento é compreender como ocorre a relação entre sujeito e objeto, isto é, “como o ser humano percebe o mundo físico e mental”.

Voltando-nos para a questão que impulsionou a escrita deste livro (A categorização contribui para a compreensão de como a variação experiencial dos sujeitos fundamenta a determinação dos sentidos da unidade linguística NOVO?), podemos agora dizer que no processo de determinação de sentidos da unidade linguística NOVO em posição atributiva estão implicados conjuntos de operações de linguagem para se chegar a uma estabilidade, que é, por sua vez, sempre temporária.

Com base em nossas análises, é possível afirmamos que a unidade linguística NOVO em posição atributiva regula a variação experiencial do sujeito com o empírico ao singularizar um valor (e não outro) dentre muitos. Em outras palavras, em uma situação de enunciação que é composta de duas variáveis, (S) sujeito(s) enunciador(es) e (T) coordenada espaço-temporal, NOVO abre e ao mesmo tempo fecha o caminho para a alteridade quando os sujeitos singularizam um valor (e não outro) dentre muitos. Pois, o que é representado em um

enunciado não é a realidade acontecida, é, na verdade, uma realidade percebida pelo sujeito enunciador.

Logo, existe um esforço e um trabalho dos sujeitos que se refletem nos enunciados que analisamos com ocorrência da unidade linguística NOVO em posição atributiva. Esse esforço é, por assim dizer, um movimento para promover uma aproximação do objeto que o sujeito supõe existir na experiência do outro. Isto é, “a atividade da linguagem, a atividade simbólica dos seres humanos, é um constante posicionamento em relação à realidade extralinguística, feita pelos sujeitos com o auxílio de sistemas de representação, que são as línguas” (Rezende, 2000, p. 84).

A partir das nossas análises com ocorrências da unidade linguística NOVO, em posição atributiva, nos enunciados de (1) a (10), pudemos chegar às seguintes generalizações acerca da natureza operatória que regula o seu funcionamento:

**I – NOVO é a marca que nos oferece pistas de como é feita a ligação entre os sujeitos do discurso (S1 e S2) e os objetos do discurso em uma relação intersubjetiva**

A partir das nossas análises pudemos perceber que a unidade linguística NOVO marca a superação da alteridade ao introduzir X em um espaço referencial. NOVO, portanto, é uma propriedade do sujeito enunciador tentando reequilibrar as ocorrências de X no tempo-espaço para superar os obstáculos na relação <alguma coisa que se pode chamar provisoriamente de X para alguém> é o caso P. De um lado, NOVO reequilibra as

relações intersubjetivas e, de outro lado, NOVO reorganiza as propriedades nocionais de uma ocorrência X. NOVO constrói a existência de X enquanto objeto do discurso.

## **II – NOVO antepostos ao nome é marca da fragmentação/individualização de uma ocorrência X**

NOVO anteposto ao nome marca a saída de um obstáculo construído ao tornar X visível. X ganha existência e passa a ser referido no espaço referencial. NOVO, na realidade, atribui a existência a propriedade que X antes não tinha. NOVO individualiza X.

## **III – NOVO posposto aciona uma operação de flechagem de uma ocorrência X**

NOVO posposto ao nome marca a atualização de uma ocorrência X em uma situação enunciativa singular. Em outros termos, NOVO localiza uma ocorrência de X em relação ao tipo, que se encontra no interior do domínio. NOVO marca, como resultado dessa operação, a deformação qualitativa da atual noção, que se encontra na fronteira do domínio, como ainda sendo uma ocorrência de X, mas já não sendo exatamente uma ocorrência de X.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza indeterminada da linguagem sustenta as montagens e desmontagens dos valores em língua por meio de uma articulação do léxico com a gramática, também indeterminados (Rezende, 2000, p. 168).

Propusemos neste livro, com base na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli e de seus seguidores, empreender um estudo, por meio da construção de protocolos experimentais que nos permitiram relacionar um conjunto de enunciados, com ocorrências da unidade linguística NOVO em posição atributiva, com uma simulação de diálogo entre sujeitos.

Tivemos como ponto de partida da nossa investigação a buscar por entender se a categorização contribui para a compreensão de como a variação experiencial dos sujeitos fundamenta a determinação dos sentidos da unidade linguística NOVO em posição atributiva em situação singular de prática de linguagem.

Para tanto, foi necessário, em um primeiro momento, compreendermos como a Semântica Formal, a Semântica Cognitiva e a Pragmática assumem a noção de significação linguística. Vimos que as perspectivas supracitadas tomam a significação linguística como um conteúdo previamente



estabelecido em um enunciado. Como consequência, suas análises das unidades linguísticas como, por exemplo, NOVO são realizadas a partir desse valor já dado. Esse tipo de abordagem deixa de lado a observação da trajetória de um valor para outro nos enunciados.

Explicitamos que, ao contrário do que fazem as outras perspectivas supracitadas, no programa de trabalho culioliano investiga-se a natureza do valor estabilizado pelas ocorrências das unidades linguísticas nos enunciados; focaliza-se o movimento das operações de linguagem que se deixam observar enquanto marcas na superfície dos enunciados; bem como observa-se, por assim dizer, a trajetória do nível de representação cognitivo para o nível de representação linguística, mirando em tudo o que ocorre no interior do processo de construção de representação.

A partir disso, em um segundo momento, resolvemos explicitar que existem caminhos que contribuem para o objetivo que propusemos para esta pesquisa e existem caminhos que não contribuem. Assim, apresentamos um conjunto de pesquisas, amparadas pelos pressupostos do programa de trabalho culioliano, cujas análises atestam a viabilidade de se desenvolver um estudo da significação linguística consoante o objetivo que definimos para a nossa pesquisa.

Mostramos também que os estudos realizados pela tradição lógico-gramatical, pela Teoria Gerativa e pela Linguística Funcional, vão na contramão daquilo que colocamos como

objetivo para nosso trabalho. Desse modo, podemos observar que a tradição lógico-gramatical toma o “adjetivo” como um modificador do “substantivo”. Isso implica que desconsideram as manifestações dos sujeitos no processo de construção e estabilização de valores dessas unidades linguísticas.

Os gramáticos assumem que os “adjetivos” podem, de acordo com uso, passarem para outra “classe de palavras”, o que eles denominam de “substantivação”. Mas, desconsideram-se que essas variações são a manifestação dos sujeitos na atividade de linguagem. Em decorrência disso, tratam essas unidades como detentoras de um valor já dado.

Notamos que a teoria gerativa e a linguística funcional assumem a noção de categorias postuladas pela tradição lógico-gramatical. A diferença é que, na teoria gerativa, a variação dos valores dos “adjetivos” é atribuída à sintaxe; a linguística funcional assume o papel do sujeito na construção de valores, mas ele é exterior a atividade de linguagem. Diante disso, foi possível mostrar que a maneira como essas perspectiva trabalham com as unidades linguísticas categorizadas como “adjetivos” e os seus objetivos definidos, não são caminhos viáveis para a nossa pesquisa.

Com o objetivo de explicitar os elementos para um tratamento enunciativo da determinação da linguagem, fizemos uma amostra dos conceitos teóricos e operacionais do programa de trabalho culioliano. Assim, focalizamos as operações de Quantificação e Qualificação por acreditamos que elas são

fundamentais para compreendermos o funcionamento da unidade linguística NOVO em posição atributiva. É importante enfatizarmos que os valores de Quantificação e Qualificação sendo interrelacionados, são as operações subjacentes como a extração, flechagem e varredura que nos levaram a perceber qual valor é preponderante em relação ao outro nas ocorrências de NOVO que analisamos.

Através das nossas análises como ocorrências da unidade linguística NOVO em posição atributiva, chegamos aos seguintes resultados: 1) NOVO anteposto é a marca da saída de um obstáculo construído ao tornar X visível. NOVO é a marca da individuação de X; 2) NOVO posposto ao nome é marca da atualização de uma ocorrência X em uma situação enunciativa singular.

Por fim, concluímos este livro afirmando que a categorização não contribui para a compreensão de como a variação experiencial dos sujeitos fundamenta a determinação dos sentidos da unidade linguística NOVO em posição atributiva. Dessa forma, a noção de classe é substituída pela assunção culioliana de transcategorização. Esperamos que o caminho que trilhamos, os questionamentos e respostas que apresentamos no decorrer deste livro impulse o desenvolvimento de outras pesquisas com a unidade linguística NOVO. Este livro se encerra aqui, mas não se encerra a nossa busca e interesse pelas questões relacionadas a atividade de linguagem e o nosso exercício de ser pesquisador e, sobretudo, um linguista culioliano.

# REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2012.

AMARO, R. F. **Posição do adjetivo e ligação selectiva: especificações para a computação do significado**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/261170691\\_Posicao\\_do\\_Adjectivo\\_e\\_Ligacao\\_Selectiva\\_especificacoes\\_para\\_a\\_computacao\\_do\\_significado](https://www.researchgate.net/publication/261170691_Posicao_do_Adjectivo_e_Ligacao_Selectiva_especificacoes_para_a_computacao_do_significado). Acesso em: 06 ago. 2022.

ARMENGAUD, F. **A pragmática**. São Paulo: Parábola, 2006.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ações**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. v.1.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. *In*:

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. Campinas, SP: Pontes, 2006. v. 2.

BORGES NETO, J. **Adjetivos: predicativos extensionais e predicativos intensionais**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1991.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**: ciência das significações. São Paulo: Educ, 1992.

CAMPOS, M. H. C. **Tempo, aspecto e modalidade**: estudos de linguística portuguesa. Porto: Porto Editora, 1997.

CANÇADO, M. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CEGALA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1966.

CORREIA, C. N. **Estudos de determinação**: a operação de quantificação-qualificação em sintagmas nominais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; FCT, 2002.

CUNHA e CINTRA. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CULIOLI, A. Assertion. *In*: ENCYCLOPÉDIE ALPHA. Grange-Batelière: Paris, 1968. tome 2. p. 463.

CULIOLI, A. **Notes du séminaire de D.E.A., 1983-1984**. Paris: Poitiers, 1985.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

CULIOLI, A. **Escritos**. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2010.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: tours et detours. Limoges: Lambert-Lucas, 2018. tome IV.

CUMPRI, M. L. Sobre o conceito de noção: a visão enunciativa do signo linguístico. **Palimpsesto**, v. 9, n. 11, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/35819/25515>. Acesso em: 05 jun. 2021.

CUMPRI, M. L. **Contribuições ao estudo da ambiguidade da linguagem**: uma proposta linguística educacional. 2012. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/b52299da-109f-4c5d-afb7-ead608343d08/content>. Acesso em: 29 jun. 2021.

CUMPRI, M. L. A linguística culioliana e seus subsídios para investigação dos mecanismos semânticos das línguas naturais. **Revista Ecos**, v. 22, ano 14, n. 1, p. 167-189, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/2294/1885>. Acesso em: 03 out. 2022.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **O programa minimalista**. Lisboa: Caminho, 1995.

DAVIDSON, P. **Inquiries into truth and interpretation**. Oxford: Clarendon Press, 1982.

DE VOGÜÉ, S. Fugaces figures: la fonction énonciative des adjectifs antéposés. In: FRANÇOIS, J. (dir.). **L'adjectif em français et à travers les langues**. Caen: Press Universitaires de Caen, 2004. p. 357-372. *E-book*. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-00651838>. Acesso em: 27 nov. 2022.

DE VOGÜÉ, S. La fonction énonciative des adjectifs antéposés: le groupe nominal et la construction de la référence. **Approches linguistiques et didactiques**, Presses Universitaires de Namur, 2009. p. 45-60.

DE VOGÜÉ, S. de; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 09-13.

DUCARD, D. Sentido oposto, ambivalência, complementaridade: notas de leituras seguidas de um estudo semiolinguístico de abandon. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 72-79, jan./mar. 2009. Disponível em: file:///C:/Users/55659/Downloads/5655-Texto%20do%20artigo-16195-18567-10-20090806%20(1).pdf. Acesso em: 03 jul. 2021.

DUCARD, D. **Enunciação e atividade de linguagem**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

DUFAYE, L. A TOE na formação dos pesquisadores em linguística enunciativa. **Linguagem**, São Carlos, v. 27, n. 1. p. 01-11, 2016. Disponível em: <https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/290/182>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.) **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 27-51. v. 3.

FERRAREZI JR., C. **Semântica**. São Paulo: Parábola, 2019.

FIORIN, J. L. **Adjetivos temporais e espaciais**. São Paulo: NURC, Xerox, 1997.

FODOR, J. A. **The modularity of mind**. Cambridge: MIT Press, 1983.

FUCHS, C. Place et rôle de la variabilité dans les théories linguistiques. In: LAUTREY, J. *et al.* **Invariants et variabilités dans les sciences cognitives**. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2002. p. 157-173. Disponível em: <https://books.openedition.org/editionsmsmh/6702>. Acesso em: 30 out. 2021.

FUCHS, C. O sujeito na teoria de A. Culioli: algumas referências. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 77-85, 1984. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636685>. Acesso em: 02 set. 2022.

FLORES, V. do N. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FRANCKEL, J.-J.; DE VOGÜE, S. Identité et variation de l'adjectif grand. **Langue française**, v. 133, p. 28-41, 2002. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lfr\\_0023-8368\\_2002\\_num\\_133\\_1\\_1044](https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_2002_num_133_1_1044). Acesso em: 05 out. 2021.

FRANCKEL, J.-J. Situation, contexte et valeur référentielle. **Pratiques**, Metz, n. 129-130, p. 51-70, 2006. Disponível em: [http://camus.remi.free.fr/INVLEX/Sit\\_context.pdf](http://camus.remi.free.fr/INVLEX/Sit_context.pdf). Acesso em: 07 nov. 2021.

FRANCKEL, J. J. Referência, referenciação e valores referencias. In: VOGÜÉ, S. de; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 31-55.

FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, Denis. Aspecto da teoria de Antoine Culioli. In: VOGÜÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-101.



FREGE, G. Sobre a sentido e a referência. *In*: FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 74-102.

GRICE, H. P. Logic and conversation. *In*: COLE, P.; MORGAN, J. (ed.). **Speech Acts**. New York: Academic Press, 1979. p. 41-58.

ILARI, R. Alguns problemas semânticos na análise dos adjetivos. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, SP, v. 24, n. 1 p. 41-45, 1993. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636865/4587>. Acesso em: 20 jan. 2022.

JACKENDOFF, R. **Semantic and cognition**. Cambridge: MIT Press, 1985.

JACKENDOFF, R. **Semantic structures**. Cambridge: MIT Press, 1990.

JACKENDOFF, R. **Languages of the mind**. Cambridge: MIT Press, 1992.

KATZ, J. J.; FODOR, J. A. **The struture of a semantic theory, language**. New York: Harper & Row, 1963.

LAKOFF, G. Experiential factors in linguistics. *In*: SIMON ; SCHOLES, R. (ed.). **Language, mind and brain**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1982. p. 142-157.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIMA, F. A. P. **A construção de sentidos pela marca legal em português brasileiro**: um estudo sob a perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2019. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1rZcDnDxkYaXLnQdnu7TFX-d-OPdk\\_07I/view](https://drive.google.com/file/d/1rZcDnDxkYaXLnQdnu7TFX-d-OPdk_07I/view). Acesso em: 02 fev. 2022.

LIMA, M. A. F. **O artigo no processo de construção referencial:** as operações de determinação e indeterminação. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1997. Disponível em: [https://drive.google.com/drive/u/2/folders/0B0i1PQvYuW0dTW1LU2JoemgyUUK?resourcekey=0-wEevJTRwKn\\_7AeU4FCaZCQ](https://drive.google.com/drive/u/2/folders/0B0i1PQvYuW0dTW1LU2JoemgyUUK?resourcekey=0-wEevJTRwKn_7AeU4FCaZCQ). Acesso em: 23 jan.2021.

LIMA, M. A. F. A construção de significação de ocorrências do adjetivo bom: identidade e variação. *In*: LIMA, M. A. F.; ALVES FILHO, F.; COSTA, C. de S. S. M. da. **Linguística e literatura:** percorrendo caminhos. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 45-67.

LIMA, M. A. F. **Unidades lexicais:** identidade e variação em uma dinâmica de interação. Teresina: EDUFPI, 2019.

LIMA, M. A. F. L.; ALENCAR NETO, W. D.; COSTA, J. D. R. (org.). **Lingua(gem) e enunciação:** uma trajetória de pesquisa. Ananindeua: Itacaiúnas, 2020.

LYONS, J. **Semântica.** Lisboa: Editora Presença, 1977. v.1.

MÓIA, T. Sobre classes semânticas de adjetivo. **Cadernos de Semântica**, Lisboa, v. 7, p. 01-24, 1992. Disponível em: [https://www.clul.ulisboa.pt/files/telmo\\_moia/tmoia\\_adjectivos1992.pdf](https://www.clul.ulisboa.pt/files/telmo_moia/tmoia_adjectivos1992.pdf). Acesso em: 29 nov. 2022.

MULLER, A. L. de P.; VIOTTI, E. de C. Semântica formal. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística:** princípios de análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 137-159. v. 2.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, M. H. de M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

NEVES, J. S. B. **Estudo semântico-enunciativo da modalidade em artigo de opinião**. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=9025@1>. Acesso em: 05 dez. 2021.

NEVES, J. S. B. **Corre voz no jornalismo do início do século XIX: estudo semântico-enunciativo do Correio Braziliense e da Gazeta de Lisboa**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

OLIVEIRA, J. A. de. **O contexto da pragmática**. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/viewFile/209/207>. Acesso em: 18 jun. 2022.

OLIVEIRA, R. P. de. Semântica. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. p.17-46. v. 2.

PALMER, F. R. **A semântica**. Lisboa: Edições 70, 1976.

PAVEAU, M. A. As linguísticas enunciativas. *In*: PAVEAU, M.A; SARFATI, G.E. **As grandes teorias linguísticas**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 173-190.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

PUSTEJOVSKY, J. **The generative lexicon**. Cambridge: The MIT Press, England, 1995.

PRIA, A. D. **Para um direcionamento do estudo do adjetivo:** os processos enunciativos de variação semântica de “falso”. 2009. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009. Disponível em: [https://drive.google.com/drive/u/2/folders/0B0i1PQvYuW0dTW1LU2JoemgyUUK?resourcekey=0-wEevJTRwKn\\_7AeU4FCaZCQ](https://drive.google.com/drive/u/2/folders/0B0i1PQvYuW0dTW1LU2JoemgyUUK?resourcekey=0-wEevJTRwKn_7AeU4FCaZCQ). Acesso em: 03 jan. 2020.

PRIA, A. D. A especificidade linguística e não-linguística em articulação com a atividade de linguagem. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 50-56, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/3720>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PRIA, A. D. O diálogo, a significação e a enunciação na articulação da linguagem com as línguas naturais. *In*: PRIA, A. D.; MOTTA, A. L. A. da; DI RENZO, A. M.; MORALIS, E. G. (org.). **Linguagem, escrita e tecnologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 37-50.

PRIA, A. D. Semântica operatória de falso. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 132-146, 2018. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2066>. Acesso em: 25 jun. 2020.

PRIA, A. D.; CUMPRI, M. L.; KARIM, T. M. A identidade das formas linguísticas sob o ponto de vista das operações predicativas e enunciativas. **Letrônica**, v. 12, p. e32120-e32120, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/32120>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PRIA, A. D. A interação do verbo suporte DAR com os processos de construção da significação no português brasileiro. **Delta**, São

Paulo, v. 3, n. 2, p. 01-25, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45110>. Acesso em: 20 out. 2020.

REZENDE, L. M. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 2000. Tese (Livre docência em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

REZENDE, L. M. Operações da linguagem e algumas construções nominais. **Alfa**, São Paulo, v. 46, n. 46, p. 111-127, 2002. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4226/3821>. Acesso em: 26 nov. 2020.

REZENDE, L. M. Diversidade experiencial e linguística e o trabalho do professor de língua portuguesa em sala de aula. *In*: REZENDE, L. M. (org.). **Linguagem e línguas naturais**: diversidades experiencial e linguística. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006. p. 11-21.

REZENDE, L. M. A indeterminação da linguagem e a análise gramatical. *In*: DIAS, L, F. **Língua e enunciação**: roteiro e estações. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018. p. 184-200. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/EnuncMaterialidadeLing2018.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

ROMERO, M. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical**: a polissemia redimensionada - estudo dos verbos *jouer* e *changer*. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: [https://drive.google.com/drive/u/2/folders/0B0i1PQvYuW0dTW1LU2JoemgyUUK?resourcekey=0-wEevJTRwKn\\_7AeU4FCaZCQ](https://drive.google.com/drive/u/2/folders/0B0i1PQvYuW0dTW1LU2JoemgyUUK?resourcekey=0-wEevJTRwKn_7AeU4FCaZCQ). Acesso em: 20 jul. 2022.

ROMERO, M. C. Teoria das operações enunciativas. *In*: ROMERO, M. *et al.* **Manual de linguística**: semântica, pragmática e enunciação. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 175-237.

SANTOS, L. P. dos. **A construção de sentido do adjetivo grande na perspectiva da teoria das operações predicativas e enunciativas (TOPE)**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013. Disponível em: [https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/secao\\_extra.jsf?lc=pt\\_BR&id=348&extra=125719220](https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/secao_extra.jsf?lc=pt_BR&id=348&extra=125719220). Acesso em: 28 out. 2022.

SANTOS, L. P.; LIMA, M. A. F. A construção de sentido do adjetivo grande: um estudo na perspectiva da TOPE. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, p. 340-365, 2014. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/viewFile/506/362>. Acesso em: 20 out. 2022.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2013.

SILVA, C. D. **O processo de qualificação e construção de sentido dos adjetivos falso e fiel na perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5wrKyOZNIBYUG5IbFFKZGM5WUE/view?resourcekey=0-EBRfrxsmYVv5cLuaLfQug>. Acesso em: 25 out. 2022.

SILVA, C. D. Os adjetivos falso e fiel sob a perspectiva da TOPE: um estudo sobre os processos de qualificação e construção de sentido. *In*: LIMA, M. A. F. L.; ALENCAR NETO, W. D.; COSTA, J. D. R. (org.). **Lingua(gem) e enunciação**: uma trajetória de pesquisa. Ananindeua: Itacaiúnas, 2020. p. 109-121.

SOUSA, I. S.; LIMA, M. A. F. Unidades lexicais: identidade e variação em uma dinâmica de interação. *In*: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 23., 2014, Teresina. **Anais eletrônicos [...]**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2014. p. 02-03. Disponível em: <https://www.ufpi.br/seminarios-anais>. Acesso em: 25 out. 2022.

SOUSA, I. S. **Ensino de gramática**: um olhar enunciativo acerca da abordagem dos adjetivos em livros didáticos. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em: <https://tccclvufpi.files.wordpress.com/2017/02/tcc-israel-da-silva-sousa-monografia.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

SOUSA, I. S. **Um estudo das relações de opositividade entre as unidades lexicais novo e velho pelo viés da Teoria das Operações predicativas e Enunciativas**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Mxgll68k-W25o2PEyxXbWt-eQL3TxXiz/view>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOUSA, I. S.; LIMA, M. A. F. A ficção das relações de opositividade entre as unidades lexicais novo e velho: uma análise semântica-enunciativa. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 12, n. 2, p. 128–141, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/4116/3287>. Acesso em: 20 mai. 2020.

SEARLE. **Actos de fala**. Coimbra: Almedina, 1984.

TAMBA, I. **A semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TARSKI, A. The semantic conception of truth. *In*: MARTINICH, A. (org.). **The philosophy of language**. Oxford: Oxford University Press, 1985. p. 341-375.

VENDLER, Z. **Adjectives and nominalizations**. Haia: Mouton, 1968.

VIGNAUX, G. **Le discours acteur du monde**: enonciation, argumentation et cognition. Paris: Ophrys, 1995.

VILELA, M. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1995.

ZAVAGLIA, A. **Pequena introdução à teoria das operações enunciativas**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2016.



## SOBRE O AUTOR



### **Isael da Silva Sousa**

Possui graduação em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí - UFPI - (2016); Mestrado em Letras, com área de concentração em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí - PPGEL/UFPI - (2019); e Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). É membro do Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE/UFPI) e do Grupo de pesquisa Variação e Invariantes na Linguagem (PPGL/UNEMAT). Desde 2021 é professor adjunto na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). É avaliador ad hoc de periódicos na área de Linguística. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística e ensino de Língua Portuguesa. Desenvolve pesquisas pelo viés da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE).

**E-mail:** [isaelsousah@unemat.br](mailto:isaelsousah@unemat.br)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/1103365536666827>

Este livro é fruto da nossa pesquisa de doutorado em Linguística realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/Unemat). Objetivamos, por meio desta obra, apresentar aos leitores um estudo da unidade linguística “novo” em posição atributiva com uma simulação de diálogo entre sujeitos. Para tanto, nos sustentamos teoricamente nos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli e os seus sequenciadores. Organizamos os enunciados para as análises em dois grupos: “novo” anteposto ao nome e “novo” posposto ao nome. Os resultados da nossa pesquisa explicitam o funcionamento da unidade linguística “novo” enquanto marcador de mecanismos de abertura e fechamento de caminho à alteridade.